



**DUARTE NUNO
MAGALHÃES DE
CASTRO**

**IMAGENS DO PORTO: OS GUIAS TURÍSTICOS DE
1864 A 2011**



**DUARTE NUNO
MAGALHÃES DE
CASTRO**

**IMAGENS DO PORTO: OS GUIAS TURÍSTICOS DE
1864 A 2011**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão e Planeamento em Turismo, realizada sob a orientação científica do Doutor António Nuno Rosmaninho Rolo, Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

À minha madrinha, *Maria Teresa*
À minha avó, *Maria Fernanda*
E, por fim,
Aos meus pais, *Paula Cristina e José Augusto*.

o júri

presidente

Prof.^a Doutora Elisabeth Kastenzholz
Professora Associada da Universidade de Aveiro

Prof.^a Doutora Gillian Grace Owen Moreira
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor António Nuno Rosmaninho Rolo
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Neste momento em que olho para o futuro, não posso esquecer o passado. Assim sendo, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para que tenha conseguido atingir este objectivo.

Ao meu orientador de dissertação, o Professor Doutor António Nuno Rosmaninho, pela paciência, pelos ensinamentos, e pelo apoio na concretização deste estudo, e que sabiamente me mostrou que “uma tese não é um labirinto, mas sim um caminho”.

À directora do mestrado de Gestão e Planeamento em Turismo, a Professora Doutora Elisabeth Kastenholz que sempre me recebeu com um sorriso e prontidão para me assistir nas mais pequenas dúvidas.

Aos meus familiares e amigos, em especial:

Nuno Fernandes,
Ruben Brochado,
Liliana Ferreira,
Tiago Coelho,
Joana Pinto,
Vânia Barbosa,
Ana Patrícia Teixeira,
Isabel Carvalho,
Lia Fernandes e
Pedro Magalhães.

Para finalizar, de forma a não me esquecer de ninguém, a todos aqueles tanto de Cabeceiras de Basto, como do Porto que estiveram sempre do meu lado. E se me é permitido dizer no fim deste ano de trabalho,

Dvra Praxis Sed Praxis!

palavras-chave

Porto, Guias Turísticos, Imagem, Cidade, Turismo

resumo

A presente dissertação procura analisar a produção de guias turísticos editados no, e para o Porto. Com o fim de apurar as possíveis imagens transmitidas pelos mesmos nos últimos séculos, é efectuado um enquadramento teórico, sobre o turismo, o guia turístico e a própria cidade do Porto.

Compreendendo o levantamento de fontes documentais nos períodos respeitantes aos séculos XIX, XX e XXI, a análise de conteúdo foi aplicada aos guias escolhidos através do modelo de recorte de texto inspirado em Eduardo Brito Henriques no seu estudo Lisboa Turística de 1996.

A imagem que se identifica aqui não se faz através da opinião dos turistas, mas da expressão dos próprios guias. Desta forma, a imagem da cidade do Porto evolui durante os três últimos séculos, demonstrando a própria vida da cidade a nível cultural, social e mesmo urbanístico..

keywords

Oporto, Guidebooks, Images, City, Tourism

abstract

This thesis looks to analyze the production of guidebooks published in and for Oporto. Its purpose is to discover the possible images transmitted by them in recent centuries, making a theoretical framework on tourism, on the tour guide and the city of Oporto.

Content analysis was applied to the guides chosen by the model “text-clipping” (inspired by Eduardo Brito Henriques, in his study *Lisboa Turística*, 1996), through the understanding of the documentary sources related to the 19th, 20th and 21st centuries.

The concept is not identified through the review of the tourists, but the expression of their own tour guides. This way, the image of Oporto evolves during the last three centuries, providing a new cultural, social and even urban view.

Índice

Índice	VII
Lista de Tabelas	XII
Lista de Figuras	XIII
Lista de Gráficos	XIV
Epígrafe	XV
Introdução	XIX
I Capítulo	1
1 – Uma história do Porto	3
1.1 – Enquadramento histórico	3
1.1.1 – Um nome, um lugar, uma imagem	4
1.1.2 – Séculos de história	5
1.1.3 – O Porto recente	8
1.1.4 – A cidade no século XXI	9
1.2 – Conclusão	10
II Capítulo	11
2 – O turismo	13
2.1 – Os primórdios do turismo	13
2.2 – Definindo <i>turismo</i>	15

2.3 – O fenómeno turístico em Portugal	19
2.3.1 – O turismo no século XIX	19
2.3.2 – O turismo no século XX	20
2.3.3 – O turismo nos inícios do século XXI	23
2.4 – A actividade turística no Porto actualmente	25
2.4.1 – Masterplan	27
2.4.2 – Plano de Gestão do Centro Histórico	28
2.4.3 – O sector hoteleiro	29
2.5 – A imagem do destino Porto	29
2.6 – Conclusão	31
III Capítulo	33
3 – Nos passos dos guias turísticos	35
3.1 – A difícil conceptualização dos guias de turismo	35
3.2 – O surgimento dos guias turísticos	36
3.3 – Género textual próprio ou género literário	39
3.4 – A cidade e os guias	43
3.5 – Os guias como fontes documentais de análise	45
3.5.1 – Os guias de turismo portuenses	45
3.6 – Conclusão	48
IV Capítulo	51
4 – O uso da imagem no turismo impresso	53
4.1 – Definindo <i>imagem</i>	53
4.1.1 – A faceta da imagem nas ciências sociais	55
4.2 – Imagem como auto-retrato	57

4.2.1 – O auto-retrato de uma cidade	58
4.3 – Conclusão	59
V Capítulo	61
5 – O Porto através dos guias	63
5.1 – Apreciação turística	64
5.2 – As transformações turísticas	67
5.3 – A representação dos guias	75
5.3.1 – Os anos de 1864 e 1877	75
5.3.2 – De 1902 a 1996	77
5.3.3 – Entre 2008 e 2011	79
5.4 – Conclusão	80
VI Capítulo	83
6 – As imagens do Porto	85
6.1 – Imagem do século XIX	87
6.2 – Imagem do século XX	91
6.3 – Imagem do século XXI	95
6.4 – Conclusão	96
Considerações finais	97
Referências bibliográficas	103
Anexos	113
Sumário de anexos	115

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Bilhetes vendidos pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses	21
Tabela 2 – Número de chegadas internacionais	23
Tabela 3 – Número total de passageiros desembarcados	26
Tabela 4 – Oferta hoteleira da zona Património da Humanidade	29
Tabela 5 – Quadro-resumo dos adjectivos utilizados na descrição do Porto pelos turistas	30
Tabela 6 – Evolução do número de sócios da Sociedade de Propaganda de Portugal	39
Tabela 7 – A Imagem – características	54
Tabela 8 – Espaço textual médio por temática no século XIX	75
Tabela 9 – Espaço textual médio por temática no século XX	77
Tabela 10 – Espaço textual médio por temática no século XXI	80

Lista de Figuras

Figura 1 – “D. Hugo I, Bispo do Porto”	5
Figura 2 – “Organização territorial na Idade Média”	6
Figura 3 – Quadro-síntese da classificação dos visitantes	17
Figura 4 – Localização espacial dos principais pontos de interesse no século XIX	71
Figura 5 – Localização espacial dos principais pontos de interesse no século XX	72
Figura 6 – Localização espacial dos principais pontos de interesse no século XXI	72
Figura 7 – Palácio de Cristal	77
Figura 8 – Torre dos Clérigos	78
Figura 9 – “Santíssimo Porto”	87
Figura 10 – “Uma cidade do mundo”	91
Figura 11 – “Porto contemporâneo”	95

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Evolução da oferta hoteleira nacional	24
Gráfico 2 – Taxas de ocupação por tipologia em Portugal	25
Gráfico 3 – Evolução do número de passageiros desembarcados no Aeroporto Sá Carneiro	26
Gráfico 4 – Espaço textual médio nos guias por século	66
Gráfico 5 – Espaço textual médio na totalidade dos guias estudados	74

ΕΠΙΓΡΑΦΕ

Balada de despedida do V ano médico

Na maré de capas negras
Nesta Sé de penas
Se agitam as fitas
Em ondas amenas.
Onde reina a côr
Que pinta orações
E se cala a dor
Que há nos corações.

Benze-me a capa senhor
Peço por favor...
Conserva-lhe a história
Dos anos em flor.
A flor que eu perdi
Mal a encontrei
Penso dessa vida
Senhor... sonhei!

Dessa flor que é meu luto
Nascerá o fruto
De uma cor serena
E o mais doce gosto,
Gosto da saudade
Com que eu fiquei
Do Porto cidade
Meu escravo... e Rei.

Grupo de Fados de Medicina do Porto

INTRODUÇÃO

“Everything is in a small scale but when all combined it’s impressive how so much diverse beauty somehow fits in such a tiny country that seems to be a favorite of the sun.” (UCityguides, 2012)

Portugal. Um país tão pequeno, mas com tamanha diversidade que consegue um lugar por entre os dez países mais bonitos do mundo segundo o site UCityGuides. A beleza de Portugal reside na natureza dos Açores, nos jardins da Madeira, nas planícies do Alentejo, e apesar do estado de abandono a que as cidades de Lisboa e Porto são deixadas, possuem cenários de beleza nas margens dos rios que marcam a nossa imaginação.

Apesar deste estado de abandono, as cidades de Lisboa e Porto são as capitais portuguesas, se assim podemos arriscar dizer. No âmbito do Turismo, estes espaços urbanos têm uma maior preponderância face às novas tendências turísticas que se avizinham no espaço europeu e não só. Cada vez mais os turistas visitarão novos espaços em curtos períodos de tempo, os denominados *citybreaks*. Esta realidade tem vindo a ser rastilho para um sem número de estudos relacionados com as cidades e o turismo.

De entre uma variedade de temas que se poderiam associar para estudar as cidades, desde a geografia urbana, o turismo cultural, o património, entre outros, um salta à vista pela sua inovação e curiosidade. Ver uma cidade e o seu turismo, não pela opinião formada pelos turistas, mas sim através dos guias turísticos. Ou seja, através da imagem reflectida nos guias. A cidade de Lisboa já detém alguns estudos neste âmbito mais ou menos similares, como *o Lisboa Turistica* de Eduardo Brito Henriques (1996) ou *A Lisboa dos e nos guias turisticos* de Maria Estela de Moura Dantas Gonçalves (2008).

A ideia de estudar o Porto surgiu não só pela afinidade geográfica, mas também e acima de tudo pela afinidade sentimental resultante da vida académica. Apesar da opinião pública não ser favorável à Praxe, foi esta que, através de todos os seus rituais, deu a conhecer uma cidade que não se resume aos clichés, já um tanto desgastados e votados ao esquecimento do dia-a-dia. Isto desde já suscita alguma dificuldade em manter a imparcialidade. O gosto pela cidade pode criar desequilíbrio

na descrição da mesma, assumindo uma vertente mais optimista ou “propagandista”, que foi combatida na medida do possível.

A estruturação deste trabalho iniciou-se procurando analisar o Porto, sempre tendo em vista a originalidade do estudo. Existem alguns estudos sobre esta cidade, mas que se inserem em temas como *Turismo urbano: a paisagem cultural do Porto* de Catarina Isabel Ramos (2010), *O papel do sector do turismo na reabilitação urbana da baixa do Porto* de Francisco Diogo Azevedo (2010), ou até mesmo *Uma viagem ao “Soho do Porto”* de Sara Joana Dias (2009). Porém, não existe nenhum estudo que se assemelha àqueles já referidos sobre a cidade de Lisboa, utilizando os guias turísticos como objecto de investigação. Isto porque é necessário entender o turismo não apenas na perspectiva dos visitantes, não diminuindo a sua importância obviamente, mas porque é vital perceber como uma cidade se assume perante os visitantes.

A necessidade de perceber a evolução turística da cidade, entender a sua relação com o turismo, caracterizar o Porto do ponto de vista histórico e social, ou até mesmo definir os principais pontos de interesse, começaram então a surgir sob o manto de um único e directo propósito: saber qual a imagem turística do Porto. Desta forma, ocorreu-nos a questão que se tornou fulcral: *Qual ou quais as imagens turísticas do Porto transmitidas pelos guias?*

Para concretizar este (s) objectivo (s) deparámo-nos com alguns problemas que têm a sua importância e devem ser do conhecimento de quem efectua a leitura deste estudo. Para além do já mencionado apego à cidade, o nosso percurso académico nunca se relacionou com esta área de estudos até ao ingresso no mestrado¹. Já no que toca ao estudo em si, deparámo-nos com entraves de ordem geral, como a definição dos objectos de estudo (não seleccionando os almanaques e roteiros cujo objetivo era unicamente o de indicar as ruas e locais) e um reduzido número de guias existentes. Já em relação a dificuldades mais concretas, a difícil adaptação ao método utilizado apenas encontrado no trabalho de Henriques (1996), a necessária categorização

¹ Todo o passado académico desenvolveu-se nas áreas das Humanidades, mais propriamente no âmbito da literatura e cultura, culminando com a licenciatura em Estudos Portugueses e Lusófonos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, passando a estudar o fenómeno do turismo aquando da entrada para o mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo ministrado na Universidade de Aveiro.

temática dos inúmeros pontos de interesse, e também o entendimento dos mesmos tendo em conta a sua finalidade e utilização².

Desta forma, foram determinadas as escolhas metodológicas. Numa primeira fase, procedemos à revisão bibliográfica e procurámos estabelecer os alicerces para o entendimento daquilo que seria a análise da cidade, tendo em conta a história, os guias e a imagem. Num segundo momento, procurou-se identificar os objectos documentais de análise com recurso às bibliotecas públicas do Porto, ao Arquivo Histórico do Porto e também a alguns alfarrabistas. Considerando então o propósito deste trabalho, tentámos conjugar uma análise quantitativa apoiada no método de recorte de texto utilizado por Henriques (1996) com uma análise qualitativa na versão de Gonçalves (2008), frequentemente apoiada na observação directa para permitir um maior e melhor conhecimento dos espaços em questão.

O estudo que se segue está estruturado em seis capítulos, onde os quatro primeiros são como que o alicerce teórico, e os dois últimos são dedicados à apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos.

O primeiro capítulo dá atenção ao enquadramento histórico da cidade do Porto. Começa por caracterizar a cidade do ponto de vista geográfico e histórico. Com a ajuda de uma tabela cronológica (apresentada em anexo), percebemos a razão de esta ser considerada a segunda cidade de Portugal.

O segundo capítulo tem um enfoque eminentemente teórico. Explicita o conceito de turismo e a sua importância em Portugal, com especial atenção para o espaço temporal delimitado pelos guias que serão analisados, os séculos XIX, XX e XXI. De modo a criar um fio condutor, o turismo é posteriormente analisado na cidade do Porto, mostrando desde a oferta hoteleira à importância do aeroporto Francisco de Sá Carneiro com a proliferação das companhias aéreas *lowcost*.

² Isto acontece dado que muitos dos edifícios construídos no Porto mencionados nos guias já não são utilizados com o fim para que foram edificadas. Se tivermos em conta, por exemplo, o edifício da Cadeia da Relação que em guias do século XIX é de facto utilizado como cárcere e nos guias do século XXI já foi transformado no Museu de Fotografia.

Por sua vez, o terceiro capítulo analisa os guias turísticos. Através da conceptualização deste tipo de literatura tentamos entender a razão pela qual podem ser utilizados como fontes documentais fidedignas e importantes. Também neste capítulo se efectua uma descrição dos guias portuenses escolhidos e utilizados para a concretização do estudo, através da identificação dos guias por séculos e referindo autores, anos de edição, etc.

O último capítulo desta introdução teórica aborda a temática da imagem. O quarto capítulo sistematiza o que se entende por imagem, e de que modo nos ajuda a entender a imagem que se procura da cidade do Porto. Mas como procuramos a forma como a cidade se mostra aos visitantes, também se dá uma pequena atenção à imagem como auto-retrato.

Quando chegamos aos quinto e sexto capítulos, atingimos a parte de análise das fontes documentais. O quinto capítulo assume-se como o mais assertivo de todo o estudo, com a análise dos guias. Num momento inicial, efectua-se a apreciação turística dos guias, com identificação das principais áreas temáticas e, posteriormente, os principais pontos de interesse nos séculos referidos. Com isto verificam-se as transformações turísticas que acontecem por entre os guias. Terminando esta análise mais geral, procura-se analisar cada século, com os seus guias respectivos, de forma mais particular. Por fim, o sexto e último capítulo traduz-se na apresentação das hipóteses das imagens para a cidade do Porto. Através da análise anterior dos guias, identifica-se uma imagem turística, representada em imagens criadas através de pontos de interesse da cidade, presentes nos guias.

A dissertação termina com a sistematização das principais conclusões e recomendações retiradas da presente investigação.

I CAPÍTULO

“... o Porto ergue-se em anfiteatro sobre o esteiro do Douro e reclinase no seu leito de granito. Guardador de três províncias e tendo nas mãos as chaves dos haveres delas, o seu aspecto é severo e altivo, como o de mordomo de casa abastada. Mas não o julgueis antes de o tratar familiarmente. Não façais cabedal de certo modo áspero e rude que lhe haveis de notar; trazei-o à prova, e achar-lhe-eis um coração bom, generoso e leal.”

(Herculano, 1970, p. 136)

1. Uma história do Porto

Situada no norte de Portugal, a cidade do Porto é desde tempos imemoriais o centro de uma forma de viver muito própria. Actualmente a própria população aclama que o *Porto é uma nação*, alimentando assim a rivalidade com Lisboa.

Mas esta cidade é muito mais do que aquilo que hoje em dia é o seu cartão-de-visita, como o afamado Vinho do Porto, o seu belíssimo Centro Histórico ou até mesmo o Futebol Clube do Porto. São séculos de história que são pilar do país que hoje é Portugal. E o turismo também se aproveita desse facto, e vai procurar mais e mais às entranhas da cidade, particularidades que lhe confirmam o seu toque especial.

Este primeiro capítulo vai assim fazer uma breve resenha histórica daquilo que foi o povoado anterior à cidade, até ao nascimento desta. Mostrando algumas das modificações culturais e urbanas que anos de evolução provocaram.

1.1. Enquadramento histórico

Com perto de 900 anos de história, esta cidade reconhecida pelo seu orgulho, gastronomia, vinho e futebol é um poço de riquezas. Para melhor conhecer a cidade e entender as suas gentes, mais do que dedicarmos tempo a ler as palavras impressas em livros e revistas, devemos ler as palavras escondidas nas paredes, vagueando pela cidade num esforço de absorver a sua história, as suas memórias, aquela particularidade que embora ocultada, existe e a demarca das demais cidades portuguesas. É com esta observação directa do espaço a estudar, que juntamente com a informação recolhida das bases bibliográficas vamos conseguir a oportunidade para

descobrir a cidade que tão bem se vê reflectida na aposta de marketing para o turismo internacional através do *slogan* “Oportunity to discover”(CMPorto).

1.1.1. Um nome, um lugar, uma imagem

Como já foi dito, o Porto, não é um local parco em memórias e muito menos em história. A própria heráldica da cidade é um resumo presencial e imagético de todos estes séculos passados. O brasão de armas, que podemos observar na figura (Anexo I) é composto por:

“Armas de azul com um castelo de ouro (...) assente num mar de cinco faixas onçadas, sendo três de prata e duas de verde. Sobre a porta, e assente numa mísula de ouro, a imagem da Virgem com diadema na cabeça segurando o manto, tendo o Menino Jesus ao colo (...) Em chefe, dois escudos de Portugal antigo. Coroa mural de prata de cinco torres e Colar da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.”

Apenas o listel que surge por baixo consegue ser ainda mais representativo daquilo que foi, e é, a *“Antiga, Mui Nobre, Sempre Leal e Invicta Cidade do Porto”* (CMPorto, 2006).

Esta leal cidade de que estamos a falar vê desde muito cedo cravada nas suas ruelas e vielas a sua importância. A Nossa Senhora da Vandoma é a sua padroeira, o que lhe vale muitas vezes o nome de Cidade da Virgem. Campo de revoluções e sacrifícios, segundo Camões é a cidade que dá origem ao nome de Portugal. Esta faceta que engloba o sacrifício, a doação quando é necessário lutar pela nação, apenas consegue dar a perceber melhor todas as façanhas de que foi palco e todos os movimentos políticos ocorridos, quer Monárquicos, quer Republicanos (Ferreira, 1928; Passos, 1929).

Metaforicamente falando, o Porto é a cabeça do norte de Portugal, e lidera as regiões envolventes do Minho, Trás-os-Montes e Douro. Está localizada na margem direita do rio Douro, dona de um solo acidentado, rochoso e estéril. Tem por limites a Oeste e a Sul, o oceano Atlântico e o próprio rio, e como limites a Este e Norte, os concelhos de Matosinhos, Maia e Gondomar. As suas coordenadas geográficas são Latitude N.41^o 8’13”, Longitude W. Greenwich 8^o36’8” (Passos, 1929; Oliveira, 1973; Guedes, 1958).

O próprio nome da cidade consegue transmitir a sua geografia e o seu íntimo contacto com o mar. Segundo Cabeças & d'Ara (2003), os romanos quando chegaram a este espaço ter-lhe-iam chamado de "Portus Cale" (Portus: porta, passagem; Cale: porto, abrigo). Este nome poderá mais tarde ter dado origem a Portucale, no entanto quando se tenta referir que o nome *Porto* deriva da evolução de *Portucale*, podemos tomar um caminho erróneo. Com o passar dos séculos o nome Porto começou então a ser utilizado devido a sua condição quase inerente de relação com o mar e o rio, para denominar o povoado marítimo e comercial em espontâneo melhoramento. Portanto, Portugal poderá ter nascido de Portucale, agora, o topónimo Porto, originado em Portucale, é algo mais ambíguo de se afirmar (Machado, 1986; Peres, 1962).

1.1.2. Séculos de história

A importância deste local geográfico não se confina à cidade do Porto, mas sim a todo um conjunto histórico que aqui se fez habitar. O Porto é uma das cidades mais antigas do continente europeu remontando a tempos milenares. Graças aos achados arqueológicos, é possível perceber que os primeiros dados civilizacionais datam do final da Idade do Bronze, e é ainda sentida, fora a natural presença românica, a

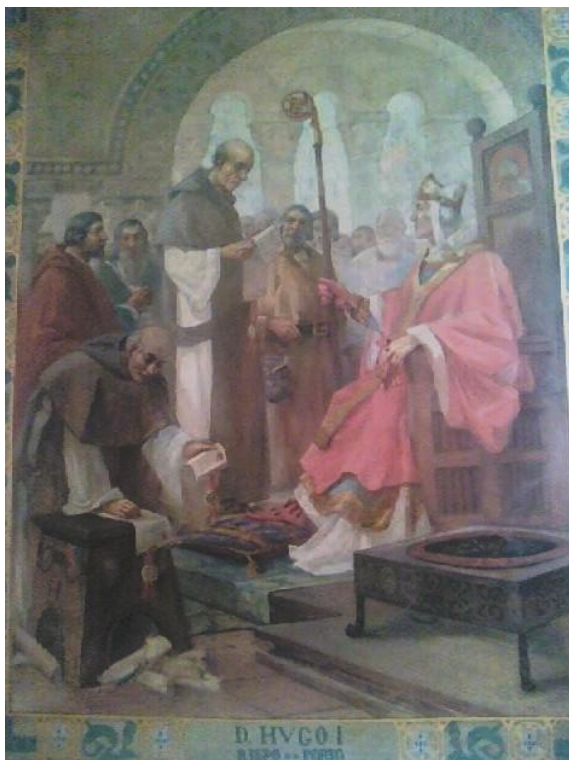


Figura 1 - "D. Hugo I, Bispo do Porto" de Acácio Lino

Fonte: Museu Amadeo de Souza-Cardoso

presença visigótica e a conquista muçulmana em 716, embora existam teorias discordantes deste último acontecimento. O rio é uma qualidade que as povoações não podem descartar e que favorece o comércio. Esta vertente comercial da cidade termina por volta do século XII, onde toda uma identidade comercial é substituída por uma identidade religiosa. Até ao século XIV, o Porto transforma-se numa cidade episcopal (Peres, 1962; Soares, 1962).

A história mais intrínseca da cidade inicia-se em 1120 quando D. Teresa concede ao

bispo D. Hugo um grande território, e este em 1123 concede por sua vez a carta de foral aos moradores. O Porto no século XII era totalmente dominado pelo poder da mitra portuense, sendo um burgo episcopal, ou seja, era na igreja, e assim na pessoa do bispo, que residia o direito de exercer justiça, gerir as terras e receber impostos. Neste período de três anos, houve uma tensão ele e a população o que culminou com uma revolta dos habitantes contra a mitra portuense (Soares, 1962).

Com o evoluir dos tempos, a vida dentro do espaço do burgo começa a necessitar de se expandir para além da muralha primitiva existente, construída à cota alta, o que cria uma necessidade de ordenamento, defesa e de um nível de segurança maior. É então que D. Afonso IV dá a ordem de construção de umas cercas, no século XIV, que delineassem o espaço do burgo pela zona ribeirinha. Porém, como foi durante o reinado de D. Fernando que estas se concluíram, é desta forma que são conhecidas, *Muralhas Fernandinas*, e que ocupam uma área de 900.000 m². A cidade torna-se então como que num labirinto, com ruas tortuosas e estreitas (CMPorto, 2006) que perduram até hoje, e que deixam muito ao imaginário de quem as visita.



Figura 2 - Organização territorial na Idade Média (A- muralha primitiva séc. XII; B- muralha fernandina séc. XIV)

Fonte: "Porto Monumental e Artístico" – Cabeças & d'Ara (2003)

Na última década do século XIV, o arranjo urbanístico começa a ganhar um novo peso. D. João I manda abrir a Rua Nova (actual Rua Infante D. Henrique), e que contrastando com o Porto medieval, vai ganhando importância, porque é eleita pela elite da nobreza e do clero para a construção das suas moradias. Os anos seguintes são vividos com sobriedade, e é nesta altura que as gentes do povo recebem a alcunha de *Tripeiros*, aquando da conquista de Ceuta. Nos inícios do século XVI, a cidade recebe de D. Manuel o “Foral Novo”, que acarreta consigo novos privilégios, e um período de crescimento económico e urbano, com a construção de novas ruas, como a Rua de Santa Catarina das Flores em 1521, que se tornou um local de grande relevância comercial. É neste século que a necessidade de crescimento da malha urbana empurra as novas construções para fora da muralha fernandina (Ramos, 2000).

Segundo o mesmo autor, entre o século XVII e o século XVIII, são realizadas grandes obras de arquitectura barroca, de porte monumental, como por exemplo, o Paço Episcopal e o futuro ex-líbris da cidade, a Torre dos Clérigos, juntamente com a igreja. Estas construções viriam a conceder à cidade um novo contorno. Para finais do século XVIII, o burgo portuense necessitou de uma profunda actualização, o que levou à demolição de parte da muralha. A reestruturação da cidade teve lugar e, com isso, apareceram novos edifícios públicos, religiosos e civis de forte inspiração inglesa, onde a ligação com o vinho do Porto, já se começa a sentir. Na segunda metade do século XVIII, o Porto é alvo de um grande dinamismo económico e demográfico. Todo o historial político-social que viveu, desde as invasões francesas à crise comercial e mesmo ao liberalismo, levam a que a cidade sofra de grandes problemas. Instabilidade económica, degradação da parte mais antiga, que cada vez mais se encontrava sem condições de habitabilidade, diferenciação social acentuada com centro pobre e periferia rica. Com a revolução industrial a cidade torna-se numa cidade operária. No entanto, aposta-se em tornar a cidade notada além-fronteiras, pelo que em 1843, a ponte Pênsil é inaugurada como um feito de engenharia (2000).

Em meados do século XIX assiste-se a um alargamento da malha urbana, com novos hábitos e um maior dinamismo industrial. A nível do urbanismo, a cidade preocupa-se com a reabilitação do centro (abertura da actual Avenida dos Aliados, construção dos

Paços do Concelho), e a expansão para os limites da cidade. As questões sanitárias também são alvo de atenção. A nível das trocas comerciais, o Vinho do Porto começa a fazer-se sentir como marca da cidade, como um produto de excelência (Ramos, 2000).

É também no século XIX, em 1840, que surge a mais antiga agência de turismo, em pleno Porto, a Agência Abreu. Reconhecida como “Casa de Passagens”, funcionava na Rua do Loureiro, junto à estação ferroviária de São Bento (Azevedo F. D., 2010).

1.1.3. O Porto recente

“O Porto recorta-se no horizonte, aqui e acolá, sobressaindo as torres das suas igrejas e, hoje, a massa quase monolítica de algumas edificações modernas”

(Oliveira, 1973, p. 18).

Com o início do século XX, grandes acontecimentos políticos e sociais ocorreram em Portugal, e todos eles tiveram a sua influência tanto na cidade como nas suas gentes, A queda da Monarquia, a implantação da República e a instauração da Ditadura, forneceram os ingredientes para a manutenção da sua faceta lutadora e pioneira. O Porto não deixou de ser cenário de lutas contra os regimes políticos em vigor (Loff & Ferreira, 2010).

Ainda segundo Loff & Ferreira (2010) a sua população estava a crescer, mas a um nível mais lento que no século anterior, porque ao contrário da grande expansão física que a cidade viveu no século XIX, no século XX o Porto teria atingido o seu limite e não poderia crescer para além dos seus limites já conhecidos. A escolha por parte da população começa a recair na periferia. Este pode ser reconhecido como o início dos primeiros bairros de habitação social da cidade. Isto é o rastilho para o declínio populacional que virá a ser corrente durante o século XX até à actualidade. Com a ditadura instalada, as pessoas do interior que aspiram a novas e melhores condições de vida procuram maioritariamente Lisboa, mas o Porto não esmorece mesmo assim e assume-se como a segunda cidade do país, em termos de importância.

Em pleno século XX, apesar das lutas pela liberdade contra o regime, a cidade vê nascer novos artistas que com o 25 de Abril de 1974 se assumem ainda mais

importantes na vida social portuense e nacional, como Sophia de Mello Breyner Andresen, Agustina Bessa-Luís ou Eugénio de Andrade, entre outros. Com a liberdade readquirida pela revolução dos cravos, são muitas as greves e as manifestações que ocorrem na cidade (Cordeiro, 2010).

Ainda segundo Cordeiro (2010) a sua ligação com a cultura ganha um novo vigor, atingindo o seu auge com a vinda de personalidades sonantes à antiga Faculdade de Letras da Universidade do Porto, como Jean-Paul Sartre ou Simone de Beauvoir. Não só as demonstrações culturais ganham mais importância, como

“um dos aspectos positivos registados no Porto nas décadas que se seguiram ao 25 de Abril verificou-se no domínio da educação, com a grande expansão da Universidade do Porto, com 14 faculdades, para além de vários centros de investigação e laboratórios, distribuídos por vários pólos (...) Em 1979 foi reintroduzida a Queima das Fitas, que tinha sido abolida no início dessa década, por ser considerada como uma manifestação retrógrada e reaccionária, indigna do papel que se esperava que os estudantes desempenhassem na sociedade.”
(Cordeiro, 2010, p. 103).

1.1.4. A cidade no século XXI

Nos finais do século XX, o Porto sentiu um maior impulso no que à cultura e internacionalização diz respeito. A declaração do centro histórico *Património da Humanidade* (centro tornado como que numa herança da Humanidade que deve ser defendida e conservada em nome das gerações futuras) pela UNESCO em 1996, fez com que se ganhasse mais atenção para com a zona histórica que vinha a sofrer de uma constante degradação. O espaço delimitado pelo centro histórico tem cerca de 49 hectares (o que inclui as freguesias de S. Nicolau, da Vitória, da Sé e de Miragaia, e apenas uma pequena parte das freguesias de Massarelos, Bonfim e de Santo Ildefonso) e a área envolvente foi também classificada como área de protecção, com cerca de 130 hectares, que inclui os antigos arrabaldes da cidade medieval, tanto do lado do Porto como do lado de Vila Nova de Gaia (Anexo II) (Cabeças & d'Ara, 2003).

A cidade do Porto é então hoje em dia distinguida pelo Centro Histórico e pela zona da Baixa, onde o primeiro é de molde medieval, e a segunda de feição neoclássica

inserindo-se na cidade dos séculos XVIII e XIX (Soares, 1962). Os pontos altos nas últimas décadas podem ser reconhecidos como, em 2001, Porto Cidade Capital da Cultura, juntamente com Roterdão; o Euro'04 realizado em Portugal, onde o recentemente inaugurado estádio do Dragão acolheu a cerimónia de abertura; e a construção do metro de superfície que dá uma nova facilidade de movimento às gentes do Porto e àqueles que a desejam visitar.

1.2. Conclusão

No término deste capítulo, podemos reafirmar o que foi referido no início. Estamos a falar de uma cidade com muitos anos de história e que é prova viva de toda uma evolução que acompanhou não só o seu próprio espaço, mas também a história nacional. Sendo a segunda cidade do país em termos de importância económica e social, detém um sem número de possibilidades para a prática do turismo, com uma oferta de monumentos, cultura e desporto, não deixando o turista num passeio monótono.

No sentido de facilitar o entendimento acerca da evolução histórica da cidade, e após o estudo inicial criou-se uma tabela cronológica com os principais acontecimentos ocorridos na cidade, mostrando assim séculos de história em poucas palavras (anexo III).

Assim e partilhando do pensamento de Pacheco (2003), podemos afirmar que esta é uma cidade histórica, rica em património material e imaterial, sendo uma fonte de tradições... e acima de tudo uma cidade com uma identidade muito própria, cujos tempos de luta e resistência, sacrifício e altivez, conferiram ao povo do Porto a simpatia, a garra e a noção de que podem atingir os objectivos a que se propõem.

II CAPÍTULO

“Travel makes one modest. You see what a tiny place you occupy in the world.”

Gustave Flaubert

2. O Turismo

O termo *turismo* tem encontrado o seu lugar no léxico corrente, em especial nas últimas décadas. De facto, graças à sua cada vez maior notoriedade mundial e importância económica, sobretudo em momentos de crise financeira, como os que hoje vivemos, este é um fenómeno cada vez mais estudado.

Na imaginação colectiva, é acima de tudo uma imagem de pessoas a efectuar viagens para fora do seu local de morada habitual, com o intuito de férias e lazer, e onde muitos o fazem numa praia paradisíaca, ou então numa cidade movimentadíssima, com um vislumbre de cores luzentes.

O fenómeno turístico é associado à deslocação com vários motivos e condicionantes, pelo que não é um trabalho fácil determinar o que de facto é uma viagem turística, e o que é meramente uma viagem para visitar um familiar, ou para assistir a algum evento.

Assim, este segundo capítulo vai tentar responder a uma questão bastante pertinente, através da explicitação de conceitos, do estudo da sua génese, entendimento da situação actual e até mesmo da situação evolutiva em Portugal. Essa questão é a seguinte: *O que é o turismo?*

2.1. Os primórdios do turismo

Quando comumente utilizamos o vocábulo turismo, dificilmente encontraremos uma pessoa que não perceba o seu sentido, ou o que ele quer dizer. Em termos etimológicos, segundo Andrade, citado por Pérez-Nebra (2005), o termo português turismo deriva da palavra francesa *tourisme* e a sua matriz vem do radical *tornus*, do verbo latino *tornare*, que detém o sentido de viajar, de percorrer distâncias e efectuar movimentos tendo em conta um ponto de partida/regresso a esse mesmo ponto.

Neste sentido é com a influência do *Grand Tour* que este termo começa a surgir e a entrar no léxico usual. Começa por aludir à viagem levada a cabo por aristocratas no século XVIII, pela Europa, onde se fazia um pequeno circuito por Paris e pelas principais cidades de Itália, como Roma, Veneza, Florença e Nápoles (Salgueiro, 2002; Cisne, 2010; Cunha, 2010).

Este conceito de viagem, embora seja algo que conotemos como contemporâneo, não o é, especialmente se lhe procurarmos um sentido *turístico*. A actividade do turismo pode ser associada à própria história da humanidade. Isto porque por um lado se tivermos em atenção as necessidades básicas do indivíduo, conseguimos encontrar na sociedade, seja ela pré-histórica ou actual, respostas culturais a cada necessidade. Ou seja, o turismo surge como resposta cultural a uma necessidade biológica de movimento (Filho, 2007). Por outro lado, Costa refere que

“a génese do turismo permeia-se, e confunde-se, nos mais diversos meandros da história das civilizações, desde as mais remotas da Grécia antiga (com a construção de equipamentos de lazer, recreio e desporto, tais como circos, teatros e anfiteatros) ao período da romanização (saunas, corridas, arenas, espectáculos, etc.). A oferta de equipamentos e infra-estruturas da área do lazer e do recreio é observável noutros locais e momentos temporais, tais como no Crescente Fértil e antiga Babilónia (e. g., jardins suspensos e «jardins zoológicos») e na civilização dos mayas (exemplo, Tikal)” (2005, p. 280).

Após estas referências aos nossos antepassados, é importante não deixar escapar a oportunidade de referir que de facto foi quando o Homem deixou de ser sedentário, que a *viagem* teve início. Muitas das vezes em busca de algo novo, e outras tantas, pela própria luta pela sobrevivência. Como referimos atrás, até mesmo a nossa história no contexto Europeu legou-nos textos que descrevem estas viagens, datadas de tempos antiquíssimos de autores como Heródoto, Plínio, entre outros (Ignarra, 2003; Cunha, 2010).

Depois de verificarmos que o turismo já ocorre desde tempos longínquos, podemos então depreender que muitas das modalidades de turismo que hoje consideramos como recentes, criadas numa era de tecnologia e informação, não o são de todo. Se

tomarmos como exemplo os Jogos Olímpicos da antiguidade, a dimensão religiosa presente neste acontecimento que há cerca de dois, três milénios levavam os povos helénicos a Olímpia, pode ser considerada como pioneira no turismo religioso (Ignarra, 2003).

A actividade turística terá evoluído até ao século XVIII, onde *teoricamente* terá nascido, transformando o próprio viajante. Este já não é o típico peregrino ou forasteiro, mas alguém desejoso de conhecer o passado, de percebê-lo, no entanto isto será retomado mais adiante.

2.2. Definindo turismo

“Turismo - Acção de fazer viagens para recreio; actividade económica relacionada com as viagens organizadas, geralmente para lazer.”

(Priberam Informática, S.A.)

A actividade turística é uma interacção humana entre o espaço e o agente, com cada vez mais importância na economia mundial. Assim sendo, tem-se tornado objecto de interesse cada vez maior pelas mentes académicas, pelo que, com o passar dos anos, novas definições foram aparecendo.

As tentativas de se definir turismo começaram em 1911, quando o economista austríaco Hermann von Schullern zu Schattenhoffen o define como *“o conceito que compreende todos os processos, especificamente os económicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado.”* (Barretto, 2006, p. 9). Esta definição inicial pecava pelo teor unicamente económico.

Já durante a década de 40, os investigadores Hunziker e Krapf assumem o turismo como *“o conjunto das inter-relações e dos fenómenos que se produzem como consequência das viagens e dos estados dos forasteiros, sempre que deles não resultem um assentamento permanente, nem que eles se vinculem a alguma actividade económica.”* (Ignarra, 2003, p. 12). Ou seja, o importante é que estas viagens não resultem de um desejo de obter emprego ou criar residência no local.

Mais para o final do século XX, académicos conceituados como Mathieson e Wall, em 1982, definem o turismo como o trânsito de indivíduos para fora das suas áreas de residência por intervalos de tempo não inferiores a vinte e quatro horas, bem como os impactos gerados nas áreas de destino, a nível da cultura, património e sociedade. Já Leiper (1990) refere que o turismo engloba três sistemas, onde dois destes (áreas geradoras de turismo e regiões de trânsito) servem de suporte ao mais importante, as regiões de destino (Costa C. , 2005).

Muitos mais poderiam ser referidos, mas apenas comprovariam a inexistência de consenso no que toca a adoptar uma definição válida para todos. Com o intuito de uniformizar este núbio conceito mundial de turismo, a World Tourism Organization (WTO) em 1991, nas conferências de Ottawa, Canadá, determina que o turismo deve ser:

“the activities of a person travelling to a place outsider his or her usual environment for less than a specified period of time and whose main purpose of travel is other than the exercise of an activity remunerated from within the place visited...” (Theobald, 2005, p. 16).³

Com isto, a WTO procura encontrar uma definição que seja consensual e passível de ser utilizada e aceite pela maior parte dos académicos e investigadores de todo o mundo. Contudo apesar de ser um esforço no sentido de ser amplamente aceite, não está isenta de polémica, porque as especificidades existentes pelo globo variam. Por exemplo, existe uma variação na definição de turista de país para país, onde nos Estados Unidos da América, estes só são referidos quando o objectivo da viagem é unicamente por motivo de lazer, enquanto existem outros países onde um turista pode ser associado ao turismo de negócios, que comporta a vertente de exercício laboral no local de destino (Beato, 2008).

Inerente a quase todas, senão mesmo a todas as definições existentes de turismo, subjaz o conceito de viagem, deslocação. É, neste sentido, necessário perceber o que há de turístico numa viagem, pois tal como já foi dito anteriormente, o Homem já o fez

³ “As actividades de uma pessoa que viaja para um local diferente do seu local habitual por um pequeno período de tempo e cujo propósito da viagem não seja o do exercício de uma actividade remunerada no espaço visitado” – tradução própria.

pela mera e simples questão da sobrevivência. É com este intuito que a figura seguinte, baseada na classificação efectuada pela WTO sobre os viajantes, representa a diferenciação entre viajante, turista e excursionista.

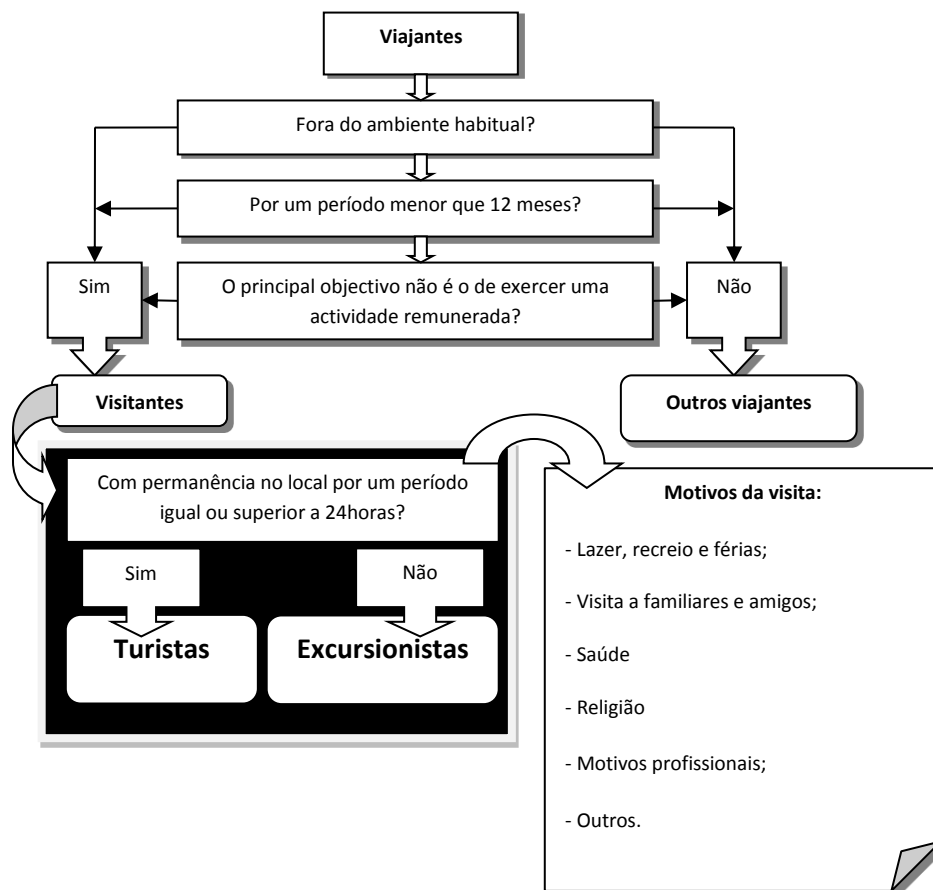


Figura 3 - Quadro-síntese da classificação dos visitantes

Fonte: adaptado de Eusébio (2003)

Em suma, esta figura representa aquilo que uma viagem necessita para ser encarada como sendo turismo. O seu propósito deve ser a visitação por prazer, deleite, mantendo um pouco aquela evolução que ocorreu no século XVIII, onde o viajante se tornou um amante da cultura movido pelo desejo, pela curiosidade de observar novas tradições e diferentes monumentos. A estadia não pode exceder o período de um ano (doze meses), num espaço geográfico diferente da sua área de residência, e por fim, não deve ter intuítos lucrativos (se pensarmos em remuneração por uma actividade/serviço prestado).

Por fim, há ainda que ter em conta a diferença que se apresenta entre *Turista* e *Excursionista*. A diferença subjaz radicalmente no período de tempo da estadia, sendo que um visitante que pernoite no local de chegada é considerado turista, enquanto aquele que faz a viagem de partida e de regresso no mesmo dia, é considerado excursionista. Ou seja, e partilhando da ideia de Eusébio, “*todos os visitantes são viajantes, mas nem todos os viajantes são visitantes.*” (2006, p. 12).

Depois de verificarmos algumas tentativas de definição do turismo, conseguimos perceber o porquê de esta ser uma temática com uma componente interdisciplinar que mantém várias ligações com outras actividades. Esta multidisciplinaridade, quer como actividade humana, quer como objecto de estudo, traduz-se em várias conclusões e diferentes métodos de investigação (Henriques, 1996; Beni, 1997; Ignarra, 2003; Barretto, 2006).

Tendo presente esta situação, compreendemos que Jafari (2003) também acredite que existindo esta multidisciplinaridade, são conferidas ao objecto de estudo várias abordagens conclusivas que partem de conhecimentos distintos. Para além da não existência de uniformidade nas próprias definições de turismo, existe também uma pequena separação dentro do mesmo, quando existem definições do lado da procura e do lado da oferta, tal como podemos verificar em Eusébio (2006):

- Definições de turismo do lado da procura – as definições utilizadas tendo em conta a perspectiva do lado da procura dividem a importância por entre os praticantes de turismo (onde explicam os termos de turista, de visitante e de excursionista), e pela origem geográfica dos mesmos. Sendo esta a vertente que escolhemos anteriormente na apresentação das definições.

- Definições de turismo do lado da oferta – a opção menos utilizada, mas que se prende com o facto de se poder ou não classificar o turismo como uma actividade económica convenientemente delimitada. Para este ponto, a Conta Satélite do Turismo (CST) oferece a possibilidade de, devido às suas características, permitir definir de forma mais clara a oferta de turismo. Isto porque a CST classifica os bens e serviços a serem utilizados pelo visitante.

2.3. O fenómeno turístico em Portugal

Em Portugal, o turismo é algo que já surge desde o século XIII, quando umas leis decretadas pela coroa ditavam que, aqueles que tivessem condições para tal, hospedassem quem se deslocava pelo país, através do «livre direito de viajar», situação que evoluiu nos séculos seguintes para a concessão de direitos a quem o fazia, surgindo os primeiros estalajadeiros. Isto acontece para que possa proteger e a permitir benefícios desta actividade para aqueles que hospedam os viajantes (Costa C., 2005).

A vontade de viajar para conhecer algo novo no nosso país terá surgido num tempo de um Portugal romântico e elitista. Esta possibilidade de efectuar viagens estaria apenas ao alcance daquelas classes sociais mais abastadas, porque viajar era tido como um privilégio de que o agricultor e o pescador estariam excluídos. Com estes condicionalismos, surge então nesta época uma necessidade de redescobrir Portugal. Isto não só com o objectivo de apontar quantos monumentos existem no território ou os locais dignos de visita, mas também, para perceber a verdadeira natureza do país. A própria geografia e ambiente eram algo até então desconhecidos de toda a população (Alexandre, 2001; Rolo, 2009).

2.3.1. O turismo no século XIX

Seja qual for o ponto do globo terrestre, efectuar viagens neste século seria algo deveras custoso. Portugal não é excepção, e esta vontade de viajar estaria manchada por caminhos difíceis e muito perigosos, de tal modo, que tal como refere Rolo já na primeira metade do século XVIII (2009, p. 51), *“uma jornada do Porto a Lisboa demorava dez a dozes dias, havendo quem fizesse testamento antes de se pôr a caminho”*.

Para além das dificuldades físicas, o país vivia conturbado neste tempo, devido a crises económicas e políticas, como a partida do Rei para o Brasil, as Invasões Francesas, sem esquecer o Regicídio. No entanto, a Regeneração também foi uma época onde se começaram a produzir trabalhos de engenharia que mais tarde viriam a ser fundamentais no desenrolar do turismo em Portugal, como por exemplo, a construção da ponte ferroviária D. Maria I, no Porto (Costa F. M., 1983).

Nos meados do século XIX, já teriam existido algumas melhorias nas condições das viagens. Algumas localidades estariam a ganhar importância como atracção turística. Guerras findadas e dificuldades de deslocação mais ou menos ultrapassadas, começava-se a descobrir o turismo, o que há até relativamente pouco tempo era um facto desconhecido. Por esta altura ainda é prematuro falar em visitante, quanto mais em turista. A realidade mostra-nos que as pessoas viajavam pelo desejo de se cultivar intelectualmente, de livremente enriquecer o intelecto. Um dos factores motivadores das viagens eram os mesmos que existiam noutros países como, por exemplo, o Reino Unido, onde com esta *experiência* o aristocrata mais rapidamente se inseriria nas Cortes, por partilhar conhecimentos e experiências que apenas os nobres teriam. Obviamente que, dadas as más condições das vias e dos transportes, não seria de esperar que a população fizesse as viagens por mero prazer (Costa C. , 2005; Cunha, 2010; Alexandre, 2001).

Só mesmo nos finais do século XIX é que as mudanças nas vias de comunicação e nos transportes começam a ser consideravelmente visíveis, o que fomenta então o desenvolvimento do turismo, surgindo as primeiras viagens de recreio. Em Portugal, um dos primeiros produtos turísticos a serem publicitados e amplamente procurados, devido essencialmente à situação sanitária global, são as termas. Como se tem visto por este século, apenas as pessoas mais ricas teriam acesso a este produto, já que também a preocupação com a saúde ganha um novo ímpeto no seio da sociedade lusa (Cunha, 2010; Rolo, 2009).

2.3.2. O turismo no século XX

O último século em Portugal foi de mudanças políticas e sociais. Contínuas crises económicas, a implantação da República, expansão comercial colonial com algum desenvolvimento industrial, levaram a que a economia nacional ganhasse um novo fulgor, muito embora, sempre atrasada em relação ao resto da Europa Ocidental. Portugal chegou a ser conhecido como o império colonial ultramarino mais antigo (Castro, 1983).

Muito do desenvolvimento na actividade turística decorreu de um fenómeno já iniciado no século XIX: a implantação dos caminhos-de-ferro. Isto facilitou muito as

viagens, tornando-as mais eficazes, seguras, confortáveis e acima de tudo, baratas. Ou seja, já não só as classes mais abastadas tinham *direito* ao turismo. Isto acompanhou a mudança verificada a nível da oferta turística que o país tinha para oferecer. As zonas termais começam a perder algum peso, ainda que mínimo no início do século, devido à concorrência das praias (Matos, et al., 2009).

O quadro seguinte demonstra a tendência crescente do produto *praia*. Os caminhos-de-ferro portugueses no sentido de aumentar o seu tráfego criaram uma espécie de bilhete especial, de ida e volta com uma tarifa reduzida, durante a temporada de Julho a Outubro. Os valores apresentados como bilhetes “banhos de mar” referem-se ao número total de bilhetes vendidos com destino praia, em função do número total de bilhetes vendidos pelos caminhos-de-ferro.

Tabela 1 – Bilhetes vendidos pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses

<i>Anos</i>	<i>N.º total de bilhetes vendidos</i>	<i>Bilhetes “Banhos de mar”</i>
1898	5 909 034	24 329
1899	6 044 889	18 869
1900	6 206 748	18 613
1901	6 605 539	24 702
1902	6 257 391	27 896
1903	6 474 236	28 587
1904	6 426 093	36 669
1905	6 623 835	32 842
1906	6 564 360	32 297

Fonte: “Caminhos de Ferro e turismo em Portugal” - Matos, et al. (2009)

Só mais para os finais do século é que se começou a ter uma noção mais real daquilo que Portugal tinha para oferecer, para além do mar e das águas termais. Isto foi fruto de uma iniciativa política, com a criação da Sociedade de Propaganda de Portugal, que segundo a divisa de “Tudo pela Pátria”, teve a intenção de organizar e divulgar um inventário (com monumentos, riquezas turísticas, curiosidades e lugares pitorescos) capaz de promover o nosso país como um lugar de atracções para os estrangeiros, sem esquecer o público nacional (Cunha, 2010).

É possível perceber qual a situação do turismo neste período, através do trabalho de Carminda Cavaco que, a partir de um anuário de 1934, demonstra qual a imagem do fenómeno turístico em Portugal (Henriques, 1996).

Os meados do século trazem grandes transformações nas comunicações. Iniciam-se vários projectos fomentadores do turismo nacional, os quais merecem destaque, porque foram sem dúvida um forte impulso para que esta actividade ganhasse um papel mais activo na sociedade. Entre eles, a modernização dos caminhos-de-ferro; a readequação das políticas de transportes terrestres; a construção do aeroporto de Lisboa e, conseqüentemente, a criação dos Transportes Aéreos Portugueses (TAP). Mas mais que as vias de comunicação, algo que implicitamente já foi referido anteriormente, também ajudou a impulsionar o turismo nacional, em especial o doméstico, foi o surgir de um novo sentido de reapropriação do ser português. Isto surge como forma de combater a ideia de decadência nacional que pairava sobre o imaginário português já desde o século XIX (Alexandre, 2001; Rolo, 2009).

Merecedor de um pequeno destaque surge mesmo o concurso de *A Aldeia mais portuguesa de Portugal*. Aqui procurava-se a pureza nacional, livre de qualquer espécie de influência estrangeira, onde o genuíno, o verdadeiro predominasse. Porém, falar de tal incentivo não pode ser alheado do contexto político e social do Estado Novo (Rolo, 2009).

Com a aproximação do país à Europa e a internacionalização da economia, o turismo de massas já vivido além-fronteiras começou a olhar para aquilo que Portugal poderia oferecer. Indiscutivelmente, o facto de nos situarmos junto ao mar foi algo que começou a ganhar relevância turística. O Estoril adquiriu uma maior visibilidade como zona balnear de excelência, e o Algarve começou a ganhar uma crescente valorização. Já nos anos 70 ultrapassou a capital como destino turístico predilecto, mostrando o poder do produto “Sol e Praia” no turismo de Portugal. “*O deslocamento para sul do centro de gravidade do turismo português foi, de resto, o traço dominante da evolução nos dois últimos decénios*” (Henriques, 1996, p. 62).

A oferta turística portuguesa não se resumia apenas à vertente aquática, tendo em conta o mar e as águas das termas. Devido ao mediatismo que suscitou, em pleno

século XX, Portugal começou a ser encarado também como destino de turismo religioso. Fátima afirmou-se como um espaço geográfico capaz de obter interesse turístico relevante, quer a nível nacional, quer a nível internacional, devido ao seu pendore religioso, graças às aparições da Virgem aos pastorinhos. Nas duas últimas décadas do século, as viagens já estavam ao alcance de todos os bolsos e, no final dos anos 90, Portugal já ocupava o 15.º lugar num ranking dos principais destinos turísticos mundiais (Cunha, 2010; Henriques, 1996). Esta tendência é comprovada pelos valores presentes no quadro seguinte, onde a informação da WTO permitiu avaliar a evolução do número de turistas internacionais que chegaram ao nosso país, desde os anos 80 até ao ano de 2007.

Tabela 2 – Número de chegadas internacionais (valores em milhares)

<i>Anos</i>	<i>1980</i>	<i>1990</i>	<i>2000</i>	<i>2007</i>
N.º de chegadas	2.700	8.000	12.100	12.300

Fonte: Adaptado de OMT

2.3.3. O turismo nos inícios do século XXI

Os inícios do novo milénio, trouxeram uma leve quebra no número de chegadas, o que poderá ser explicado pelos eventos trágicos do 11 de Setembro de 2001, que provocaram uma quebra da confiança dos turistas nas linhas aéreas, conjugado com o medo de novos atentados terroristas no mundo.

Nesta última década, as mudanças no panorama turístico nacional não serão tão grandes como seria de esperar. A tendência que surgiu nos anos 90 mantém-se. O produto “Sol e Praia” começa a diluir-se no espaço português. O Algarve mantém o seu posto de local de excelência, mas novos espaços balneares têm surgido e assim fazendo concorrência à costa algarvia, como por exemplo, a costa alentejana, ou até mesmo algumas praias do norte do país (Henriques, 1996).

Isto tudo também começa a ser uma questão política, mostrando que Portugal tem muito a ganhar se apostar no turismo. Desta forma, é preciso verificar que todo um conjunto de novas tendências, *“novas situações e desafios fazem com que seja fundamental que Portugal avance na descoberta de novas políticas e estratégias para o futuro”* (Costa C. , 2001, p. 85).

A situação da oferta hoteleira é um reflexo da actual conjuntura. Isto pode ser verificado no gráfico seguinte, que representa o número total de estabelecimentos hoteleiros que se encontram em funcionamento em Portugal. Segundo o Turismo de Portugal, o número de estabelecimentos hoteleiros em funcionamento sofreu em dez anos um ligeiro aumento. A própria tendência aparece como crescente até meados da década, sendo que após 2006 se manteve a tendência a níveis muito semelhantes. Os números cresceram de uma oferta de 1 781 equipamentos em 2001, para 2 034 em 2011. Apenas no ano de 2009 é que se registou uma quebra no valor de 53 equipamentos que fecharam portas, passando de 2 041 para 1 988.

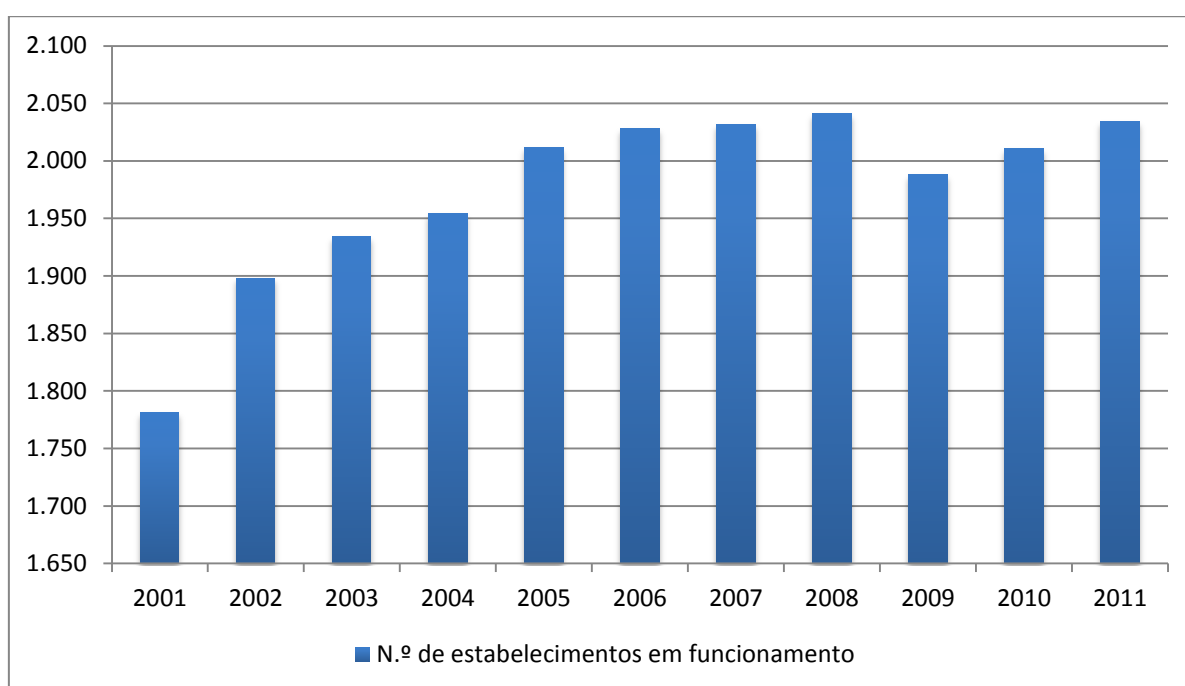


Gráfico 1 - Evolução da oferta hoteleira nacional

Fonte: INE (2011)

O que já não transparece como tão positivo são as taxas de ocupação (por tipologia e por cama). Em média, a percentagem das taxas de ocupação tem vindo a diminuir a um ritmo considerável. O gráfico seguinte permite perceber como se tem vindo a verificar o comportamento dos turistas no nosso país, em termos de estadia.

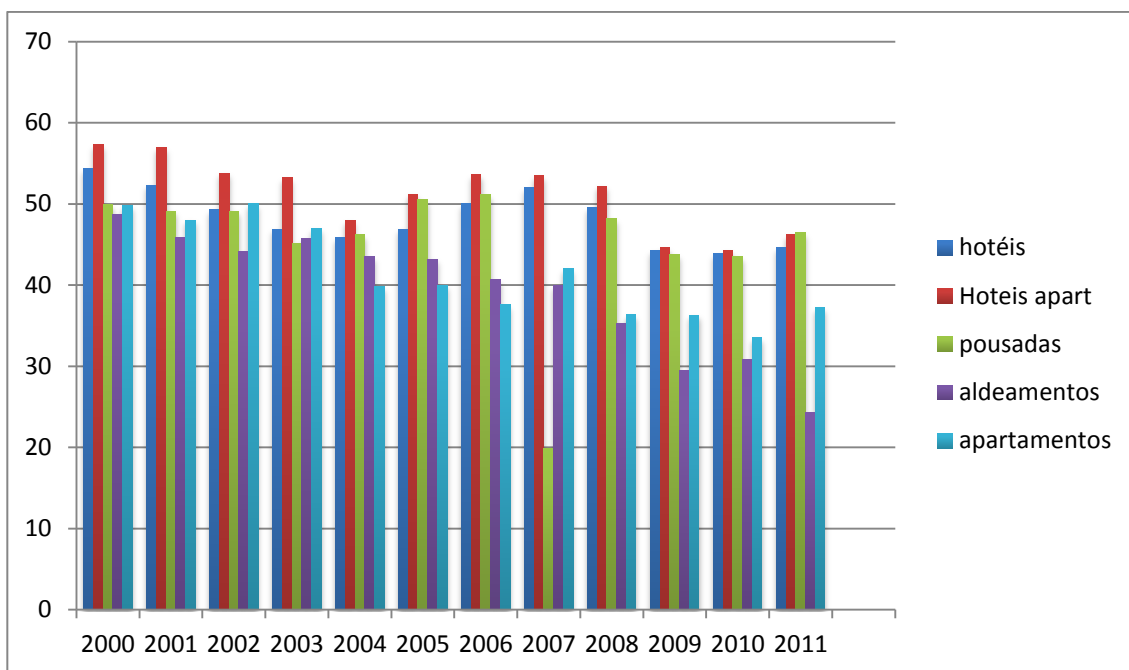


Gráfico 2 - Taxas de ocupação por tipologia em Portugal (por cama)

Fonte: Turismo de Portugal (2011)

Hoje, o nosso país, tal como o resto da Europa, enfrenta uma crise económica, o que pode ser causa da situação descrita no gráfico. Apesar da situação débil em que se encontra a nossa balança financeira, o turismo seria uma aposta segura de novos investimentos e receitas, gerando o tão desejado e aguardado desenvolvimento. A tudo isto associamos a cada vez maior importância e relevância de novos destinos que são associados com novos produtos turísticos alternativos, como é exemplo o turismo cultural, o turismo de natureza, de negócios, etc. Em pleno século XXI, Portugal não é apenas sol, mar e golfe. Portugal, e por conseguinte o seu turismo, é cultura, desporto, património material e imaterial, e até mesmo, religião (Dorminsky, 2009; Fernandes, Monte, & Castro, 2003).

2.4. A actividade turística no Porto actualmente

Nos últimos anos, o Porto tem vindo a crescer a nível da procura turística, e muito graças ao Aeroporto Francisco Sá Carneiro, que tem visto o número de passageiros aumentar consideravelmente. Segundo dados da ANA – Aeroportos de Portugal, a maior aposta tem sido as viagens *low-cost*, com um aumento de mais de um milhão de

passageiros no espaço de cinco anos, entre 2005 e 2010. Quanto aos voos tradicionais, estes têm-se mantido constantes, com apenas uma pequena diminuição.

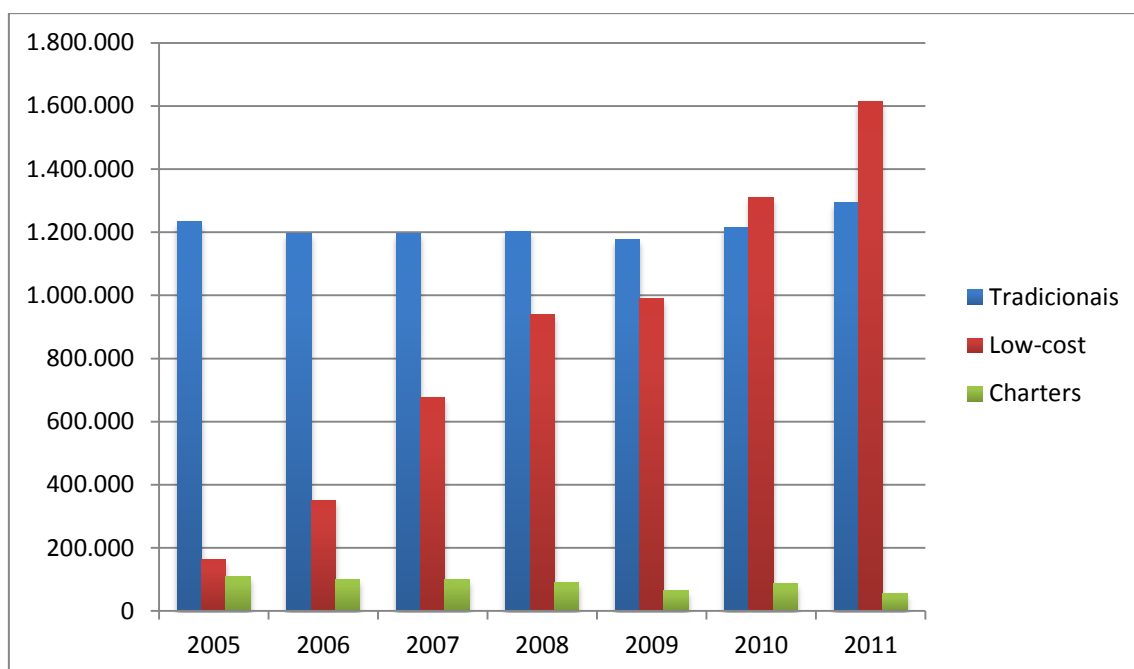


Gráfico 3 - Evolução do número de passageiros desembarcados no Aeroporto Sá Carneiro

Fonte: ANA - Aeroportos de Portugal (2012)

Como se pode perceber também pelo quadro seguinte, as viagens *low-cost*, graças em especial à companhia aérea *Ryanair*, fazem aumentar o número de passageiros desembarcados no Porto em quase 50%. Apesar de tudo, a fracção de passageiros que utilizam o aeroporto Francisco Sá Carneiro é ainda diminuta face ao volume total de passageiros em Portugal.

Tabela 3 - Número total de passageiros desembarcados

		<i>Número total passageiros</i>	
		Porto	Portugal
Anos	2005	1.504.663	10.986.411
	2006	1.646.608	11.892.575
	2007	1.944.161	12.967.785
	2008	2.232.383	13.383.646
	2009	2.229.523	12.977.305
	2010	2.610.880	13.866.151
	2011	2.963.476	14.763.865

Fonte: ANA – Aeroportos de Portugal (2012)

Isto entende-se a partir do momento em que o aeroporto voltou a ser considerado o terceiro melhor aeroporto da Europa, uma distinção entregue pelo *Airports Council International* (A.C.I.), pelo sexto ano consecutivo. Isto resulta resumidamente da satisfação dos passageiros, medida num programa do A.C.I., através de questionários colocados à disposição dos mesmos (Matos, 2012).

Para finalizar, verificamos a situação em que a cidade do Porto se encontra face ao turismo, através de dois documentos estratégicos para a reabilitação urbana, designadamente Masterplan e o Plano de Gestão do Centro Histórico. Este último permitir-nos-á fazer um breve levantamento da oferta hoteleira existente no Porto.

2.4.1. Masterplan (Porto Vivo, S.R.U, 2005)

Segundo o Masterplan, o turismo é o caminho a escolher para a reabilitação social e económica da cidade do Porto, mais concretamente a zona central e histórica, dado que promove:

- a dinamização económica e cultural;
- a recuperação de edifícios históricos;
- a imagem da cidade quer ao nível nacional, quer ao nível internacional.

Este documento propõe que se desenvolva a oferta para segmentos turísticos que se coadunam com as características da cidade e da Baixa em particular. Para tal é importantíssimo que existam ofertas de lazer e cultura, já que o segmento de turismo cultural será uma das apostas fortes. O Masterplan considera essencial o aparecimento de uma oferta cultural multifacetada, espalhada pela cidade e pelos seus equipamentos culturais. A oferta deve-se apoiar nas crónicas, tradições e festas da cidade. Outro aspecto a aperfeiçoar é a comunicação e divulgação das acções culturais e pontos turísticos da cidade, de forma a ganhar mais visibilidade e maior atracção de turistas nacionais e estrangeiros.

Segundo o programa, é preciso melhorar alguns aspectos. Por exemplo, a cidade carece de equipamentos que sejam nitidamente diferenciadores nacional e internacionalmente para que assim a cidade seja reconhecida como destino turístico com conteúdo, embora já existam organismos dignos de atenção como a Casa da Música e o Museu de Serralves.

O desenvolvimento económico da cidade pode estar intimamente ligado ao aumento significativo do número de visitantes, pelo que o programa aconselha que se criem novas acções associadas ao turismo em áreas inovadoras, como por exemplo:

- a dinamização de roteiros turísticos urbanos;
- uma maior animação turística;
- modernização do património imaterial do Porto;
- fortalecimento da imagem turística do Porto, entre outros.

Ainda segundo o Masterplan, as novas unidades hoteleiras de charme deverão ser uma componente viva da renovação e requalificação dos edifícios onde se instalam. Isto leva a que toda a área funcional adjacente beneficie também dessa atenção, pelo que os projectos devem ser desenvolvidos em duas escalas: numa mais ampla, na forma como se inserem na zona urbana em questão e, numa mais restrita, da arquitectura, tendo sempre em atenção a reconversão e recuperação dos edifícios onde se inserem, devido à sua importância para a malha urbana onde se inscrevem.

2.4.2. Plano de Gestão do Centro Histórico (Porto Vivo S.R.U, 2008)

O Plano de Gestão para o Centro Histórico do Porto, de 2008, menciona no seu Eixo III (Turismo) as medidas presentes no PENT. Refere igualmente a criação do Porto Welcome Center, e alude ainda à relevância da afirmação da cidade como destino City Break. Com estas acções poderá ser possível criar novos produtos para segmentos emergentes como: turismo cultural e histórico, familiar, sénior, de gastronomia e vinho.

Desta forma, neste eixo são demarcados e desenvolvidos três objectivos específicos, que posteriormente têm projectos de forma a serem concretizados:

1. Valorizar turisticamente os recursos patrimoniais e paisagísticos (através de recriações históricas, revitalização das festas tradicionais, novos percursos temáticos, etc...);
2. Ter uma maior e melhor promoção e recepção turística (aludindo às novas tecnologias, à qualificação de roteiros turísticos e da restauração, etc...);
3. Estimular a invenção de novas atracções e serviços de turismo (com recurso a espaços museológicos, reforço da oferta hoteleira, etc...).

2.4.3. O sector hoteleiro

Como já havíamos referido graças ao PGCH de 2008, é possível efectuar uma síntese das unidades hoteleiras instaladas no Centro Histórico e na Baixa. Grosso modo, existem 32 hotéis que correspondem a 6 066 camas (actualmente o número terá aumentado devido ao novos hotéis que se instalaram nos últimos 3/4 anos, como é o caso do Hotel Intercontinental – Palácio das Cardosas). O quadro seguinte mostra o número de hotéis e pensões existentes na denominada área classificada e área de protecção. Com isto, a zona Porto Património da Humanidade oferece um total 1 121 camas entre oito hotéis (anexo IV), e 867 camas em 21 pensões.

Tabela 4 - Oferta hoteleira da zona Património da Humanidade

	<i>Hotéis</i>	<i>Número de:</i>		<i>Pensões</i>	<i>Número de:</i>	
		<i>Quartos</i>	<i>Camas</i>		<i>Quartos</i>	<i>Camas</i>
Área Classificada	4	346	638	1	10	17
Área de Protecção	4	278	483	20	499	850

Fonte: Adaptado de Azevedo (2010)

2.5. A imagem do destino Porto

No sentido de aproximar este estudo com o teor temático em questão, é o momento de fazer uma breve caracterização da cidade do Porto através do olhar do turista. Para isto teremos como referência o estudo efectuado em 2008, apresentado por Francisco Dias no seminário *Centros Históricos: Passado e Presente* na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Este estudo decorreu em 26 pontos distintos tanto da cidade do Porto, como da cidade de Vila Nova de Gaia, e baseou-se nas experiências concretas dos turistas/visitantes. O total de inquiridos atingiu os 1 180, e a estes foi-lhes pedido, entre outras coisas, que de modo espontâneo referissem, três adjectivos que permitissem perceber quais são as qualidades mais importantes do centro histórico da cidade, três vantagens em comparação com outros destinos, do destino Porto, e também no reverso da medalha, três desvantagens (Dias, 2010).

De acordo com o ponto de vista dos turistas, a distinção do centro histórico como Património da Humanidade pela Unesco é vantajoso para a cidade, e também mencionam que existe um conjunto de elementos distintivos e que se destacam, como monumentos e panoramas. No lado negativo, estes referem que a orientação neste espaço não é fácil, o património está devoluto e não há grande relação entre a cidade moderna e o centro histórico. Mas se quisermos entrar um pouco mais nos aspectos positivos, e já aludindo ao método usado neste estudo posteriormente, podemos através dos resultados verificar os adjectivos mais utilizados para definir a imagem do Porto.

Tabela 5 - Quadro-resumo dos adjectivos utilizados na descrição do Porto pelos turistas

<i>Adjectivos</i>	<i>N.º de referências</i>
Bonito/Belo	217
Histórico/Antigo	150
Interessante	75
Agradável	41
Acolhedor	29
Simpático; Cultural	24
Único	22
Harmonioso	18
Monumental	14
Tradicional; Preservado; Sujo; Pequeno; Atractivo; Amistoso	12
Limpo	11
Tranquilo; Romântico; Rico; Pitoresco; Maravilhoso	10
Típico; Nostálgico; Encantadora; Boa arquitectura; Bem preservado	9
Imponente; Diferente; Calmo; Bom	8
Espectacular; Diverso	7
Hospitaleiro; Grandioso; Concentrado; Colorido	6
Surpreendente; Luminoso; Fascinante; Fantástico; Compacto;	5
Autêntico; Antiquado	
Sombrio; Original; Mal conservado; Patrimonial; Notável; Magnífico;	4
Dinâmico; Charmoso; Barato; Alegre; Panorâmico	
Variado; Popular; Importante; Extraordinário	3

Fonte: "Estatísticas de turismo urbano" – Dias (2010)

De notar na tabela 5 é que pela experiência do turista, a imagem do Porto é bastante boa, no sentido em que mais de 75% dos adjectivos referidos são positivos, enquanto apenas se encontram algumas referências a adjectivos pejorativos como mal conservado, sujo ou até mesmo antiquado. Por outro lado, também temos de referir que a vertente humana está bastante presente quando os turistas comparam o destino Porto a outros destinos, já que no topo das referências aparece a simpatia e hospitalidade das gentes do Porto, depois seguida das tradicionais ofertas como a

gastronomia, o Vinho do Porto, entre outros. Porém não se pode também deixar de referir a parte negativa da cidade, onde como maiores desvantagens, os turistas apontam o dedo, por exemplo, ao estado de abandono de alguns edifícios, o trânsito e a limpeza das ruas.

Em jeito de remate, segundo o estudo referido, o tipo de turista da cidade do Porto apresenta elevado grau académico e é natural da Europa Ocidental (Portugal, Espanha, França, Reino Unido e Alemanha). A sua experiência global é positiva, o que confere uma boa imagem ao destino Porto, apesar de denotarem algumas questões que deveriam ser encaradas com maior atenção pelas autoridades competentes.

2.6. Conclusão

No término deste capítulo convém guardar os principais pontos estudados. O turismo, encarado como uma actividade humana e económica, é um conceito recente. No entanto, desde os inícios da Humanidade que por questões religiosas, de desporto ou mesmo aventura, se fazem viagens, as quais podem ser as pedras basilares das modalidades de turismo que hoje praticamos.

Deveras importante é também reflectir sobre a pluralidade de definições de turismo. Esta ambiguidade de posições permite assumir as várias predisposições para encarar o turismo, seja de carácter mais económico, geográfico, etc.

Para terminar, não se pode estudar o turismo em Portugal sem perspectivar a sua situação na Europa e no mundo. Nos últimos três séculos, a actividade turística evoluiu, tornando-se mais próxima das massas. Os caminhos-de-ferro foram um dos grandes impulsionadores do turismo, já que permitia que mais famílias pudessem usufruir de locais por um custo menor. A cidade do Porto também sofreu com as mudanças do turismo e graças a, por exemplo, um aumento das viagens *low-cost*, tem-se tornado num destino de excelência.

Apesar deste aumento de visibilidade como destino turístico, o Porto tem ainda alguns pontos a serem observados pelo seu pendor negativo. Há uma desatenção para com o património edificado, sendo vista como uma cidade devoluta, com muito património ao abandono a necessitar de recuperação. Para além disto, ainda carece

de espaços diferenciadores que a demarquem do resto das cidades portuguesas e até mesmo internacionais.

III CAPÍTULO

“la guida turistica è il plastico del luogo, la *maquette* perfetta del luogo”⁴

(Ragonese, 2010)

3. Nos passos dos guias turísticos

Depois de conhecermos dois pontos fulcrais no estudo a decorrer, passamos a ter em atenção os objectos que serão utilizados como fontes de trabalho. O turista/visitante chegando a uma cidade que lhe é estranha, pergunta-se: onde dormir? Que monumentos visitar? Até mesmo quando se aproximar o momento do almoço ou jantar, quais serão os locais mais adequados, mais típicos de forma a conhecer a gastronomia do local?

Actualmente graças às novas tecnologias de informação é possível responder a todas estas questões ainda no conforto do nosso lar, e preparar a viagem comodamente. No entanto, por vezes, precisamos de um pouco mais de informação, e quando o fazemos já no local de chegada, o meio mais prático é utilizando um guia turístico, e aqui teremos em atenção que é-nos mais importante o guia impresso, e não o profissional guia turístico.

No presente capítulo tomamos então atenção ao que entendemos por guias turísticos (impressos). Sendo usualmente um livro de maior ou menor porte, pode este ser considerado como literatura ou, então, não se inscreve nos cânones literários e por conseguinte não é mais do que mera publicação que serve para ajudar os turistas, contendo apenas um género textual próprio? Contudo não podemos deixar de avaliar o papel destas fontes de informação e a sua própria importância para serem utilizados como objecto de estudo.

3.1. A difícil conceptualização dos guias de turismo

Ao empreender uma viagem a um lugar que nos é amplamente desconhecido precisamos de recolher informação quer de teor prático, como as direcções a tomar, horários de visita, dicas de alojamento, monumentos e/ou paisagens, quer de teor teórico, como a história do local, questões culturais importantes a ter em conta. Para

⁴ “O guia turístico é o modelo do lugar, a maquete perfeita ” - tradução própria.

obter resposta a estas dúvidas, procuramos adquirir o maior conhecimento pré-viagem possível, e a solução é usualmente, os livros, muito característicos, intitulados guias de viagem ou guias turísticos.

Um factor que poderá gerar confusão é a utilização do termo guia e roteiro. Desta forma começamos inicialmente por dizer que quer segundo Cisne (2010), quer segundo Santulli (2010), os guias e os roteiros correlacionam-se pelo facto de que têm um denominador comum, o turismo. Todos estes livros, pequenos ou grandes, com maior ou menos teor de informação, permitem que um viajante adquira conhecimento prévio sobre um local que lhe é sobremaneira desconhecido. É uma forma de ajuda, preparação, aconselhamento e, até mesmo, orientação. Ou seja, estes termos são sinónimos, e para a facilitação de leitura, utilizaremos no decurso do estudo o termo guia, usualmente mais utilizado.

Desta feita, existem ainda alguns termos que podem causar confusão ao leitor, como por exemplo, itinerário. Este resume-se a identificar um caminho a percorrer entre um ponto e outro, em poucas palavras, é o percurso a fazer. Dentro de um guia podem então surgir os ditos itinerários, onde através de um percurso organizado por etapas, dá a possibilidade de visita ao viajante/turista, sendo uma forma de divulgação e configuração de determinados locais (Matos & Santos, 2004; Cisne, 2010).

Em termos práticos e sucintos, e partilhando da definição de guia turístico proposta por Bahl (2004), os guias turísticos são nada mais do que uma exposição detalhada de uma viagem e/ou percurso, ou uma sinalização de um número de atracções, presentes numa região, cidade ou país e que podem merecer uma visita. Isto tudo tendo sempre em atenção o turista, nacional ou internacional (Cisne, 2010).

3.2. O surgimento dos guias turísticos

No mundo do senso comum, apesar de a viagem ser algo que remonta quase ao aparecimento do ser humano, o seu relato ou narração ocorre muito posteriormente. Como já foi referido no segundo capítulo deste estudo, a história literária europeia deixou-nos indícios daquilo que um dia mais tarde veio a ser um guia turístico. Uma prova disto é a “Odisseia” de Homero. Este texto que narra as desventuras de Ulisses

na viagem de regresso a Ítaca recolhe informações e dá a conhecer locais, monumentos, como se de uma espécie de guia incluído numa aventura se tratasse:

“Na terra da Ítaca há um porto de Fórcis, o ancião do mar: dois promontórios escarpados inclinam-se para a enseada e abrigam-na da grande ondulação que a violência dos ventos levanta; (...) À entrada do porto, uma oliveira desdobra a sua folhagem e muito perto abre-se uma gruta graciosa e sombria (...) vêem-se aí crateras, ânforas de duas asas, em pedra (...) e compridos teares de pedra (...) e este antro tem duas portas” (Homero, 2000, p. 144).

A evolução dos guias turísticos já tem mais do que algumas décadas, pelo que não pode ser conotado como algo remoto. Na verdade, estes boletins inserem-se numa espécie de literatura utilitária, e podem ser correctamente associados a um espelho que reflecte as mudanças ocorridas num determinado espaço geográfico. Eles tornam-se como que numa *definição* de uma cultura histórica, contendo bem presente os seus momentos áureos, e também os menos apreciados, apenas e somente através daquilo que é referido nas suas páginas (Matos & Santos, 2004).

O seu surgimento ocorre em pleno século XVII quando são publicadas algumas obras especializadas para aqueles que pretendiam efectuar uma viagem. No século seguinte, desenvolvem-se as publicações mais caracterizadas como guias de viagem, mas, ainda assim, eram edições mais vocacionadas para um segmento da população mais ilustre, tendo presente a intenção da educação. Um dos primeiros exemplares de guias faz parte da colecção francesa *Delices de...* onde em 1707 surge a obra *Delices de l’Espagne et du Portugal*. Os guias tal como os conhecemos hoje, foram-se formando paralelamente ao desenvolvimento dos caminhos-de-ferro, e assumiram uma vertente mais impessoal, organizada e completa associando um público mais alargado a novas exigências daqueles que iriam viajar. Resumindo, passamos de guias de viagem que se faziam de memórias e experiências para guias de turismo, os quais se tornam instrumentos de ajuda à viagem deveras difundidos. Muito naturalmente nestes novos guias efectua-se uma promoção positiva do lugar em destaque, mas que tem de se adaptar às novas realidades (Matos & Santos, 2004; Santulli, 2010). Pelo que o novo passo de evolução terá sido a compactação da informação em formatos

mais práticos e acessíveis, tal como é exemplo o *Guia ilustrado do viajante em Portugal ou manual do viajante*, onde o preço é, segundo Santonilho e Morgado,

“tão módico quanto é possível, de modo que seja acessível a ricos, remediados e pobres, no qual referem que embora isto pareça extraordinário devemos dizer aos nossos leitores que não existia, ainda, até à data do aparecimento deste modesto e desprezioso volume, um guia elucidativo do viajante (...) Existem, sim, alguns guias de Lisboa e do Porto e uma ou outra monografia de diversas cidades e vilas do país, quase sempre mais históricas só que noticiosas, e por consequência pouco úteis para o fim desejado de quem tenha de percorrer Portugal” (Matos & Santos, 2004, p. 13).

Matos & Santos defendem ainda que com as movimentações políticas e culturais do século XIX começam a surgir, oportunamente, formas de regulamentar uma actividade que está a ser cada vez mais encarada como algo a ter em conta. Em França, no ano de 1890, é criado o Touring Club de França. Esta entidade nasce para num primeiro momento ser mais virada para o ciclismo, mas que com a vinda do automóvel se começou a interessar pelas vias de comunicação, o que mais tarde, inevitavelmente, se começa a interligar com o turismo, pois pretendem defender e dar a conhecer os seus monumentos históricos (2004).

Ainda segundo os mesmos autores, também em Portugal começa a ser necessário dar atenção a este assunto, e desta forma esta necessidade de regulamentação e promoção leva ao nascimento, em 1906, da Sociedade de Propaganda de Portugal. A SPP procurava fomentar o desenvolvimento português, para que o país fosse cada vez mais visitado pelos estrangeiros e, até mesmo, pelos viajantes nacionais. Com isto surgem as primeiras publicações ao seu encargo, como itinerários, guias e roteiros de Portugal, que inicialmente eram distribuídos gratuitamente pelos seus sócios. Nessas publicações fazem uma inventariação de sítios históricos através de texto, litografias, desenhos e cada vez mais fotografias. Tudo isto fez com que a SPP assumisse um importantíssimo papel na promoção turística de Portugal, até mesmo para os portugueses, pois como demonstra o quadro seguinte, existia uma grande vontade de conhecer melhor o país, tal como atesta a evolução do número de sócios da SPP (2004).

Tabela 6 - Evolução do número de sócios da Sociedade de Propaganda de Portugal

<i>Datas</i>	<i>1906</i>	<i>1912</i>	<i>1913</i>	<i>1916</i>	<i>1918</i>	<i>1925</i>
N.º de sócios	2 175	5 995	2 225	9 829	10 635	16 000

Fonte: “Os guias de turismo e a emergência do turismo contemporâneo em Portugal” - Matos & Santos (2004)

Como já foi referido anteriormente, passou-se de guias de viagem para guias turísticos ao longo dos três últimos séculos. Os guias terão também ganho importância porque na altura do seu aparecimento vivia-se numa época romântica, onde se procurava a exaltação das antiguidades, o que com a junção do conceito emergente de património, deu azo à proliferação deste tipo de *literatura*. Com a viragem do século XVIII para o século XIX passam também de um teor mais educacional para um mais informativo, mas sem perder o seu carácter utilitário, com um texto simples, completo e cada vez mais contendo informações práticas, onde não se esquecem os transportes, a moeda, o alojamento, etc... (Matos & Santos, 2004).

Os guias começam então a ser encarados como reflexos históricos. Estes são uma espécie de narrativa, que não separa a foto da imagem, e que influenciam a intenção do turista, explicativos de um significado e também de uma realidade. Começam a encarar o seu principal objectivo de apresentar a cidade, como foi, e como é. A sua evolução começa a denotar um grande fascínio pelo sagrado, onde existem as referências às igrejas, às catedrais e paços episcopais, e pelo político, o cultural e o social, como os teatros, os palácios e as câmaras municipais. Com a chegada do século XX, é dada atenção também a obras de engenharia e de grande importância arquitectónica, como as pontes e até mesmo barragens hidroeléctricas, e incluem-se nos guias mapas e plantas da cidade, e como é perceptível dá-se espaço à publicidade. Por estas razões, é que os guias turísticos se assumem cada vez mais como fontes de informação que permitem novas linhas de investigação, até hoje um pouco descuradas (Henriques, 1996; Matos & Santos, 2004; Barreira, 2005).

3.3. Género textual próprio ou género literário.

“La guida turistica si definisce soltanto se al tema del viaggio si interseca il tema dello spazio. Essa cala il lettore non nel viaggio, ma nello spazio del

*viaggio: articola i luoghi per un soggetto che, calato in una realtà che non conosce, percorre il suo programma narrativo.*⁵

(Ragonese, 2010, p. 7)

Quando utilizamos os guias no sentido não apenas de conhecer a cidade ou o espaço a ele reservado, mas sim de estudar esse mesmo espaço temporal ou físico, temos de ter atenção às características que a linguagem textual é assumida pelos guias. Associados a um público específico, sabemos que a informação contida nestes é clara, concisa e prática. Isto levanta a questão que se prende com a possibilidade de os guias serem considerados como um modelo narrativo ou não.

Segundo Santulli, os guias são objectos detentores de um género textual bastante característico, e intencionalmente pragmáticos. São como que uma mescla de correntes que transformam o texto existente num género híbrido, através da conjugação entre o texto literário e o texto não literário (2010). Em primeiro lugar há que definir o que cada um significa. Aquilo que chamamos de texto não literário é aquele que se baseia no real. É um tipo de texto fundamentalmente pragmático, onde tudo o que é descrito ou relatado não vai buscar inspiração extra-realística, ou seja, tudo o que se lê, é verdade, existe. Quanto ao texto literário, este é o “romântico”, aquele que eleva a mente para um mundo que pode não existir. É tradicionalmente carregado de polissemias, toques de verosimilhança e vocábulos raros e próprios da época em que se inserem. Chega mesmo a manter laços indissociáveis entre o mundo real e o mundo ficcional (Nunes, Oliveira, & Sardinha, 1989).

Infelizmente não existe um modelo que possamos definir como guia turístico. Isto torna-se em mais uma dificuldade neste percurso para melhor entendermos o que são os guias, para além do seu papel informativo. Primeiramente estes são algo completamente diferente de “relatórios de viagem”, porque relatam/descrevem algo coincidente entre a viagem e o que se encontra pelo caminho, e não contam as memórias de uma visita que pode ou não coincidir com o enunciado, tal como acontece nos relatos de viagem. Textualmente também se afastam da literatura de

⁵ “O guia turístico define-se se o tema da viagem se intersecta com o tema do espaço. Isso coloca o leitor não na viagem, mas no espaço da viagem: através de uma entidade que colocada num espaço desconhecido, cria uma narrativa do percurso” - tradução própria.

viagem porque valorizam mais a função do espaço, o percurso proposto ao leitor. Podemos dizer até mesmo que um guia cria uma identidade de um suposto sujeito visitante, que ultrapassa o espaço do texto, recriando-o (Ragonese, 2010).

Mas para todos os efeitos, quando se olha para este *gênero*, devemos ter em conta algo tão fundamental como a importância da semiótica. O espaço textual, a ligação com o leitor, a existência de uma hierarquia de valores, o espaço como uma linguagem. O texto é escrito em função do real e não deve, em circunstância alguma, gerar ambiguidade entre o real e o imaginário (Ragonese, 2010; Tramontana, 2010).

Apesar da estrutura simplificada dos guias, o seu conteúdo deve ser geral e variado. Com uma boa panóplia de descrições dos locais/cidades mais relevantes, e com a inclusão de algumas caracterizações dos monumentos, da história; entre também a sugestão de itinerários de forma a facilitar a visita do turista. E não menos importante, o guia deve conseguir transmitir/descrever a visita como se de uma visita guiada se tratasse (Toledo-Pereira, 2005).

*“il lettore deve sapere, attraverso precisi effetti di senso, che tutto quanto sta leggendo potrà essere ritrovato nel luogo di cui parla la guida.”*⁶ (Ragonese, 2010, p. 6).

Segundo os autores italianos Santulli e Ragonese, Todorov na sua teoria do negativo imperativo (1978) indica que existem três aspectos que permitem identificar um gênero, sendo estes o verbal, o sintático e o semântico. É importantíssimo a veracidade textual que permita a passagem do plano cognitivo para o plano pragmático. O que os guias turísticos fazem é a ligação do valor turístico com o lugar e a descrição desse espaço com especial atenção. Por seu turno quando prendemos a nossa atenção na passagem do verbal ao sintático, percebemos que em primeiro lugar o guia fala de uma futura viagem, não é algo que já tenha ocorrido, e depois fala ao viajante, com a história dos passos tomados e dos espaços. Na passagem final do sintático ao semântico, encontramos o tema, que em poucas palavras podemos resumir como a viagem, a visita de um viajante a um outro lugar. O texto nos guias

⁶ “O leitor deve saber, através de um sentido preciso, que tudo o que está referido pode ser encontrado no local mencionado pelo guia” – tradução própria

turísticos, não remete para o cenário como a literatura de viagens, mas pelo contrário, faz uso de todo esse cenário como o papel principal do enredo (Ragonese, 2010; Santulli, 2010).

Agora se não o devemos aceitar como género literário, é totalmente aceite que seja um género textual próprio. Os guias acabam por ser o espelho de certos preconceitos, no sentido de ideias pré-concebidas e não no seu carácter injurioso, que tornam presente o imaginário do texto e do objecto a que se refere, recorrendo à linguagem comum. Os guias são escritos como forma identificativa da época em que se inserem. De certa forma, o traço discursivo utilizado tende e pode ser encarado como um vestígio arqueológico, nesse mesmo sentido de demonstrar uma forma de escrever, pensar, de visualizar a sociedade ou neste caso, a cidade (Henriques, 1996; Gonçalves, 2008).

Os guias acabam por assumir a forma de um género textual característico. Como objectivos querem apresentar a cidade a outrem, como já referido anteriormente, tornando-se numa bússola, no sentido de orientar o visitante que se encontra num lugar que lhe é desconhecido, isto sem nunca esquecer que visita esse local enquanto turista. Desde o século XIX que teve inúmeras evoluções mas o género em si, manteve-se constante, apenas com as naturais mudanças a nível da diminuição do espaço textual, e o aumento do espaço dedicado às imagens (Henriques, 1996; Barreira, 2005; Gonçalves, 2008).

Ainda segundo Gonçalves (2008), os guias, para se manterem na condição de género textual próprio, devem seguir algumas linhas orientadoras, no que toca essencialmente à sua forma externa. Isto coincide com o que Saunier defende quando se refere à modificação do formato e volume dos guias, que veio a ocorrer desde o século XIX. Como objectos de auxílio à orientação e usufruto da cidade em visita, o título deve ser incontornavelmente identificável, e o seu formato prático, manuseável e transportável, porque tal como podemos perceber, não seria nada fácil percorrer as ruas da cidade do Porto, neste caso, com um guia volumoso e pesado.

3.4. A cidade e os guias

Temos vindo a falar do surgimento deste género textual, da sua evolução perante o turismo tendo em conta o panorama português. É tempo agora de aprofundar um pouco este tópico e aproximá-lo da nossa intenção de descobrir uma cidade através da informação contida nos mesmos.

É do conhecimento geral que a ligação entre a cidade e o turismo tem vindo a ganhar mais importância devido à emergência do turismo urbano e do turismo cultural. As cidades são locais geradores de fluxos turísticos, o que acontece devido a variados factores como por exemplo a própria situação demográfica e social da mesma. Mas isto implica a própria localização da cidade. Ou seja, uma cidade tem tendencialmente uma população mais jovem e com rendimentos maiores, o que permite um maior fluxo turístico face a uma vila ou aldeia. Por outro lado, mesmo entre cidades, existe um pequeno fosso entre uma cidade do interior e uma cidade do litoral, aqui tendo em conta o caso português. Desta forma é preciso perceber qual é a cidade que temos à nossa frente e como a desenhamos. Isto implica ter em atenção se estamos perante uma cidade *turistizada*, onde o turismo é o centro dessa mesma cidade, ocupando um lugar de destaque de tal modo que tudo gira em função da actividade turística, ou então, se estamos perante uma *cidade com turistas* onde esta mantém a sua génese natural, e o turismo é encarado como um extra que permite um maior aproveitamento da oferta existente (Pereiro, 2002).

Esta noção de cidade com turistas é o cerne de um guia. Muito simplesmente, se a cidade não tem turistas, então o guia não serve para cumprir o seu objectivo. Neste sentido, é de realçar o apelo urbano para os turistas, que em última análise é o factor da existência dos guias turísticos das cidades (ou países, regiões). Henriques refere que os centros urbanos são tidos como evidentes locais de turismo dado que no imaginário colectivo as cidades são a primeira imagem que surge quando se pondera uma viagem. Este autor até cita os casos de Veneza com a sua paisagem aquática, ou outras cidades-capitais da Europa que demonstram esta realidade, como o caso de Londres ou Amesterdão que captavam mais de metade das dormidas efectuadas no Reino Unido e Países Baixos, respectivamente (1996).

Ainda segundo o mesmo autor (1996), esta relevância da cidade advém de uma mão cheia de características que só as cidades podem oferecer em número aceitável. Em primeiro lugar, a existência das condições que não sendo um elemento de atracção turística a favorecem muito, como por exemplo, uma suposta melhor rede de transportes. Até mesmo em termos de representação mental, a cidade devido a factores históricos, religiosos, políticos ou até mesmo de constância no seio da comunicação social ocupa aquele lugar central no imaginário colectivo. Em segundo lugar as próprias atracções turísticas, sejam estas categorizadas como primárias (sendo os principais pontos de visita da cidade, que geram fluxo turístico só pela sua própria existência) ou como secundárias (elementos que não são notoriamente turísticos, mas que “casualmente” são visitados/ utilizados pelos turistas). Obviamente nem todas as cidades têm a mesma oferta. Tal como referimos anteriormente, só o factor interior/litoral já limita em certa maneira. Até mesmo dentro daquilo que se pode considerar como grandes metrópoles existem diferenças na sua “oferta”, onde por exemplo há aquelas que são de cariz maioritariamente económico como Hamburgo ou Chicago, outras que associam a história ao património como Veneza, Atenas ou São Petersburgo, ou então as que alheadas do contexto histórico europeu e cristão, oferecem a imagem de exotismo aliado ao património, como Istambul ou Marraquexe.

Com esta variedade imagética das cidades é antes de mais relevante demonstrar que o ordenamento espacial da cidade é peça chave para o turismo e para a própria urbe. Tal como diz G. Caze, citado por Gonçalves:

“num mesmo lugar sobrepõem-se dois espaços: o espaço real, que é dos habitantes e das suas actividades, bem como dos visitantes confrontados com a realidade quotidiana, não transcendida pelo mito, como deslocar-se, alojar-se, alimentar-se, partilhar o espaço com o autóctone; e também o espaço imaginário, simbólico, mitificado, reconstruído pelos discursos e as representações da publicidade, colocados em imagens, confinados em códigos de visão, de leitura, de interpretação, de uso e conduta.” (2008, pp. 21-22).

Esta dicotomia espaço real versus espaço imaginário permite que os guias consigam ser a recriação da história da cidade. Tornam-se modelos de promoção de um lugar,

originando uma valorização económica desse mesmo espaço. Neste sentido de recriar a história, temos o exemplo de E. Cohen (1999) que criou uma história da capital francesa, Paris, através de imagens e representações recolhidas de fontes documentais pouco ortodoxas como os guias turísticos (Gonçalves, 2008).

3.5. Os guias como fontes documentais de análise

Deixando a característica prática dos guias turísticos de parte, detenhamo-nos sobre a possibilidade de estes documentos serem encarados como fontes documentais plausíveis para a análise do objecto em si identificado.

“Sendo uma literatura utilitária, são difusores de códigos, valores, modos de compreender o espaço e o tempo, porque permitem compreender a realidade de outrora através de uma construção de representações e símbolos.” (Gonçalves, 2008, p. 22)

Como já tem ficado patente, os guias são muito mais do que meras representações ou registos físicos do momento histórico-urbanístico em que foram produzidos. Analisando as suas imagens e a sua linguagem, podemos obter a melhor maneira de alcançar as paisagens turísticas, de entender o ambiente circunscrito em que foram escritos, de perceber as envolvências sociais que dão importância às suas representações (Henriques, 1996).

3.5.1. Os guias de turismo portuenses

Em relação à cidade do Porto, apesar de não ser de uma variedade muito acentuada, existem alguns exemplares desde o século XIX de guias turísticos produzidos e editados quer no Porto, quer para o Porto.

Na elaboração da análise dos mesmos, é pertinente verificar quais são os guias encontrados e a sua edição, efectuando um estudo mais genérico no sentido de os caracterizar. Com este intuito, procuramos posteriormente verificar a sua forma externa, através do título facilmente identificável e o seu formato manuseável e transportável, e as suas condições de produção (se tem por base o estado ou o

mercado turístico), porque consoante o ambiente de que é oriundo pode ser conotado com interesses mais ou menos comerciais ou ideológicos.

Os exemplares do século XIX que recolhemos como fonte de análise situam-se entre 1864 e 1877, e podem ser encarados como guias próprios do seu tempo, com uma explicitação longa, demorada e detalhada dos locais/monumentos a visitar, com recurso a pouquíssimas litografias. Os dois primeiros guias foram editados no mesmo ano de 1864.⁷ O primeiro, ***Elucidário do viajante no Porto***, da autoria de Francisco Ferreira Barbosa, não utiliza o termo *guia*, mas sim *elucidário* (livro explicativo de coisas pouco conhecidas) que demonstra o estado de desconhecimento que os turistas/visitantes tinham do Porto. De seguida, o ***Guia histórico do viajante no Porto e arrabaldes***, escrito por F.G. da Fonseca, já consegue inserir no espaço do texto algumas gravuras. Por último, o ***Guia do viajante na cidade do Porto e seus arrabaldes*** de 1877 por Alberto Pimentel, um autor portuense que no seu discurso descritivo das atracções para os viajantes consegue em algumas páginas aliar a descrição do Porto oitocentista, a comentários de cariz crítico e pessoal, a título de exemplo - “O Porto, que come a tripa e o biscoito não pode pensar exactamente do mesmo modo que Lisboa, que dá uma preferência habitual á fava, á ervilha, á alface e ao peixe.” (Pimentel, 1877, p. 14) -, com transcrições de passagens de escritores portugueses como por exemplo, Camilo Castelo Branco (Faro, 2005).

Durante o século XX e os primeiros anos do século XXI, a edição de guias conheceu um grande aumento, pelo que de 1902 a 2011 muitas são as possibilidades de escolha. Em 1902, Eduardo Sequeira escreve o ***Guia ilustrado do Porto***. Em 1910, surge o ***Guia do Porto Ilustrado*** de domínio privado da empresa dos guias “Touriste”. Cerca de 1916, a Sociedade de Propaganda de Portugal lança ***O Porto e seus arredores – indicações geraes para uso dos viajantes***. Alguns dos acontecimentos importantes na história da cidade surgem como meios para a criação de outros guias, como o de 1934, ***Guia oficial do visitante da exposição colonial portuguesa – Porto***, editado por Antunes Leitão e Vitorino Coimbra, que surge como auxílio dos visitantes, aquando da exposição sobre as colónias portuguesas de Macau, África ou Índia a

⁷ Dado que ambos os guias são editados no mesmo ano, tomaremos o *Elucidário do viajante* como o primeiro guia, apenas para uma questão de melhor entendimento.

decorrer no Palácio de Cristal. Em 1956, no seguimento de um conjunto de guias turísticos, aparece o ***Guia Panorama – Porto***, que em apenas vinte páginas faz uma apresentação dos principais pontos. Por seu turno a própria câmara municipal da cidade começa a editar os seus próprios guias, culminando com o ***Guia turístico do Porto*** de 1996, ano em que ocorre a classificação do centro histórico como Património da Humanidade.

Já depois do ano em que o Porto foi Capital Europeia da Cultura em 2001, novos guias têm surgido (alguns como actualizações) como o ***Guia American Express – Porto*** de 2008. Em 2010, surge o ***Guia Touaqui – Porto***, um guia

“da cidade, feito por quem conhece o Porto, quem gosta do Porto, mas sobretudo, por quem vive o Porto na primeira pessoa, fazendo dele o seu palco do dia a dia. Segundo uma perspectiva inovadora, com uma diferente organização, uma nova abordagem à cidade e aos seus pontos de interesse e com uma imagem, grafismo e fotografias que o reflectem, este novo guia dá ao seu leitor, uma nova forma de ler o Porto.” (Objecto Anónimo, 2010).

No ano seguinte, a câmara municipal envereda por outro caminho, criando o guia ***Porto Percursos*** (2011), que cria percursos inspirados no barroco ou até mesmo nos azulejos. Porém quanto à análise dos mesmos, deteremos mais atenção na parte prática e crítica deste estudo.

Em termos gerais, tal como Gonçalves (2008) refere no seu estudo sobre Lisboa, os títulos utilizados não se desviam do padrão, exceptuando como já foi dito anteriormente o *Elucidário do viajante* de 1864, e o *Porto Percursos* de 2011 que não faz qualquer referência ao termo guia. De salientar é que na sua totalidade, todos eles têm no seu título, a denominação Porto, o que permite a não existência de qualquer factor de confusão aquando da sua procura. Também é importante referir que os primeiros guias editados fazem menção directa ao alvo para o qual foi criado, o viajante (guias do século XIX e inícios do século XX). Em termos de utilização prática, estes são todos de pequeno porte conferindo-lhes um fácil manuseio e portabilidade.

Importante é também a autoria e o contexto histórico no entendimento destes mesmos guias. Grosso modo, os títulos publicados são de origem comercial, havendo

a presença de alguns guias de edição pública e mais recentemente da própria aposta das entidades públicas. Os primeiros títulos são os únicos que aparecem como edição ou autoria privada, apoiados não só no que a cidade tem à disposição como também numa espécie de memória experienciada como é o caso de Alberto Pimentel. Em suma, isto permite dizer que existem guias com um contexto mais pessoal (de edição individual), guias de contexto político/promocional e os guias comerciais, cada vez mais prolíferos já que são escritos/editados por profissionais da área.

3.6. Conclusão

Os guias turísticos, tal como os conhecemos actualmente, são fruto de anos de evolução, quer no seu conteúdo, quer nas forças sociais e políticas que se cruzam na edição dos mesmos. São como que a imagem mais rapidamente projectada da cidade, para que o turista a conheça. São então formatados para os olhos daqueles que a desconhecem senão totalmente, pelo menos parcialmente.

Estes livros podem então ser entendidos de duas formas. Uma, mais pragmática auxilia o turista na visita a uma cidade, região ou país. Isto porque oferece informação básica sobre os monumentos, os locais de acomodação ou restauração. A outra forma, mais académica e menos requerida, é a de usarmos os guias turísticos como fontes documentais para analisar o espaço que neles é referido. Pois estes podem ser o espelho da situação política ou social que se vive no tempo da escrita.

Não podemos também deixar de referir a importância que a própria constituição e progressão da cidade tem para a existência dos guias. Estes só servem o seu objectivo se de facto existirem turistas para visitarem a cidade. E é através de toda a oferta presente no espaço territorial urbano que os guias ganham fulgor para se tornarem a representação imaginária de um espaço real. Assim aproximamos o estudo dos guias, relacionando-os com a cidade, a qual mais adiante terá a atenção devida.

Em relação aos guias do Porto, estes têm vindo a ser cada vez mais (apesar de os primeiros apontamentos dos monumentos da cidade aparecerem em almanaques, o primeiro guia turístico mais próximo do modelo padrão surgiu em 1864) e mais ecléticos, passando de edições privadas e pessoais para edições mais comerciais, isto

porque as entidades que os visualizam procuram novas formas de dar a entender a cidade e o seu património, mantendo o interesse activo do turista.

IV CAPÍTULO

“I paint objects as I think them, not as I see them”⁸

Pablo Picasso

4. O uso da imagem no turismo impresso

Cidade, turismo, tudo se correlaciona no sentido de procurar a imagem do Porto. Mas esta busca centra-se no real, ou num imaginário escrito? E citando o célebre poeta e dramaturgo inglês, William Shakespeare, “To be, or not to be: that is the question.”⁹

Desta forma, *imagem* é meramente aquilo que associamos a uma fotografia ou desenho? Ou vai mais além, e pode relacionar-se com o imaginário, com a nossa mente? A multiplicidade de focos de estudo deste tema faz com que seja um pouco complicado delimitar o sentido que queremos do termo.

Desta forma vamos tentar delimitar o conceito de *imagem*, para que depois possamos explicitar um pouco a que se refere no âmbito das áreas atrás referidas. E por fim, vamos tentar perceber de que maneira é que uma cidade pode deter uma imagem, e como a mesma lhe pode servir de ponto de acesso aos turistas.

4.1. Definindo imagem

Para alguns, *imagem* pode ser algo subjectivo como a representação mental de uma realidade, ou como a forma como uma experiência fica retida na memória criando uma ideia própria e pessoal; para outros, pode ser algo tão objectivo como uma fotografia ou um quadro. Isto permite perceber que é um conceito com múltiplos sentidos. Tal como a beleza, que está nos olhos de quem a vê, também a *imagem* pode ser vista consoante o foco de estudo originando um resultado diferente.

A discussão nesta área centra-se então em vertentes tão complexas, criando uma espécie de universo multidimensional com a coexistência de interesses como a filosofia, a semiótica, a psicologia ou mesmo o marketing. Cada um destes mundos do saber associa a imagem a uma “realidade”, um “signo”, a “representações mentais ou sociais” e um “elemento fundamental para a decisão do consumidor” respectivamente

⁸ “Eu pinto os objectos como os penso, não como os vejo” - tradução própria

⁹ “Ser ou não ser, eis a questão”

(Kastenholz, 2002), sem no entanto perder um fio condutor que os liga a todos, sendo que da mesma forma que se distanciam, também se assemelham. Muito sucintamente, a imagem é a representação gráfica de algo existente, ou então que poderia existir, ou seja, a imagem torna-se na materialização da linguagem não-verbal (Silveira, 2005).

Desta forma, podemos olhar para o quadro que se apresenta a seguir e entender melhor as características encontradas por Kastenholz após a análise de todas as suas vertentes, mas que vamos apreciar com mais detalhe de seguida, dando mais ênfase à *imagem* no campo do marketing, da semiótica e da psicologia.

Tabela 7 – A imagem - características

Imagem:	<p>É o resultado da confrontação de uma pessoa face a um objecto num ambiente social;</p> <p>É um sistema estruturado, complexo e multidimensional;</p> <p>Contém elementos de estereótipos, esquemas e atitudes;</p> <p>Inclui o subjectivo e o objectivo, experiências e atitudes;</p> <p>Adquire elementos de imagens;</p> <p>Distingue-se pela totalidade;</p> <p>Contém um certo grau de dinamismo;</p> <p>Original, durável e estável, embora influenciável;</p> <p>Tem um significado simbólico;</p> <p>Tem a capacidade de projectar motivações e expectativas;</p> <p>Avalia e simplifica;</p> <p>Detém componentes de avaliação cognitivos, afectivos, pessoais e comportamentais;</p> <p>Representa uma realidade psíquica;</p> <p>Muitas vezes não é consciente;</p> <p>Ajuda na interacção psicológica com o ambiente em redor;</p> <p>Pode ser partilhada e assumir uma função social;</p> <p>É influenciadora de opiniões e comportamentos;</p> <p>Pode ser descrita e medida;</p> <p>Variável do marketing, capaz de agir sobre a decisão de compra;</p> <p>Permite atingir o posicionamento no mercado.</p>
----------------	--

Fonte: Tabela inspirada em Kastenholz (2002)

4.1.1. As facetas da *Imagem* nas ciências sociais

Tal como temos vindo a verificar, o conceito de *imagem* varia de área para área, no entanto dentro das ciências sociais, que englobam as relações humanas, a distinção existe, mas não ao ponto de as separar completamente.

Num primeiro momento, em termos literários a *imagem* surge no mundo da semiótica e torna-se uma projecção sujeita a críticas de inúmeras correntes, capaz de incutir conotações quer ideológicas quer afectivas. Quando nos referimos a semiótica, referimo-nos à ciência que estuda os signos que podem representar algo, desde real a imaginário. A semiótica vive do uso dos signos, a relação entre o significado e o significante e desta maneira, as imagens podem ser associados a signos ou ícones porque consegue ganhar mais ambiguidade e riqueza semântica que as próprias palavras. O signo linguístico serve de elo de ligação entre um conceito e a sua imagem acústica (Matos, 2001).

O objectivo da *imagem* enquanto signo é o de construir uma mensagem visual, fazendo-o através de uma heterogeneidade, abrangente e multidimensional, onde engloba a linguagem verbal e a linguagem não-verbal (Silveira, 2005).

Quando começamos a enveredar pelo caminho do não-verbal, atingimos a imaginação, o imaterial. Surge a *imagem* como representação. Este termo é mais utilizado em áreas como a psicologia ou a sociologia.

Primeiramente, é importante não esquecer que ao pensarmos em *imagem*/representação estamos a falar de conceitos que reflectem uma dinâmica que gera interacção entre o significante e o significado. Nada disto é possível se o Homem não estiver presente como agente preponderante. Em verdade, este é o factor imprescindível à existência de uma representação mental. Discernimento, reconhecimento, construção de conhecimento são termos que vivem com a representação mental, porque acima de tudo uma representação é a substituição do real, num dado momento em que o real não está de facto presente (Freitas, 2005).

Esta construção mental é fruto da interacção entre o texto e a *imagem*. Na maior parte das vezes, porém, também ocorre apenas com um desses factores. Assim a forma de

visualizarmos a vertente palpável pode modificar a estrutura mental em construção, porque acarreta muitas referências que advêm do texto escrito ou mesmo, por exemplo, das fotografias. Isto aproxima a noção de imagem mental da de representação mental. Muitas das vezes o necessário é tentar combater as imagens estereotipadas, como por exemplo, se pensarmos no Brasil, a imagem subjacente são as praias ou o Carnaval (Alegria, 2010).

Isto demonstra que é bem possível que os textos turísticos também consigam reter representações mentais e sociais. Como Gonçalves (2008, p. 16) refere, citando D. Jodelet,

“as representações sociais são uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com fins práticos e concorre para a construção de uma realidade comum ao conjunto social, sendo contudo um saber de senso comum, distinto do conhecimento científico. Como sistemas de interpretação regem as nossas relações com o mundo e com os outros, organizando e orientando as condutas e as comunicações sociais. Desse modo intervêm em vários âmbitos da vida social da qual se destacam a assimilação e difusão de conhecimentos, a definição de identidades pessoais e colectivas, assim como as transformações sociais.”

Passando de um momento onde a imagem vem das palavras, crescendo no imaginário, passamos à fase em que essa evolução se torna capaz de influenciar a decisão de compra. Quando a decisão de algo passa pela opinião de terceiros, é perfeitamente normal que quando esta é positiva, o incentivo à compra do produto em questão é maior. Isto resulta muito facilmente no fenómeno turístico o que leva à questão da imagem focando-se na vertente do marketing. Esta imagem do destino turístico vai buscar muito do seu poder a todas as características que envolvem o turismo neste caso específico.

Para o sucesso de um destino turístico, a sua imagem é levada em conta no momento de decisão. Esta imagem é o somatório de uma grande panóplia de agentes directos e indirectos que de alguma forma chegam à presença dos consumidores. Para tal, existe ou deve existir, uma cooperação, um ambiente de integração para que a experiência

global seja positiva. Esta experiência é que gerará a imagem posterior. Sendo assim, é importante que o destino tenha uma boa oferta, que seja capaz de corresponder às expectativas dos turistas e isto só acontece através do conhecimento do consumidor, daquilo que este deseja ou pelo qual anseia. Isto apenas ocorre depois de identificar um espaço turístico, verificar as suas possibilidades no que se refere à sua capacidade de oferta, a quem poderá interessar e de que modo se deverá fazer. Isto cria a imagem de um local, e este tipo de imagem é muito mais que uma mera ideia, é o reflexo de experiências, convicções e que por vezes não se coadunam com a realidade (Gândara, 2008; Kastenholz & Paul, 2004; Lundberg, 1990).

A ideia que fica aqui subjacente é a de que esta imagem na vertente do turismo, como imagem de um destino, é necessariamente avaliada pelo consumidor. Neste sentido apraz dizer que a imagem se vê aqui como que num sentido corporativo, é mais comumente conhecida como imagem de marca. Isto reflecte-se, tal como foi dito anteriormente, na forma como nos fica retida na memória a presença/ experiência de algo. A sua percepção quando posteriormente somos confrontados com a sua ideia (Keller, 1993; Grönroos, 2001).

Desta forma e através da literatura da área do marketing, a imagem é algo que se assume como maleável, no sentido em que é passível de ser influenciada graças a vários factores, desde a qualidade dos serviços à satisfação dos clientes. Porém também se encontra no outro prato da balança, sendo capaz de fazer o papel inverso, tornando-se como que numa espécie de ciclo vicioso que ora influencia, ora sofre influência (Hu, et al., 2009).

4.2. A imagem como auto-retrato

A imagem normalmente é procurada nos olhos daqueles que a vêem. Porém é importante ver como esta se assume em si mesma, passando a redundância. O modo como um pintor usa a tela e os pincéis para se desenhar, colocando em primeiro plano os atributos que pretende evidenciar, mostrando como ele mesmo se vê. O auto-retrato torna-se uma dimensão física e visível da mente, mas o enquadramento teórico que se alude em relação a este tópico assume-se largamente superior ao âmbito psicológico ou artístico (Botelho, 2000).

Ao estudarmos uma cidade e procurando este sentido de auto-retrato presente num guia, não nos é possível dissociar a autoria do mesmo. Se o seu autor é autóctone (o que acontece em alguns dos guias sobre a capital do norte) como Alberto Pimentel, a sua relação será de uma co-identificação entre o autor e a cidade, o que leva à construção da chamada identidade colectiva (Gonçalves, 2008).

Já aproximando-nos do nosso objecto de estudo, vamos verificar como é que de certa maneira os guias escritos por portugueses podem constituir o auto-retrato de uma cidade, como objecto identitário.

4.2.1. O auto-retrato de uma cidade

Quando nos referimos a auto-retrato, procuramos apresentar algo inerente à cidade, algo de muito próprio, tal como refere Gonçalves no seu estudo sobre Lisboa e os guias turísticos (2008). Neste sentido de pensar numa cidade, não colabora para a sua existência apenas a aparência física, mas a conjugação desta com elementos capazes de influenciar essa mesma imagem.

Utilizando o exemplo de Lisboa, esta cidade apresenta-se

“como um quadro espacial actuando como ancoragem simbólica para a identidade cultural dos lisboetas, mas pela sua longa capitalidade, igualmente para os portugueses, em que as descrições produzidas nos guias foram um momento de actualização de identificação da cidade e do país.” (Gonçalves, 2008, p. 18).

Ou seja, e também segundo a mesma autora, quando procuramos o auto-retrato da cidade, procuramos de que forma esta com o seu discurso pretende impressionar o leitor e, actualmente, o turista. A intenção de mostrar os atributos mais viáveis para suscitar interesse no turista, através de uma personalização da cidade, atribuindo-lhe um eu próprio, resume-se na utilização da metáfora da “apresentação pública do eu”, no sentido de provocar uma resposta positiva por parte dos leitores, a qual se traduz na visita a essa mesma cidade. *“Em suma, antropomorfizando a cidade fizemos dela um actor que se arranja ao espelho para mostrar no guia ao seu público - viajantes”* (2008, p. 19).

As cidades, pela sua estabilidade cultural e social, têm uma natureza ilusória de que é possível redescobrir o passado no presente. Isto porque não são meros aglomerados físicos, mas sim lugares de representação e de imaginação. Se atentarmos também no caso de Coimbra, vemos que esta se pode auto-retratar como uma cidade ora histórica ora estudantil, também arquitectónica, do Mondego, do fado... A existência dos guias turísticos a referir a existência de uma das mais antigas universidades do mundo demonstra Coimbra como uma cidade universitária, mostrando a versatilidade da imagem auto-retratável no turismo (Gomes, 2008).

Para terminar, nunca nos esqueçamos que a imagem, neste caso da cidade, é algo que perdura. A expressão portuguesa, *Lisboa diverte-se, o Porto trabalha, Coimbra estuda, Braga reza!* é o exemplo disso mesmo. Este lugar-comum prende-se com as realidades vividas em cada uma dessas cidades. Coimbra como se percebeu há pouco, relacionada com a educação graças à Universidade, Lisboa pelo facto de que é o centro do país, e Braga porque a sua história está intrínsecamente ligada à religião.

4.3. Conclusão

Quando começámos este capítulo, sabíamos que era um assunto difícil de abordar. Com diversas perspectivas, o seu estudo tem-se sentido mais presente e com mais valor, nas áreas da psicologia, da literatura e até mesmo do marketing. No entanto todas elas seguem um fio condutor semelhante, que é a representação de um objecto físico num dado momento em que este não está presente.

Se essa mesma representação é o que as aproxima, cada uma tem a sua característica que as distingue sobre o conceito de *imagem*. Em psicologia, esta é a representação mental ou social de determinados atributos. Já nos cânones literários, é a representação de um determinado objecto físico, que através das palavras que se lhe referem consegue gerar uma ideia na pessoa que ouve/lê. Já na vertente do marketing, esta é a importante variável que permite incutir alguma espécie de preponderância no acto de decisão de compra de algum produto.

Quanto mais nos restringimos à imagem como auto-retrato, mais nos aproximamos do teor do estudo. Um auto-retrato coloca em evidência os nossos melhores atributos

em algo efectuado por nós mesmos. Maioritariamente este aspecto é perpetuado essencialmente com relevo na psicologia e nas artes.

A cidade assume uma personalidade própria, um Eu, e da mesma forma que um artista expõe as suas melhores obras numa galeria para o público ver, a cidade usa os seus atributos para ser admirada. É assim que Lisboa e Coimbra se apresentam como exemplos de cidades que através dos seus atributos constantes nos guias turísticos conseguem espelhar uma ou mais imagens, admiradas pelos turistas.

Por fim, toda a interpretação que terá como objectivo as imagens turísticas da cidade a partir dos guias será uma “representação de representação”, pelo que a vertente fiel da realidade não estará presente na sua totalidade, devido à interferência nos discursos por parte dos seus autores.

V CAPÍTULO

“Os edifícios do final do séc. XVIII e princípios do séc. XIX, começam a revelar uma rigidez de linhas, uma sobriedade decorativa, uma falta de imaginação plástica, que os torna por vezes, quase pobres, sempre severos e muitas vezes tristes e frios.”

(Panorama, 1956, p. 15)

5. O Porto através dos guias

Depois de termos efectuado um enquadramento teórico onde explicitámos os campos conducentes a este último capítulo, partimos para a análise dos guias de turismo referentes ao Porto.

Os guias podem então ser o reflexo da vivência do próprio turismo na cidade, e desta maneira uma boa ferramenta de análise para melhor entender o Porto turístico. Nas palavras de Henriques, assim conseguiremos *“tornar mais perceptível o modo como os efeitos do contexto sociocultural e as características do local se combinam na modelação deste local turístico”* (1996, p. 85).

No momento da pesquisa de guias existentes sobre o Porto, encontraram-se um número superior aos estudados, mas como o intuito deste trabalho é poder comparar as produções dos três séculos, adoptou-se a estratégia de aproximar o número de guias turísticos por século. Assim foram analisados dez guias turísticos: três que compreendem o período histórico de 1864 a 1877; quatro para o século XX¹⁰, partindo de 1902 e terminando em 1996; e mais três que correspondem aos anos de 2008 a 2011.

A metodologia adoptada pode ser apresentada rapidamente. Depois de identificado o material a analisar, e de acordo com o trabalho já realizado por Henriques (1996), ponderou-se estudar o espaço textual utilizado para cada elemento. Relativamente ao material icónico fazemos alguma referência ao mesmo não lhe conferindo especial

¹⁰ A razão de ser estudar quatro guias para o maior espaço temporal presente prende-se com o facto de que primeiramente, existiria uma disparidade de produções entres todos os séculos. Por essa mesma razão, definiu-se um exemplar por cada 25 anos, de forma a conseguir ter uma ideia mais concreta e não tão dispersa deste século.

atenção, pois algumas das fontes documentais utilizadas não dispunham de tal material.

Desta feita, e olhando para o texto, efectuamos uma divisão temática, porque nem tudo o que se circunscrevia ao elemento em si era importante para o nosso estudo, como por exemplo, informações relativas a preços e horários. Tendo isto em mente procedemos ao recorte do texto¹¹, pois é este espaço dedicado a cada elemento que será *o cerne* do estudo a efectuar, de modo a perceber a importância deste.

Na quantificação deste espaço, inspirados pelo método utilizado por Henriques (1996), efectuamos a contagem das palavras referentes a cada objecto, o que possibilitou a percepção da importância dada a cada um em diversos momentos da história da cidade. No entanto é importante salientar que poderá existir uma margem de erro, pelo que o método utilizado pode ser influenciado por factores como cansaço.

5.1. Apreciação turística

Ao avaliar os diferentes guias que representam os três séculos de impressão de guias turísticos do Porto, conseguimos perceber de que forma se foi desenvolvendo este lugar turístico no que diz respeito ao espaço textual dedicado a cada objecto.

O gráfico seguinte permite identificar indicadores sobre este assunto. Tal como Henriques (1996) no seu trabalho sobre *Lisboa Turística*, aqui compara-se a importância dada a cada elemento turístico presente nos guias impressos de 1864 a 2011. No entanto, devido à grande variedade de objectos identificados, e mesmo pontos de interesse citados tornou-se necessário sumarizar todos esses elementos numa estrutura similar à adoptada por Henriques - seleccionamos 11 grupos temáticos sobre a situação do Porto, o que de seguida passaremos a descrever:

¹¹ O processo metodológico de *recorte* de texto resume-se à identificação dos vários *referentes/objectos* sob os quais se organiza o discurso e cuja significação é o nosso objecto de estudo (Henriques, 1996). No caso do presente trabalho, um desses *objectos* poderá ser, por exemplo, o Palácio de Cristal ou a ponte Pênsil; o *recorte* de texto é então a individualização, neste caso, do espaço textual que diz respeito a cada objecto.

Urbanismo: diz respeito a elementos da morfologia urbana, tal como rua, praças, bairros; também se dá importância às vistas panorâmicas, aos jardins e parques, e não se descarta a atenção sobre o aspecto e ambiente da cidade;

Arquitetura civil: este grupo corresponde aos edifícios de cunho civil como palácios, palacetes e demais casas nobres; também assegura os edifícios históricos e aqueles que detêm traços contemporâneos;

Arquitetura militar: corresponde aos elementos que na sua gênese e aproveitamento, se assumem como formas de defesa ou segurança, como quartéis, fortes ou panos de muralhas;

Arquitetura religiosa: compreende todos os edifícios com intuito de devoção, como as igrejas, capelas, mosteiros e/ou conventos;

Museus: inclui equipamentos destinados à exposição de mobiliário e artigos de colecção, como fundações, museus, e casas-museu;

Diversos: diz respeito às referências acerca de elementos comemorativos de efemérides ou em homenagem a figuras ilustres, como monumentos e estátuas;

Engenharia: inclui as infra-estruturas e obras de engenharia que se relacionam com meios de transporte (estações de caminhos de ferro, pontes,...), iluminação ou abastecimento de água;

Equipamentos públicos: aqui surgem as referências aos equipamentos de saúde (hospícios, hospitais,...), aos equipamentos educacionais e culturais, como por exemplo, escolas, bibliotecas e universidades; aos tribunais e também a cemitérios;

Actividades económicas: corresponde aos elementos relativos ao aparelho comercial, desde fábricas, mercados e edifícios de cariz económico ou industrial;

Lazer: dos teatros ao coliseu, aos bares e locais de diversão, clubes, associações; assim como as referências a questões etnográficas e populares, como as festas populares e as procissões;

Hotelaria: este último grupo assegura as referências aos cafés, hotéis e restaurantes.

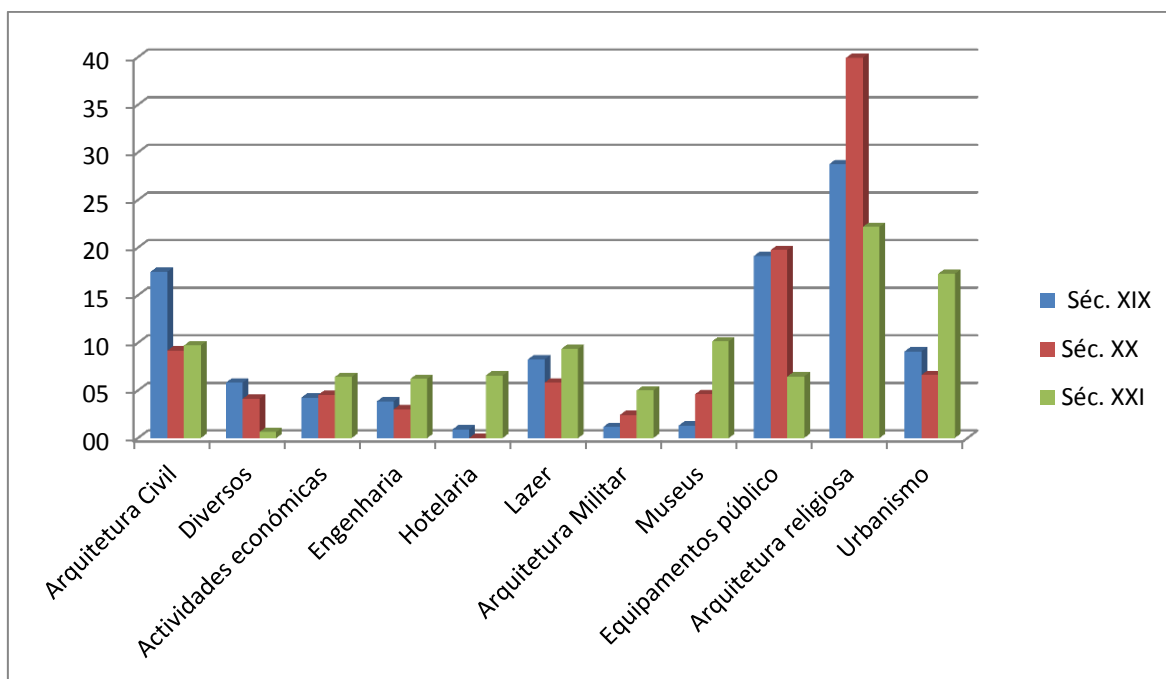


Gráfico 4 - Espaço textual médio nos guias por século (valores em %)

Fonte: Elaboração própria

Ao observarmos o gráfico (4) conseguimos compreender o desfasamento que ocorre nas várias áreas temáticas durante o período delimitado. O que sobressai neste aspecto é que o grande foco vai para quatro elementos que no seu total perfazem cerca de 70% do espaço dedicado à parte textual dos guias no seu todo, por outro lado também é de notar que os restantes sete grupos sofrem de uma diminuta importância face aos valores observados anteriormente.

Esses quatro grandes elementos por ordem de importância revelam a importância que os elementos arquitectónicos detêm sobre o turismo, a arquitectura religiosa, os equipamentos públicos, a arquitectura civil e por fim o urbanismo. De salientar o constante domínio do cunho religioso em todos os séculos, mostrando que já de início e confrontando com a génese cultural e identitária da cidade, o Porto contém uma imagem religiosa muito forte (no período de 1864-77 ocupa cerca de 30%, enquanto que em Novecentos acresce aos 39.9%, e nos guias contemporâneos ficam-se pelos 22.2%, mantendo, mesmo assim o lugar cimeiro).

No outro lado da balança é curioso verificar a relativa variação que se foi concretizando ao longo dos três últimos séculos, no que toca aos elementos menos

cotados. Estas modificações são fruto da evolução social e cultural que se verificou na cidade e no país. Por exemplo, não é de todo impossível de compreender que com a evolução que ocorreu no âmbito do turismo, como já vimos anteriormente, que os próprios empreendimentos turísticos tenham sofrido uma evolução positiva, graças a diversificação e multiplicação da oferta, no que toca ao espaço textual (passando de 0.9% no século XIX, para 6.6% na primeira década do século XXI), até mesmo a nível dos museus, o interesse que estes despertam viu receber um maior impulso com o novo milénio, tal como a arquitectura militar. Pelo contrário, ocorreu um decréscimo na atenção dada à estatuária, onde as referências se tornam muito mais concretas e concisas (note-se que o espaço dedicado a este elemento, diminuiu de 5.8% para 0.6% no período de 1864 a 2011).

O panorama verificado no Porto não se afasta muito do de Lisboa de Henriques. Tal como este autor refere, *“as alterações mais relevantes na composição temática dos guias sugerem razões mais profundas, cuja interpretação merece maior detalhe. De entre estas sobressai o que parece ser um deslocamento do foco de interesse dos guias”* (Henriques, 1996, p. 90).

5.2. As transformações turísticas

As transformações que ocorrem a nível do lugar turístico são fruto da envolvência de factores sociais, culturais e políticos. Normalmente, o conhecimento adquirido sobre os monumentos é escasso. Assim, quando um elemento de interesse turístico conjuga um maior nível de informação com uma grande projecção exterior, acreditamos estar perante um dos principais pontos de interesse da cidade.

A análise consegue identificar os vinte principais pontos de interesse da cidade do Porto (anexo V), com maior destaque a nível do espaço textual reservado para a descrição de cada um deles. Neste sentido fez-se o somatório do número de palavras utilizado em cada elemento para que se obtivesse um número total de palavras, permitindo a sua classificação hierárquica. A interpretação efectuada destes resultados permite entender como é que alguns dos pontos de interesse se revelaram influenciados pelas transformações que ocorreram no Porto, tanto do ponto de vista cultural, como do ponto de vista da dinâmica urbana.

Não se pode deixar de revelar que para estes resultados foi preciso verificar quais os objectos que tinham presença em todos os guias existentes do século, ou em pelo menos metade (tanto no século XIX como no século XXI, teriam de ter expressão em pelo menos dois dos três guias, enquanto que no século XX, o resultado foi em função da totalidade, ou de três dos quatro guias turísticos analisados).

Do total de elementos estudados, conseguimos perceber que apenas cinco são descritos nos três períodos considerados: sem qualquer ordem particular, o Palácio de Cristal, a Sé Catedral, a igreja e torre dos Clérigos, o Palácio da Bolsa e a igreja de S. Francisco. Por outro lado, existe ainda um conjunto de elementos que são apenas relevantes num período de dois séculos. Entre os séculos XIX e XX, aparece a igreja da Lapa, o Hospital de Santo António, as igrejas de Cedofeita e da Misericórdia e o edifício da Relação; relativo aos séculos XX e XXI o número reduz-se para três, sendo as igrejas de Santa Clara e do Carmo e a estação de S. Bento.

Este resultado é pertinente no sentido de perceber a forma como a cidade se assume em certo período histórico em conjunto com a vertente social desse mesmo período. Se rapidamente nos detivermos sobre cada um dos intervalos em questão, vemos que no século XIX, surpreendentemente ao que possamos pensar, a importância é repartida pelos edifícios de cariz público, como o Palácio de Cristal (de inspiração inglesa) ou os hospitais (militar D. Pedro V e de Santo António), ou até mesmo sobre os cemitérios (sendo o século do romantismo, estes mesmos cemitérios são construídos e pensados nesta corrente romântica, por mais mórbido que possa parecer actualmente); passando pelos tradicionais edifícios de arquitectura religiosa e até mesmo de notar a presença de uma obra de engenharia como a ponte Pênsil. Já no século seguinte, a arquitectura religiosa começa a ganhar mais relevo, com um maior número de igrejas presentes, sendo que é a altura em que a Sé assume maior importância. O que se relaciona com as obras de engenharia também mantém importância, mas começa a ser incomodado por elementos não tão dedicados aos edifícios em si, mas ao seu conteúdo, como por exemplo, o aparecimento do Museu Nacional de Soares dos Reis. Relativamente ao século XXI, e face ao dinamismo urbano, social e cultural que a cidade viveu (e vive actualmente) o conjunto não é maioritariamente composto pela religião, mas sim por outros elementos que numa

sociedade moderna e eclética são importantes, como por exemplo, a área do urbanismo com o Parque da Cidade; o lazer com o Teatro Nacional de S. João ou até mesmo o estádio do Dragão.

De notar na análise dos guias, particularmente em função da tabela descrita em anexo, se há alguma espécie de fascínio que perdura no decorrer dos tempos, este acontece com os edifícios religiosos. Dos cinco elementos presentes nos guias durante este espaço temporal, três são igrejas. Se a igreja e torre dos Clérigos aparecem numa posição mais mediana na tabela, a Sé Catedral e a igreja de S. Francisco lutam pelo maior lugar de destaque. A importância dos Clérigos não é tanto pela igreja em si, apesar de todo o trabalho barroco de Nasoni que se pode ver na fachada, mas pela torre que faz parte deste conjunto e é considerada uma das mais belas torres de Portugal, com 75 metros de altura.

No que toca à Sé e à igreja de S. Francisco, que alternam entre os lugares cimeiros, a sua monumentalidade associa a história à arte. A Sé Catedral de cunho românico aliado ao gótico prende nas suas paredes vestígios da passagem do tempo como *“na parede exterior da torre norte, um baixo-relevo representa uma embarcação do século XIV, que traduz a importância da vocação marítima da cidade”* (CMPorto, 2011, p. 3). Mas o seu interior é também razão de uma apreciação turística, com a talha dourada do retábulo-mor, o altar em prata do Santíssimo Sacramento e os azulejos do claustro. Apenas é superada pela igreja de S. Francisco, onde se conseguem encontrar vestígios tão variados como o gótico (sendo a única igreja gótica do Porto), o românico, o manuelino, até mesmo um portal da renascença e o barroco patente na talha dourada, o que a torna no *“mais rico monumento português em obra de talha dos séculos XVII e XVIII”* (Leitão & Coimbra, 1934, p. 29).

As restantes igrejas que aparecem também com algum destaque (Lapa, Carmo, Misericórdia, Cedofeita e Santa Clara), não rivalizam com as acima referidas quer pela simplicidade das suas formas como a igreja de Cedofeita e Santa Clara, quer pela falta da importância histórica que uma Sé detém, embora existam alguns apontamentos de interesse como a fachada barroca da igreja da Misericórdia, ou o facto de a igreja da

Lapa ser o local onde se encontra o coração do rei D. Pedro IV de Portugal (Imperador do Brasil) doado à cidade em testamento.

Neste conjunto de cinco elementos principais, há ainda a atenção para com o Palácio de Cristal e o Palácio da Bolsa. O Palácio de Cristal sofre uma queda de importância relativamente grande, já que perde o 1.º lugar no século XIX para ocupar o 8.º no século XXI. Em muito se deve o facto de que apesar da denominação se manter, o edifício original muito mais imponente já não existir, e aquele que o substitui actualmente não o suplanta em magnitude e esplendor. Já o Palácio da Bolsa tem um percurso inverso, e ascende do 12.º lugar para o 3.º, posição que mantém no século XX e XXI. Este edifício ao estilo inglês notabilizou-se pelo seu Salão Árabe, local inspirado no Palácio de Alhambra. Muito deste primor pode verificar-se devido ao facto de que o Porto é uma cidade virada para a banca, como que a capital comercial do país no século XIX.

O Teatro Nacional de S. João sente uma desvalorização neste período, ficando afastado da tabela no século XX, regressando no século seguinte para a 19.ª posição. Isto reflecte de certa forma as ocorrências sociais associadas a esta arte. A importância de uma ida ao teatro era muito maior numa era oitocentista, onde existia uma envolvimento não só estética como social, coisa que actualmente não acontece tão frequentemente. Para além desta questão, as próprias entidades públicas da cidade têm sido acusadas de descurar a cultura, e por conseguinte o teatro.

As transformações na malha urbana podem ser causa da redefinição dos pontos de interesse turístico, e isto pode ser observado em especial tendo em conta os elementos que aparecem nos guias do século XXI. A partir do momento em que o centro histórico do Porto é considerado Património da Humanidade em 1996, que a atenção dada a este espaço é redobrada, com as sucessivas remodelações dos espaços verdes e melhorias de acessos, fazendo com que pontos como a muralha fernandina, a casa do Infante e a Feitoria Inglesa, ganhem relevância no espaço a eles dedicado. A isto, somamos a maior atenção para com a estação de S. Bento que progride do 14.º lugar no século XX para o 6.º no século XXI (recentemente eleita como uma das mais belas estações ferroviárias do mundo pela revista norte americana *Travel and*

Leisure), e até mesmo as pontes (isto já que quase todas as pontes erguidas sobre o rio Douro foram no momento da sua construção detentoras de um recorde). Também não podemos deixar de referir o Hospital de Santo António, por muitos considerado a maior obra de influência inglesa (estilo neopaladiano) fora das ilhas britânicas, ou mesmo o Estádio do Dragão que nos guias do século XXI ocupa um 7.º lugar, muito graças à importância que o clube tem vindo a ganhar nas competições europeias. Para terminar, é curioso verificar que o café Majestic alcança o 20.º lugar no século XXI, mostrando o interesse também por edifícios de arquitectura particular.

Se olharmos para estes vinte pontos principais como exemplos da realidade revelada pelos guias, entendemos que apesar de existirem algumas alterações entre os três períodos estudados, não podemos deixar de notar que em termos geográficos a situação mantém-se relativamente estável, exceptuando os guias mais actuais, que denotam uma maior abrangência da cidade (figuras 4, 5 e 6).

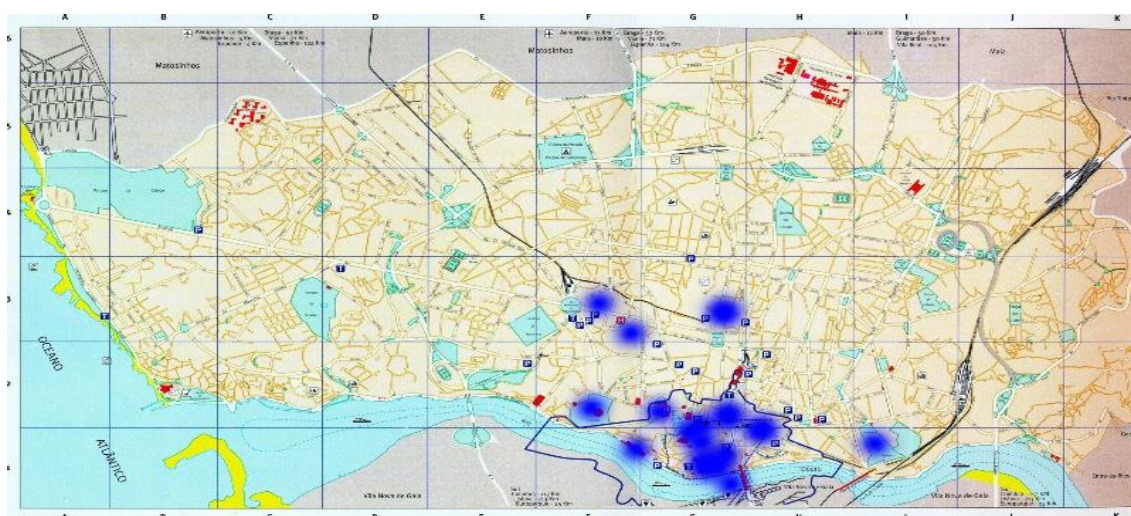


Figura 4 – Localização espacial dos principais pontos de interesse no século XIX

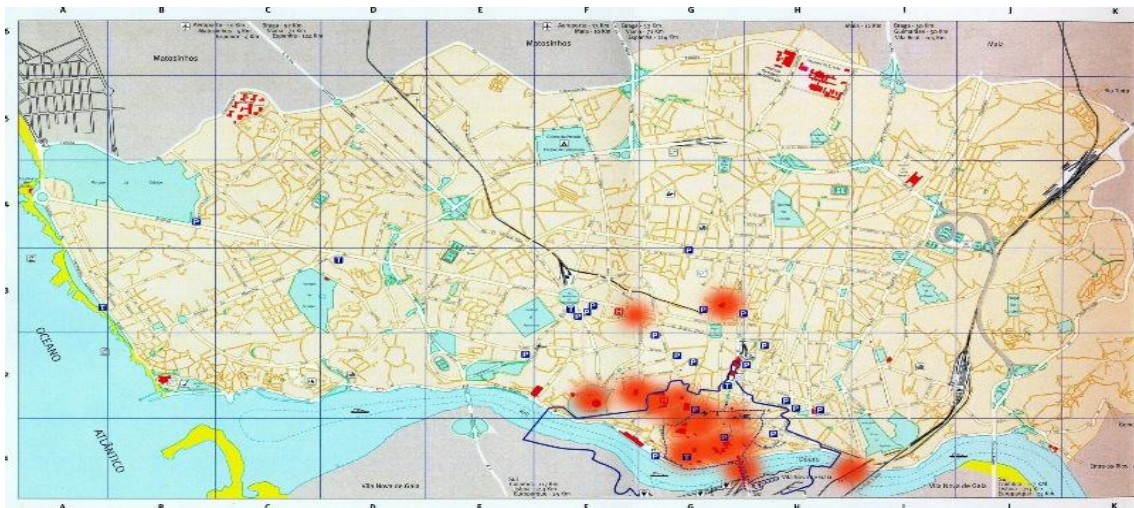


Figura 5 – Localização espacial dos principais pontos de interesse no século XX

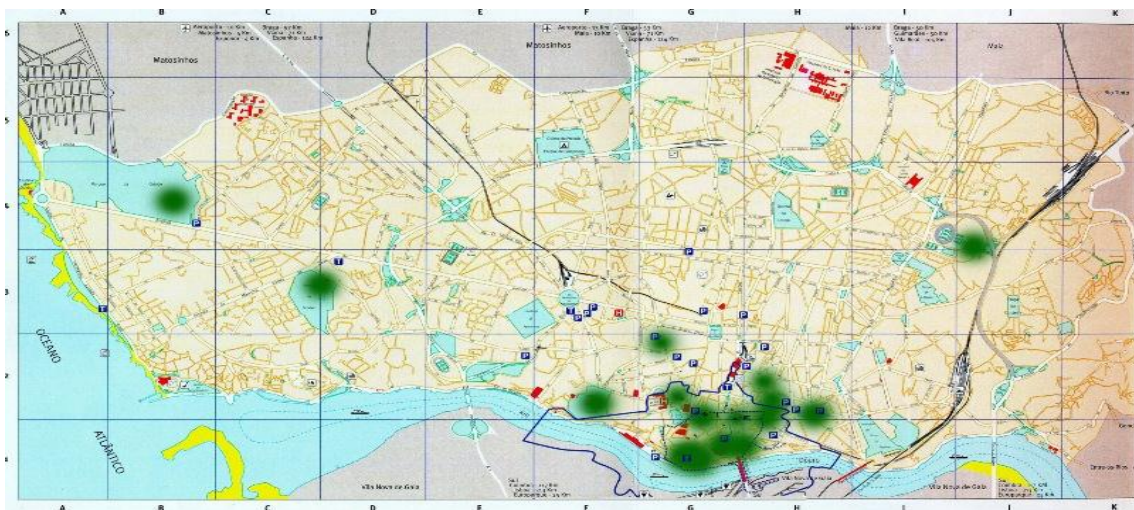


Figura 6 – Localização espacial dos principais pontos de interesse no século XXI

Fonte: (figuras 4, 5 e 6) – elaboração própria

Da leitura comparada das três figuras acima referidas (cada ponto de interesse citado no quadro [anexo V], encontra-se aqui identificado com os pontos), cada uma representante de um período espacial concreto, conseguimos verificar que a zona primordial desde o século XIX é a baixa do Porto, e em concreto a zona classificada como Património da Humanidade. Com o passar dos anos vemos que a abrangência da cidade começa a ser maior, isto é, os pontos principais começam a descentralizar-se e começam a surgir em locais bem separados da cidade. O século XXI é o mais evidente, e temos como exemplo dois elementos em pontos opostos da cidade, como o Parque da Cidade ou a Fundação de Serralves na zona Oeste, e o Estádio do Dragão na zona Este.

A partir de uma análise mais minuciosa destes mesmos mapas, já nos é possível verificar que a trajectória que o crescimento da cidade do Porto tem seguido no decurso da história, também é exemplo destes novos padrões geográficos. A facilidade das comunicações, e em especial a atenção para com os meios de deslocação como o Metro do Porto, podem assumir-se como um factor que ajuda a esta dispersão e ascensão de novos pontos turísticos a partir dos guias. Obviamente que seria um erro crasso pensar que o panorama se transformará muito mais. A importância do centro histórico, com presença de mais de 50% dos pontos turísticos portugueses nunca perderá vigor, devido à rigidez imposta pelos próprios monumentos. Por outro lado, cada vez se dá mais importância a outros elementos que existem na zona próxima à área de protecção do centro histórico, como por exemplo, o mercado do Bolhão, ou a igreja da Lapa. Isto confere atenção a que os pontos turísticos podem e são reconfigurados ao longo dos anos.

Em termos mais latos, a análise de todas as fontes documentais (tanto dos guias mais antigos, como dos mais contemporâneos) permitiu identificar que cerca de 60% do espaço textual médio é dedicado em especial a três grupos temáticos, por ordem decrescente, a arquitectura religiosa, os equipamentos públicos e, por fim, a arquitectura civil (gráfico 5). Os elementos presentes nestes grupos partilham uma característica, a monumentalidade, o que permite entender o porquê da importância dos mesmos. Em especial se olharmos para a análise efectuada aos adjectivos (Anexo VI) utilizados na descrição do grupo com maior preponderância, a arquitectura religiosa, verificamos a importância da monumentalidade para a composição dos guias. Isto porque conseguimos aferir as propriedades valorizadas neste grande grupo. A partir daquilo que encontramos, podemos ver que desde o século XIX até ao século XX, a importância do monumental que é associado à arquitectura religiosa, é razão da atenção que lhe é sobejamente dedicada. Os próprios adjectivos reconhecidos, mantêm a ideia de que existe um conjunto de características que não se podem indissociar deste tipo de monumentos dos restantes existentes no espaço em questão. Em primeiro lugar, tal como acontece no caso de Henriques (1996) todos os atributos que de alguma forma se associam à ideia de magnificência/beleza (aquele tipo de adjectivo que traduz as propriedades estéticas de uma classe superior),

historicidade, singularidade ou até mesmo amplidão, entre outros, referidos nos quadros em anexo.

Já com o chegar dos guias mais contemporâneos, em especial os guias do século XXI, a primazia deste tipo de característica já perde lugar no topo para tudo o que possa dar a conhecer melhor este tipo de monumento, através do seu estilo arquitetónico. Ou seja, a importância maior passa a ser o conhecer melhor o ponto de interesse, a sua origem e influências, fruto da necessidade de conhecimento que os últimos anos têm suscitado nos turistas.

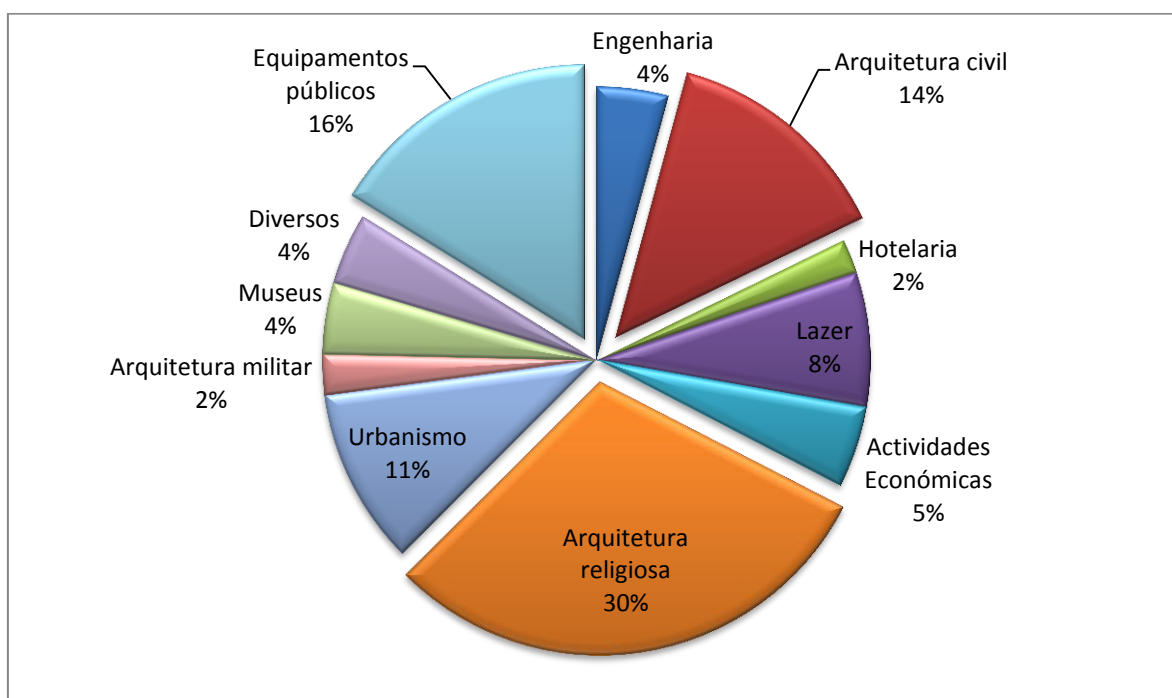


Gráfico 5 – Espaço textual médio na totalidade dos guias estudados

Fonte: Elaboração própria

Henriques no seu estudo também refere que esta característica, presente em ambas as realidades estudadas, é

“um aspecto ao qual o olhar turístico é em geral sensível, encontrando-se na apreciação de muitos outros elementos urbanos. De resto não surpreende que o fascínio pelo monumento seja não só persistente no tempo, mas também relativamente transversal à leitura da cidade; na verdade, vai ao encontro daquilo que Georges CAZES (1992) considerou ser a vision euphorizante das coisas e que,

no seu entender, constitui uma das características fundamentais da forma turística de ver o mundo e imaginar os lugares.” (Henriques, 1996, p. 93).

5.3. A representação dos guias

Nos primeiros pontos deste capítulo dedicámos atenção a uma perspectiva mais alargada sobre a totalidade dos guias. Agora é tempo de efectuar uma análise mais restrita sobre cada guia para representação do espaço temporal determinado. Sendo assim, vamos incidir a nossa atenção sobre cada século, e aí ver de que maneira cada guia é composto, seguindo os moldes utilizados para a análise mais amplificada.

5.3.1. Os anos de 1864 e 1877

Começemos por analisar os primeiros guias do Porto (Anexo VII), verificando o espaço textual utribuído às diferentes categorias de monumentos e assunto. A média ronda as 14 000 palavras, o que lhes confere o título de guias com mais informação textual acerca dos elementos presentes. De resto tal como a versão geral, os equipamentos religiosos são os mais preponderantes, embora no ano de 1877 exista uma perda de importância para os equipamentos civis.

Tabela 8 - Espaço textual médio por temática no século XIX (%)

	1864 (<i>Elucidário</i>)	1864	1877
Civil	11,6%	12,0%	28,9%
Diversos	1,5%	10,8%	5,3%
Economia	3,5%	4,0%	5,2%
Engenharia	1,3%	9,9%	0,4%
Hotelaria	0,5%	0%	2,2%
Lazer	13,3%	5,4%	6,0%
Militar	0,8%	1,1%	1,5%
Museus	0,2%	1,9%	1,8%
Público	29,9%	8,5%	18,8%
Religioso	36,1%	28,8%	21,2%
Urbanismo	1,1%	17,6%	8,7%
TOTAL	100%	100%	100%

Fonte: Elaborado a partir dos guias do século XIX

No entanto, em todos os anos a média de referência à temática religiosa ronda as 25 igrejas/capelas, tendo o número maior ocorrido no *Elucidário* de 1864. Este guia concede ainda uma grande importância aos mosteiros e conventos. Existem 16 referências, aparecendo também na vertente religiosa a alusão às procissões de cariz católico, religião maioritária da população. No entanto, o *guia histórico*, também de

1864, já não dá tanta importância a estas questões, dado que os olhares sobre os jardins, alamedas e ruas ou praças ganham mais relevância face à religião, que apesar de tudo também mantém a sua notoriedade. Também é de fácil percepção a importância da ponte Pênsil devido ao espaço textual que lhe é dedicado. Isto demonstra a relevância que os detalhes modernos começam a conferir à cidade, já que dos três guias presentes neste século, este é aquele que mais atenção dá às obras de engenharia, como a já referida ponte ou mesmo a rede de abastecimento de água, fruto talvez do novo olhar sobre as questões sanitárias e o alargamento da malha urbana que marcam a cidade nos finais de Oitocentos, tal como refere Ramos (2000). Já em 1877, face também a este interesse pela higiene pública, existe um maior número de referências a hospitais e cemitérios (onze hospitais e sete cemitérios). Contrastando com os guias de 1864, ganham um novo impulso os palacetes que sobem de nove referências para dezassete, e os teatros onde são nomeados oito, o que mostra que tal como Lisboa, também no Porto de Oitocentos a cultura teatral imperava na sociedade.

O *Elucidário do viajante no Porto* é um guia que refere também pontos negativos nas suas descrições, como quando diz que determinado elemento nada tem de notável, ou então na descrição da igreja de Santa Clara onde se refere que a igreja localizada junto do convento tem um aspecto triste. O seu conteúdo é inteiramente textual, com uma linguagem cuidada e eloquente, e com descrições pormenorizadas referindo as expressões em latim presentes em alguns pontos de interesse. O *Guia Histórico do viajante* por seu turno mantém o nível de escrita cuidada e detalhada, porém já apresenta as primeiras imagens num guia, como se vê na figura ao lado. O *Guia do viajante na cidade do Porto* tem uma descrição dos elementos de interesse mais reduzida, face aos outros guias. Em termos estruturais, começa a dar mais importância ao sector dos transportes, das diligências, e divide-se por capítulos, onde, por exemplo, o capítulo X corresponde às “Egrejas”, e o capítulo XXVI é dedicado a “Estátuas, Memórias, etc.”

5.3.2. De 1902 a 1996

Chegando o século XX, o espaço dedicado ao texto começa a sofrer uma diminuição

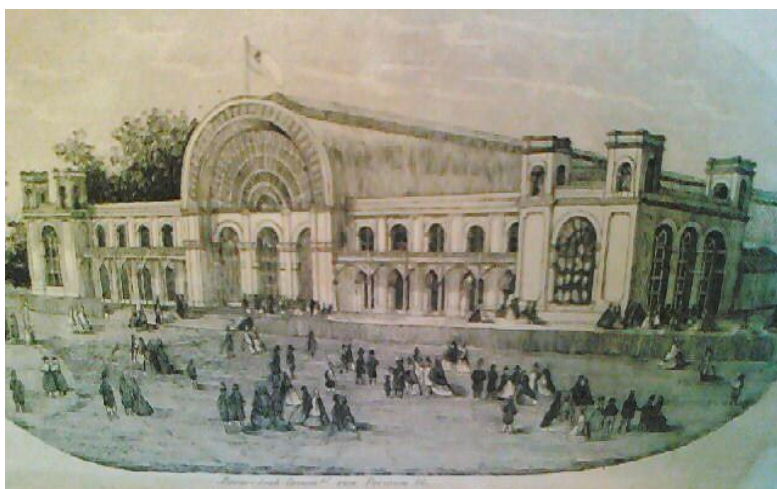


Figura 7 - Palácio de Cristal

Fonte: Guia histórico do viajante no Porto e arrabaldes

abrupta. Passa-se de 13 204 palavras em 1902 para 1 968 em 1996 (Anexo VIII). Já em termos médios, graças ao gráfico seguinte, entendemos que embora o aspecto religioso continue a ser relevante, é neste século que começa a surgir a concorrência de outras

áreas, por exemplo, o urbanismo em 1934, os equipamentos civis em geral, e os museus em 1996. Chama a atenção o facto de a hotelaria não ocupar um espaço significativo, já que o texto que lhe é dedicado resume-se a informações básicas, como o endereço.

Tabela 9 – Espaço textual médio por temática no século XX (%)

	1902	1934	1953	1996
Civil	9,8%	6,0%	10,7%	6,4%
Diversos	3,7%	6,2%	0%	10,0%
Economia	4,5%	5,5%	2,3%	6,3%
Engenharia	2,1%	7,5%	0%	9,1%
Hotelaria	0%	0%	0%	0%
Lazer	7,4%	0,2%	4,9%	1,4%
Militar	1,1%	3,5%	2,9%	9,8%
Museus	1,3%	3,0%	3,9%	29,1%
Público	24,9%	18,7%	8,5%	0%
Religioso	38,5%	34,0%	63,3%	25,8%
Urbanismo	6,6%	15,3%	3,6%	2,3%
TOTAL	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaborado a partir dos guias do século XX

No sentido de verificar o número de elementos referenciados, podemos verificar que há um decréscimo já que de 119 em 1902 passam para 49 em 1996. O próprio espaço textual sofre uma evolução. O primeiro ainda mantém um modelo muito similar aos guias do século anterior já que mantém para cada elemento um número considerável



Figura 8 - Torre dos Clérigos

Fonte: Guia Ilustrado do Porto

de informação, algo que começa a sofrer um decréscimo com o passar dos anos, face também ao aparecimento de novas tecnologias como máquinas fotográficas e facilidade de impressão de imagens. Como já referimos anteriormene, no início de Novecentos a atenção ainda recaía sobre as igrejas/capelas (34 ao todo), caindo depois para 17, 13 e 12 nos anos de 1934, 1953 e 1996 respectivamente. O alargamento da malha urbana conduz ao surgimento de um número crescente de motivos de interesse fora do espaço central e histórico, como por exemplo, a zona da Foz no *guia oficial do visitante*. A última metade deste século tem também um aspecto relevante que deve ser mencionado. Os guias, que representam os dois últimos quartéis do século, referem cada vez mais elementos como museus, que chegam a obter dezasseis referências em 1996, e também a Feira Popular, mostrando que também a vertente de lazer é encarada com maior interesse.

Neste século, os guias tornam-se mistos, porque começam a combinar o texto com as fotografias. O *Guia ilustrado do Porto*, tal como o próprio título indica, já tem imagens de alguns pontos de interesse (figura 8, exemplar da Torre dos Clérigos), ainda em número reduzido, dado que o custo era elevado. O *guia oficial do visitante* de 1934 já se insere numa tipologia de guia turístico com um cariz próprio. Se por um lado, mantém a vertente de apresentar os monumentos aos visitantes, por outro a sua edição por parte de organismos públicos, aquando da Exposição Colonial Portuguesa no Porto, confere-lhe um teor propagandista e mais comercial. Já em meados do século, com os guias *Panorama*, começa-se a encontrar panfletos mais práticos e sucintos acerca daquilo que a cidade tem para se visitar, mantendo o cuidado com a linguagem, a descrição alargada dos pontos de interesse, e deixando pelo meio alguns momentos mais informativos acerca das épocas ou de personagens importantes para a cidade, como por exemplo, Nicolau Nasoni. Com os anos 90, surgem em maior

número os guias de pequenas dimensões, leves e práticos, com propostas de percursos, uma maior atenção para com o património imaterial e mapas com as localizações dos pontos de interesse e até algumas curiosidades como é o caso do *guia turístico do Porto* de 1996. Estes guias também já não se assemelham aos do século anterior, dado que reduziram significativamente o espaço textual, tendo uma linguagem mais simples, e conferindo mais importância às imagens que acompanham o texto.

5.3.3. Entre 2008 e 2011

Os guias mais recentes permitem aferir as novas tendências presentes na forma como as entidades, públicas ou privadas, assumem a oferta turística. Novas formas de turismo suscitam novos modelos de apresentação da cidade. Dos três guias em questão, dois seguem o modelo tradicional e mais completo, *American Express* e *TouAqui*, enquanto o guia *Porto Percursos* já é publicado com uma vertente mais particular, onde se expõem apenas momentos ou locais que se inserem na temática em questão (percursos Medieval, Barroco, Neoclássico e Azulejo). Os dois primeiros guias partilham então de uma linguagem mais clara e directa. Oferecem percursos para visitar os elementos citados, e para além da caracterização mais generalista que efectua de todos os pontos de interesse, têm alguns monumentos com uma descrição mais exaustiva. No seu todo, também já dão mais informação ao turista acerca de bares, diversões ou actividades próprias da cidade. Para além disto, também dão atenção em algumas páginas às áreas circundantes da cidade do Porto, como Vila Nova de Gaia, Matosinhos, Vila do Conde, etc. Como foi referido, o guia *Porto Percursos* é direccionado para turistas que tenham gosto em visitar determinado tipo de monumento, mas mesmo assim mantém uma descrição do ponto de interesse, sempre acompanhado de uma imagem ilustrativa.

As tabelas em anexo (Anexo IX) referem os pontos turísticos na cidade do Porto. A partir destes dados conseguimos identificar a situação resultante do espaço dedicado a cada área temática, o que podemos ver na tabela seguinte.

Tabela 10 - Espaço textual médio por temática no século XXI (%)

	<i>2008</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>
Civil	10,4%	5,9%	16,2%
Diversos	0,2%	0,9%	1,4%
Economia	6,5%	6,9%	5,2%
Engenharia	4,9%	9,6%	2,7%
Hotelaria	3,8%	13,5%	0%
Lazer	8,1%	14,1%	2,6%
Militar	4,1%	2,6%	13,4%
Museus	15,0%	7,5%	0%
Público	4,0%	8,6%	9,9%
Religioso	19,8%	15,7%	45,2%
Urbanismo	23,2%	14,6%	3,3%
TOTAL	<i>100%</i>	<i>100%</i>	<i>100%</i>

Fonte: Elaborado a partir dos guias do século XXI

De notar apenas que já não existe uma preponderância da questão religiosa, é a vitória da variedade. Ou seja, a cidade não se limita a promover os monumentos religiosos, mas dá atenção também a outras vertentes urbanas como jardins, praças, edifícios como hotéis ou cafés míticos. Por exemplo, o guia *American Express* faz já referências a locais tão diversos como a livraria Lello, o estádio do Dragão ou mesmo a algumas fundações que existem pela cidade. Por seu lado, o guia de 2010 já menciona um número maior de hotéis e museus (dezasseis museus ao todo) e o de 2011 retoma a importância das igrejas, fazendo referência a dezasseis também. Porém neste último guia, é importante reter que devido à sua forma de percursos (Medieval, Barroco, Neoclássico e Azulejo) se percebe a ligação em especial a este tipo de monumento.

5.4. Conclusão

Terminando o capítulo da análise quantitativa dos guias turísticos, podemos afirmar que os guias impressos em cada século são representativos das condições que imperavam culturalmente na altura.

Primeiramente, num século em que o romantismo é um ponto de vista bastante forte na sociedade portuense, os guias reflectem uma escrita descritiva, romântica de monumentos e pontos de interesse. Surgem as primeiras ilustrações, mas em número muito reduzido, porque a sua utilização implicava um custo muito elevado para a época.

Com a chegada do século XX, os guias passam por uma época de evolução e transformação. No início ainda mantinham a estrutura utilizada no século anterior, com especial atenção para o texto, para a descrição do elemento. Com a passagem dos anos cinquenta, começam a surgir em maior número os guias que associam texto e imagens, isto porque os custos são menores. Mostra-se a cidade através da imagem e não apenas a partir da palavra.

Actualmente, os guias são mais completos e valorizam muito a imagem. Apontam informações importantes para o turista, como locais onde dormir, comer, sair. Para além desta actualização, os guias começam a ser pensados de forma a satisfazer certas necessidades mais concretas dos visitantes, como é o exemplo do guia Porto Percursos.

VI CAPÍTULO

“Esquecemos muitas vezes, com efeito, que o turismo é, na sua essência, um fenómeno eminentemente urbano, produto de urbanitas que circulam entre espaços também eles, em maior ou menor grau, urbanizados.”

(Henriques, 2003, p. 163)

6. As imagens do Porto

Tendo chegado à recta final deste trabalho de análise dos guias, é o momento de apresentar as representações que se encontram nos guias turísticos. Tal como já foi referido anteriormente, esta dissertação teve por base dois estudos efectuados neste âmbito acerca da cidade de Lisboa. Se no último capítulo, o trabalho se apoiou maioritariamente na investigação de Henriques (1996), onde efectuámos a leitura dos guias com a recolha dos pontos de interesse e do texto dedicado aos mesmos (com especial atenção para com os adjectivos), no presente capítulo teremos por base o estudo de Gonçalves (2008). O propósito de analisar quantitativamente os guias é o de chegar a uma possível identificação das imagens do Porto.

Obviamente que ao pensarmos numa análise mais subjectiva, percebemos que podemos incorrer em alguns problemas e assim partilhamos da ideia de Gonçalves, segundo a qual, numa análise não tanto quantitativa mas interpretativa do espaço textual,

“o problema que desde logo se coloca aqui é não só o de conhecer o contexto histórico das ideias e das palavras que as exprimem, mas também o de saber o que quiseram dizer os autores, particularmente no contexto dos guias e, mais em geral, das obras que produziram, e nas variações que o vocabulário sofreu.”

(Gonçalves, 2008, p. 85)

No sentido de ser o mais fiel possível, a imagem ou imagens que procuramos da cidade do Porto em cada um dos séculos em questão tem de ser claramente baseada na leitura em primeiro lugar do texto dos guias, seguidamente no contexto histórico e social que a urbe viveu aquando da impressão dos guias, porque é indissociável a palavra do meio. Sendo assim, de seguida apresentaremos as hipóteses para os séculos delimitados, onde para cada espaço temporal existirá uma imagem que resumirá a cidade do Porto, seguida da respetiva explanação.

6.1 . Imagem do século XIX

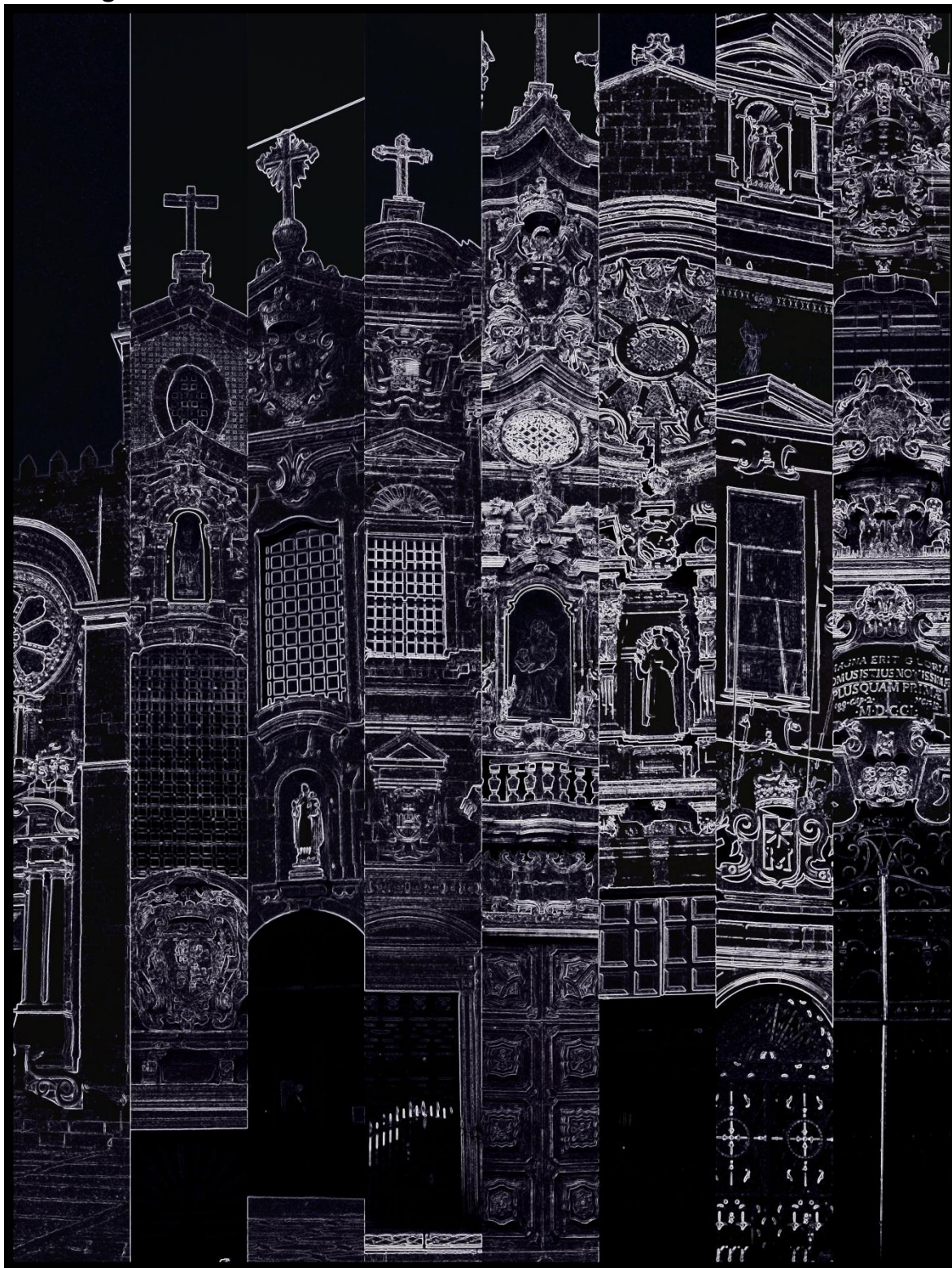


Figura 9 – “Santissimo Porto”

Fonte: Elaboração própria

A cidade dos guias do século XIX é uma cidade romântica, histórica. Muito rapidamente se pode incorrer em erro, se assumirmos que a imagem turística da cidade do Porto é unicamente religiosa. De facto e em função da análise que já fizemos anteriormente, o Porto tem nos seus principais pontos de interesse, desde edifícios de arquitetura civil como o Palácio de Cristal, de cariz público como o Hospital Real de Santo António, ou até mesmo na área do lazer, o teatro nacional de S. João. Porém, na realidade, no que diz respeito ao espaço textual quem assume maior preponderância é de facto a arquitetura religiosa.

O Porto reflecte assim nas suas ruas, a sua história que detém um forte cunho religioso. Num tempo em que a cidade era vista essencialmente por aquilo que hoje conhecemos como centro histórico, encontramos um número razoável de igrejas, de porte monumental, não contando com colégios, conventos e outros elementos de cariz religioso. A própria informação que ocorre acerca de cada ponto de interesse demonstra o porquê de propormos esta imagem religiosa. A descrição é pormenorizada. Até mesmo certas curiosidades existentes nas próprias igrejas são referidas e descritas. É o caso da inscrição em latim que está na lápide do mausoléu que contém o coração de D. Pedro, na Igreja da Lapa, presente no *Elucidário do viajante no Porto*:

“En cor

illius tanti viri

qui gloriae amon flagrans (...)

Ab hac in meliorem vitam migraturus

Haec tanti amoris pignus” (Barbosa, 1864 , p.39).

Conjugando a referência aos edifícios religiosos com o contexto histórico, assumimos que nos guias do século XIX a imagem é a de uma cidade que tem um vasto reconhecimento do valor histórico, artístico e de magnificência da arquitetura religiosa. A figura 9 tenta demonstrar essa mesma imagem, com a conjugação de trechos das fachadas de algumas das igrejas mais emblemáticas do Porto, como a Sé

Catedral, a igreja dos Grilos, a igreja da Misericórdia e as igrejas de S. Francisco e do Carmo, entre outras.

6.2. Imagem do século XX



Figura 10 – “Uma cidade do mundo”

Fonte: Elaboração própria

“Grosso modo, se tivermos em conta o arco temporal do século XX, o que caracteriza as sociedades nesse período longo, foi a entrada (das imagens) animadas pelo movimento da Modernidade” (Gonçalves, 2008 ,p. 146).

Com os guias do século XX, a imagem que a cidade começa a desenvolver é a de uma cidade voltada não apenas para os seus habitantes, mas para os visitantes, num primeiro momento os nacionais, e depois os visitantes internacionais. Desta forma, a cidade não é apenas as igrejas e os conventos. As obras de engenharia como as pontes Luiz I e D. Maria ganham importância. Tal como já foi referido anteriormente por Loff & Ferreira (2010), a cidade continua a sua fase de crescimento que ganhou um grande impulso no século anterior, mas só neste século atinge o seu limite, empurrando a população e depois a sua própria geografia para fora dos limites conhecidos. Assim a cidade torna-se maior e com uma maior oferta.

Desta maneira, a proposta para a imagem “cidade do mundo” recai sobre a abertura que os guias vão demonstrando ao longo do século XX. A própria exposição colonial portuguesa ocorrida no Palácio de Cristal demonstra primeiramente que o Porto “*se veste com as suas melhores galas para receber os milhares de forasteiros que de todos os cantos do País se preparam para a visitar por ocasião da 1.ª Exposição Colonial Portuguesa*” (Leitão & Coimbra, 1934, p. 18).

Com a chegada dos anos oitenta e noventa, a abertura faz-se também a nível internacional, o que culmina com a designação da UNESCO de património da humanidade do centro histórico. A cidade, começa a ser projectada e revisitada a partir de locais agora com mais importância como jardins e miradouros (como é o caso dos jardins do Palácio de Cristal, que segundo o guia *Panorama* têm um magnífico panorama sobre o rio Douro), já que não é só de destacar o monumento mas a área que envolve o monumento, a sua integração no espaço, e a própria vista da cidade. Para criar esta hipótese, a figura 10 é composta por três imagens retiradas do mesmo local, o morro da Sé, e que contam com as silhuetas da cidade em ângulos diferentes (encimada pelo *ex-líbris* da cidade, a zona dos Clérigos, seguida pela zona da Cadeia da Relação e do Mosteiro de S. Bento da Vitória, terminando com uma visão do rio e com destaque para o Palácio da Bolsa), mostrando a cidade no seu todo.

Conjugado com a imagem fotográfica, o efeito quente e envelhecido remete para os inícios do século.

6.3. Imagem do século XXI



Figura 12 – “Porto Contemporâneo”

Fonte: Elaboração própria

“O Porto é uma cidade forte e austera, acolhedora e generosa. A riqueza patrimonial do seu centro histórico justificou a sua classificação como Património da Humanidade, mas o novo milénio está presente na Casa da Música e no Museu de Arte Contemporânea de Serralves. Passeie no Parque da Cidade e descontraia nas esplanadas da Frente Marítima” (Civilização Editora).

Esta citação, retirada do site dos Guias American Express, é o mote para a imagem que propomos para o século XXI. O Porto é actualmente uma cidade que num mesmo espaço tem a história conjugada com o futuro, o antigo com o moderno. Olhando para os vinte principais pontos de interesse (Anexo IX) vemos edifícios tão diversificados como a igreja de S. Francisco, a Fundação de Serralves, o mercado do Bolhão, o café Majestic e até o estádio do Dragão. O Porto deixou claramente de ser uma cidade representada por monumentos religiosos. No caminho da evolução da imagem do século XX, é agora uma cidade diversificada.

A figura 11 resume a ideia de diversidade que aqui apresentamos como hipótese para a imagem do século XXI. Num primeiro momento, aparece a avenida dos Aliados, onde juntamente com as fachadas históricas dos prédios envolventes, se encontra a revitalização do espaço com o cunho do arquiteto Siza Vieira, obra contestada por alguns defensores da primitiva imagem da avenida ajardinada. Depois, a imagem da Casa da Música, reflexo moderno da Capital Europeia da Cultura face à cultura tradicional que se pode impor com a Universidade do Porto, antiga na origem, inovadora na actualidade. E por fim, nesta ideia de novo e velho, a imagem ribeirinha onde num primeiro plano aparece a ponte Luiz I, e em segundo plano a ponte mais recente sobre o rio, a ponte do Infante.

6.4. Conclusão

Já na recta final deste trabalho, apresentamos as hipóteses que achamos coerentes para com este estudo. Cada século tem a sua “imagem” fruto da análise quantitativa e qualitativa dos guias. Desta forma, também podemos verificar a evolução da própria cidade. De uma vertente mais tradicionalista e cristã, a evolução deu-se na abertura da cidade para o exterior e atingiu no século presente uma expansão que promove

uma variedade de pontos de interesse para o turista, não se cingindo a uma temática só.

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

No início desta dissertação interrogámo-nos sobre qual ou quais seriam as imagens turísticas do Porto nos últimos séculos, a partir dos guias de turismo. Chegando agora à fase final do estudo, podemos afirmar que encontramos hipóteses de resposta a essa mesma questão, apesar das diversas dificuldades encontradas ao longo da estruturação da dissertação.

Num primeiro ponto, foi possível responder a um dos objectivos propostos, o de conhecer melhor a história da cidade que escolhemos como alvo de estudo. O Porto é aquela cidade que rivaliza com Lisboa em termos de importância nacional, com uma história repleta de acontecimentos importantes, mais ou menos positivos, para a cidade e para o país. Graças a esta historicidade, tem uma quantidade expressiva de pontos de interesse para o visitante, de igrejas a jardins, de palácios a cemitérios.

Infelizmente sofrendo de um vício que circula por toda o país, a atenção dedicada a esta cidade em termos de estudos que possibilitem o seu conhecimento, em especial na área do turismo é ainda diminuta. Prova do mesmo, os estudos base para este trabalho que existem para a cidade de Lisboa, enquanto para a Invicta, este será o primeiro a ser concretizado.

Mantendo esta vertente de turismo, a capital do norte é uma cidade que tem vindo a acolher um cada vez maior número de turistas devido a inúmeros factores, entre os quais podemos enunciar a actualização do aeroporto Francisco de Sá Carneiro e respectivo aumento das viagens *low-cost*, os eventos desportivos de grande afluência e visibilidade mundial, como foi o caso do Euro 2004, e mesmo a própria geografia urbana e cultural que lhe tem rendido alguns prémios internacionais, chamando sobre si mais atenção.

Esta visibilidade internacional e nacional que o Porto tem adquirido está patente nos guias impressos sobre a cidade. Estes pequenos livros, que em muito ajudam o turista ao visitar algo que não conhece tão bem, ou simplesmente desconhece, são ferramentas essenciais para um estudo mais próximo do objecto escolhido, já que permitem compreender a situação sócio-cultural vivida na época em que foram editados. Neste sentido, a cidade do Porto tem vindo a “ganhar” mais guias nos últimos anos. Através destes mesmos guias, procuramos descobrir a imagem, que

pode ser associada a um sem número de ideias e reflexões, mas que no seu cerne se constitui como a representação de algo físico, que não está presente no momento. Esta imagem é a forma como o Porto se vê e se mostra para os turistas.

Através da análise dos guias turísticos, encontramos uma fonte de uma riqueza para a observação daquilo que o Porto é, e foi, que talvez não esperássemos encontrar. A cidade é composta por muitos monumentos, muitas paisagens, muitos clichés. Actualmente, podemos dizer que ir a Roma e não ver o Papa é como ir ao Porto e não visitar a Torre dos Clérigos, a ponte Luiz I ou até mesmo a Casa da Música é o mesmo que não ir ao Porto. Este é um dos clichés mais usuais e que deve ser combatido. Com base nos guias compreendemos a imensidão de possibilidades de visita que num primeiro momento nos escapam. Esta cidade de média dimensão contém muitos locais dignos de visita concentrados em tão pouco espaço. Em cada rua, uma igreja. Em cada esquina, algo novo para conhecer que até aos próprios portuenses escapa. Para além desta enumeração dos variados pontos de interesse turístico da cidade, os guias revelaram informações de como esta cidade se assume.

Desde o século XIX, data dos primeiros guias sobre o Porto, a cidade sentiu uma evolução patente nesses mesmos guias. Inicialmente, eram baseados apenas no aspecto textual, onde o leitor poderia associar e conhecer a cidade através da leitura daqueles pequenos livros. No século XX, deu-se a viragem para tornar os guias mais práticos, e com uma maior incidência na imagem e não tanto no texto. O século XXI consagrou estes guias, acrescentando apenas uma variação presente em guias propostos para percursos, segmentos, indo mais de encontro a certas especificações por parte do turista. Mesmo assim, e já que o cerne deste estudo é a parte textual dos mesmos, estes, embora diminuindo a quantidade de texto, não se tornaram mais incompletos. A informação é mais sucinta e condensada. Num momento em que a análise se focou nas áreas temáticas consideradas nos guias, verificamos que apesar das diminuições textuais, a importância dada a cada elemento se manteve constante, já que a arquitetura religiosa manteve o seu lugar no pódio, seguindo-se daquilo que implicava monumentalidade, imponência, como alguns edifícios de arquitetura civil ou equipamentos públicos. Esta constância, apenas mais próximo dos finais do século

XX e princípios do século XXI é que veio a ser “incomodada” pelo aparecimento da atenção pela própria cidade, as suas vielas, ruas e jardins.

Esta evolução está patente no resultado desta dissertação, que são as possíveis imagens turísticas do Porto, identificadas e criadas a partir dos guias. O Porto do século XIX é tido como uma cidade antiga, imponente, crua e através dos seus monumentos religiosos transparece essa ideia, que vem a ser substituída no século seguinte por um início de abertura da cidade quer físico quer ideológico, transformando-se de uma aldeia pequena para uma pequena cidade, já que em termos físicos não pode crescer mais. Isto conjuga-se finalmente naquilo que é a imagem da cidade do Porto no século XXI. Uma cidade contemporânea, com toques modernos e de grande relevo internacional. É uma cidade que conjuga o antigo e o novo sem perder a sua herança.

Nesta tentativa de associar uma imagem turística à cidade do Porto, dissociámo-nos do olhar do próprio turista. No entanto, isto surge-nos como uma possibilidade viável de criar um conhecimento mais concreto da situação turística do Porto, pelo que é uma das recomendações para futuros estudos. A conjugação de um conhecimento destes dois pontos de vista seria uma mais-valia para o próprio turismo da cidade. Mantendo ainda o enfoque nos guias turísticos, também seria interessante fazer uma comparação entre os guias de edição nacional e os de edição estrangeira. Já não numa vertente mais lata, mas restringida, como possível estudo, seria a análise individual de um ou alguns pontos de interesse ao longo dos guias, onde se pudesse ver a evolução desse mesmo elemento durante um determinado espaço temporal.

Atingindo o término deste estudo, apraz-nos concluir repetindo a ideia do pelouro do turismo e cultura da Câmara Municipal do Porto, de que esta cidade é uma:

Oportunity to discover.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras citadas

Alegria, M. F. (2010). Geografia do mundo imaginado. *Finisterra*, N.º 89, XLV, pp. 27-46.

Alexandre, J. A. (2001). O Turismo em Portugal. Acesso em 16 de Março de 2012, disponível em Scribd: www.scribd.com/doc/6062616/O-Turismo-em-Portugal

Azevedo, F. D. (2010). *O papel do sector do turismo na reabilitação urbana da baixa do Porto*. Dissertação de Mestrado, FEUP, Porto.

Barreira, I. A. (2005). Os guias turísticos em Berlim. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, XVII, pp. 299-320.

Barretto, M. (2006). *Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo* (17ª ed.). São Paulo: Papirus Editora.

Beato, C. S. (2008). *Planeamento do sector do turismo em Centros Urbanos*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Aveiro, Aveiro.

Beni, M. C. (1997). *Análise Estrutural do Turismo* (10ª ed.). São Paulo: Senac.

Botelho, C. V. (2000). A dimensão visual da cultura e a construção da identidade: análise de auto-retratos de adolescentes. *Revista Educação & Comunicação* N.º3 , pp. 80-104.

Cabeças, M. C., & d'Ara, C. (2003). *Porto Monumental e Artístico - Património da Humanidade*. Porto: Porto Editora.

Castro, A. d. (1983). *Tensões e modificações económico-sociais (1890-1910); A dinâmica económica desde 1010 até à década de 1960*. In: J. H. Saraiva (Ed.), *História de Portugal: 1640 - Actualidade* (Vol. III). Selecções do Reader's Digest.

Cisne, R. d. (2010). *Roteiro Turístico, Tradição e Superação: Tempo, Espaço, Sujeito e (Geo)Tecnologia como categorias de Análise*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

CMPorto. (2006). *História da cidade - O Condado Portucalense e a Época Medieval*. Acesso em 18 de Abril de 2012, disponível em Câmara Municipal do Porto: www.cm-porto.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=cmp.stories/445

CMPorto. (2006). *Símbolos da Câmara Municipal do Porto*. Acesso em 13 de Julho de 2012, disponível em C.M. Porto: www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/148

CMPorto. (s.d.). *Porto tourism - official portal - home page*. Acesso em 13 de Julho de 2012, disponível em Portoturismo: www.portoturismo.pt/Visitar/Paginas/default.aspx

Cordeiro, J. M. (2010). *História do Porto - A grande expansão, do 25 de Abril à actualidade*. Porto: Quidnovi.

Costa, C. (2001). *Introdução geral ao tema. Novas estratégias para o turismo: seminário*. Porto: AEP.

Costa, C. (2005). Turismo e Cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo (1990-2000). *Análise Social* n.º 175, XL, pp. 279-295.

Costa, F. M. (1983). *Sociedade e grupos sociais no período constitucional*. In: J. H. Saraiva (Ed.), *História de Portugal: 1640 - Actualidade (Vol. III)*. Selecções do Reader's Digest.

Cunha, L. (2010). Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios. *Fluxos & Riscos* n.º 1, pp. 127-149.

Dias, F. (2010). *Estatísticas de turismo urbano. O centro histórico do Porto e o turismo*. Seminário Centros Históricos: Passado e Presente, (pp. 165-197). Porto.

Dorminsky, M. (24 de Janeiro de 2009). Opinião: Cultura e turismo um futuro para Portugal. *Jornal de Notícias*.

Eusébio, M. C. (2006). *Avaliação dos Impactes Económicos do Turismo a Nível Regional: o Caso da Região Centro*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Aveiro, Aveiro.

- Faro, R. S. (2005). *O Porto na berlinda: Memórias de Alberto Pimentel*. Dissertação de Mestrado, FLUP, Universidade do Porto.
- Fernandes, P., Monte, A., & Castro, J. (2003). A Região Norte de Portugal e a preferência da procura turística: Litoral versus Interior. *Estudos Regionais* N.º 4, pp. 57-73.
- Ferreira, J. A. (1928). *Porto - Origens históricas e seus principaes monumentos*. Porto: Imprensa Marques Abreu, Lda.
- Freitas, N. K. (2005). Representações mentais, imagens visuais e conhecimento no pensamento de Vygotsky. *Ciências e Cognição*, VI, pp. 109-112.
- Filho, J. d. (2007). Espelho da história: o fenômeno turístico no percurso da humanidade. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural* N.º 1, V, pp. 69-80.
- Gândara, J. G. (2008). *A imagem dos destinos turísticos urbanos*. Acesso em Abril de 2012, disponível em www.eca.usp.br/turismocultural/aimagem.pdf
- Gomes, C. S. (2008). Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada. *Revista crítica de Ciências Sociais*, N.º 83, pp. 55-78.
- Gonçalves, M. E. (2008). *A Lisboa dos e nos guias turísticos: Lisboa a compor-se ao espelho*. Dissertação de Mestrado, ISCTE, Lisboa.
- Grönroos, C. (2001). A service quality model and its marketing implications. *European Journal of marketing*, N.º 4, XVIII, pp. 36-44.
- Guedes, A. M. (1958). *Esboço da história da cidade do Porto*. Porto: Lello & Irmão.
- Henriques, E. B. (1996). *Lisboa Turística, Entre o imaginário e a cidade: a construção de um lugar turístico urbano*. Lisboa: Edições Colibri.
- Henriques, E. B. (2003). A cidade, destino de turismo. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia, série I*, XIX, pp. 163-172.
- Herculano, A. (1970). *Lendas e Narrativas* (Vol. 2). Lisboa, Portugal: Livraria Bertrand.

Homero. (2000). *Odisseia* (3ª ed.). (F. L. Castro, Ed.) Mem Martins: Publicações Europa-América.

Hu, H.-H., Kandampully, J., & Juwaheer, T. D. (2009). Relationships and impacts of service quality, perceived value, customer satisfaction and image: an empirical study. *The services Industries Journal*, N.º 2, XXIX, pp. 111-125.

Ignarra, L. R. (2003). *Fundamentos do Turismo* (2ª Revista e Ampliada ed.). São Paulo: Thomson.

Jafari, J. (Ed.). (2003). *Encyclopedia of tourism*. London: Routledge World Reference.

Kastenholz, E. (2002). *The role and marketing implications of destination images on tourist behavior: the case of northern Portugal*. Dissertação de Doutoramento, DEGEI, Universidade de Aveiro.

Kastenholz, E., & Paul, G. W. (2004). *Destination Marketing: Profit- or Non-profit marketing?* III Jornadas Internacionais de Marketing Público e Não Lucrativo. Covilhã.

Keller, K. L. (1993). Conceptualizing, Measuring and managing customer based brand equity. *Journal of marketing*, LVII, pp. 1-22.

Loff, M., & Ferreira, S. (2010). *História do Porto - Insubmisso à tirania, a cidade durante a ditadura*. Porto: Quidnovi.

Lundberg, D. E. (1990). *The tourist business* (6th ed.). New York: Van Nostrand Reinhold.

Machado, A. (1986). *As origens da cidade do Porto* (2ª ed.). Porto: edição de autor.

Matos, A. C., Ribeiro, E. d., & Bernardo, M. A. (2009). *Caminhos-de-Ferro e turismo em Portugal (final do século XIX e primeiras décadas do século XX)*. V Congresso de Historia Ferroviaria - Fundación de los Ferrocarriles Españoles. Palma.

Matos, A. C., & Santos, M. L. (2004). Os guias de turismo e a emergência do turismo contemporâneo em Portugal (dos finais do século XIX às primeiras décadas do século

XX). *Geo Critica/Scripta Nova*. N.º 167, VIII. Fonte: GeoCritica/Scripta Nova. Revista electrónica de geografia y ciencias sociales.

Matos, I. (16 de Fevereiro de 2012). *Aeroporto do Porto é o 3.º melhor da Europa*. Acesso em 20 de Junho de 2012, disponível em Turisver: www.turisver.com/article.php?id=55850

Matos, M. V. (2001). *Introdução aos Estudos Literários*. Lisboa: Editorial Verbo.

Nunes, C., Oliveira, M. L., & Sardinha, M. L. (1989). *Nova gramática do português* (17ª ed.). Lisboa: Didáctica Editora.

Objecto Anónimo. (2010). *Guia Touaqui - Porto*. Fonte: Objecto Anónimo: www.objectoanonimo.com/guia_touaqui.html

Oliveira, J. M. (1973). *O espaço urbano do Porto, condições naturais e desenvolvimento*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Pacheco, H. (2003). *Porto: da cidade e da gente*. Porto: Afrontamento.

Passos, C. d. (1929). *Monumentos de Portugal - Porto*. Porto: Litografia Nacional.

Pereiro, X. (2002). Itinerários turístico-culturais: Análise de uma experiência na cidade de Chaves. Actas do III Congresso de Trás-os-Montes. Bragança.

Peres, D. (1962). *História da cidade do Porto*. In: D. Peres, & A. Cruz. Porto: Portucalense Editora.

Pérez-Nebra, A. R. (2005). *Medindo a Imagem do Destino Turístico*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.

Porto Vivo S.R.U. (2008). *Plano de Gestão do Centro Histórico*. Porto: Porto Vivo SRU.

Porto Vivo, S.R.U. (2005). *Revitalização Urbana e Social da Baixa do Porto*. Porto: Porto Vivo SRU.

Priberam Informática, S.A. (s.d.). Acesso em 12 de Julho de 2012, disponível em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=turismo

Ragonese, R. (2010). Guide Turistiche: un'introduzione. *EIC Serie Speciale* Anno IV, N.º 6, pp. 5-18.

Ramos, L. A. (Ed.). (2000). *História do Porto* (3ª ed.). Porto: Porto Editora.

Rolo, A. N. (2009). *Património e Identidade: Aspectos da reinvenção de Portugal nos séculos XIX e XX*. Relatório da disciplina de Património e Identidade, Universidade de Aveiro, Línguas e Culturas, Aveiro.

S.R.U. (s.d.). *Porto Vivo - Sociedade de Reabilitação Urbana*. Acesso em 10 de Junho de 2012, disponível em www.portovivosru.pt/sub_menu_1_1.php

Salgueiro, V. (2002). Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História* N.º 44, 22, pp. 289-310.

Santulli, F. (2010). La guida turistica come genere: tratti costitutivi e realizzazioni testuali. *EIC Serie Speciale* Anno IV N.º 6, pp. 25-34.

Silveira, J. R. (2005). A imagem: interpretação e comunicação. *Linguagem em (Dis)curso*, V, pp. 113-128.

Soares, T. (1962). *História da cidade do Porto*. In: D. Peres, & A. Cruz. Porto: Portucalense Editora.

Theobald, W. F. (2005). *The meaning, scope, and measurement of travel and tourism*. In: W. F. Theobald (Ed.), *Global Tourism* (3ª ed., p. 16). Elsevier Inc.

Toledo-Pereira, D. (2005). *Escolhas temáticas no discurso de guias de turismo e monitores de museus no Brasil e na Espanha*. São Paulo: Pontificia Católica Universidade de São Paulo.

Tramontana, A. (2010). Il ruolo della guida turistica nel processo di interpretazione di un sito culturale. *EIC Serie Speciale* Anno IV, N.º 6, pp. 43-50.

UCityguides. (2012). Top 10 –Most beautiful countries in the world. Acesso em 06 de Outubro de 2012, disponível em UCityguides: www.ocityguides.com/cities/top-10-most-beautiful-countries-in-the-world.html

Fontes documentais:

Barbosa, F. F. (1864). *Elucidário do viajante no Porto*. Coimbra: Universidade de Coimbra

CMPorto. (2011). *Porto Percursos*. Porto: Câmara Municipal do Porto/ Departamento de turismo.

CMPorto. (1996). *Guia turístico do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto/ Departamento de turismo.

Fonseca, F. G. (1864). *Guia histórico do viajante no Porto e arrabaldes*. Porto: edição de autor

Fonseca, S.; Fonseca, S. & Veloso, P. (2010). *Porto touaqui - guia turístico*. 2ª ed. Porto: Objecto anónimo

Leitão, M. A., & Coimbra, V. (1934). *Exposição Colonial Portuguesa - Guia oficial do visitante - Porto*. Porto.

Pimentel, A. (1877). *Guia do viajante na cidade do Porto e seus arrabaldes*. Porto: Costa Mesquita.

Panorama. (1956). *Guias Panorama - Porto*. Lisboa: Neogravura.

Sequeira, E. (1902). *Guia illustrado do Porto*. Porto: Livraria Magalhães & Moniz

--- (2008). *Guia american express - Porto*. Porto: Civilização editora

ANEXOS

Sumário de anexos

Anexo I	115
Anexo II	119
Anexo III	123
Anexo IV	129
Anexo V	133
Anexo VI	137
Anexo VII	145
Anexo VIII	157
Anexo IX	169

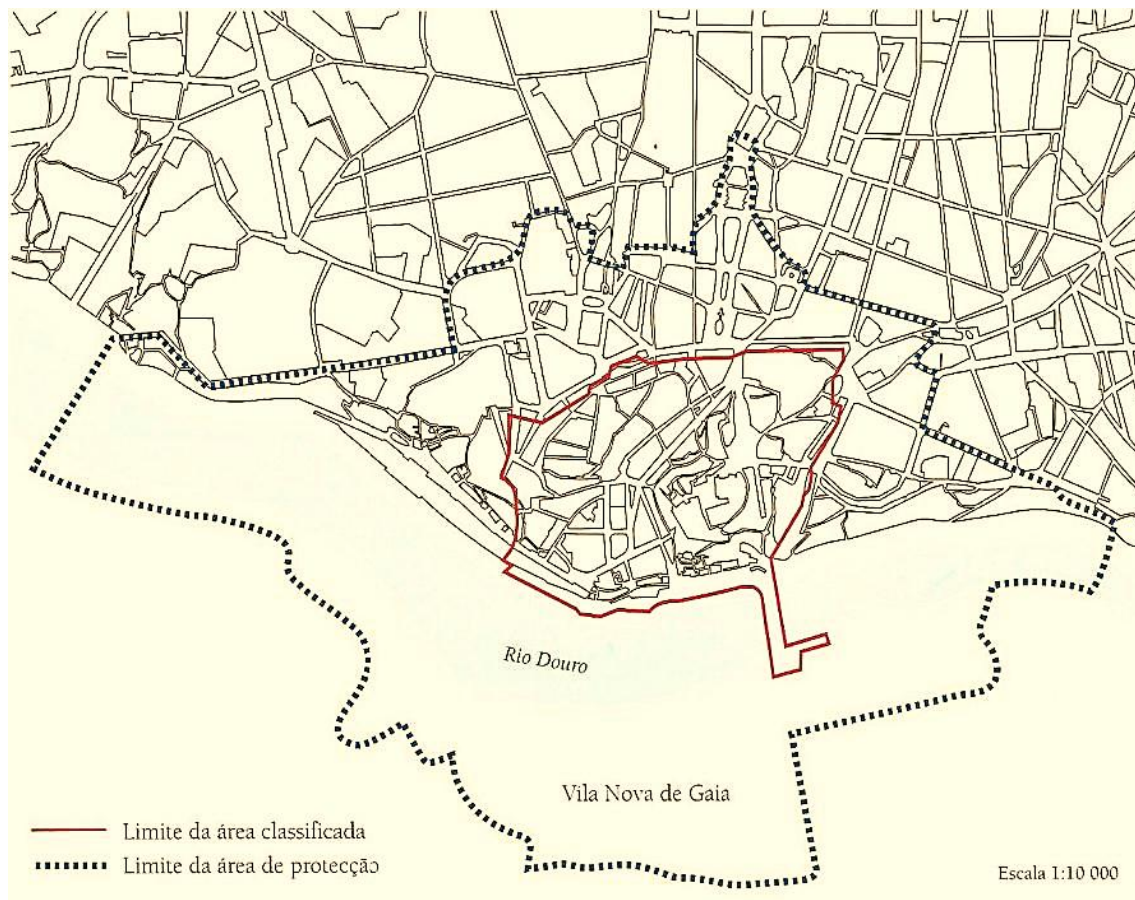
Anexo I

Brasão de armas da cidade do Porto



Anexo II

Porto Património da humanidade - Limites determinados pela UNESCO



Anexo III

Cronologia do Porto

Ano	Acontecimento (s)
1087	Sagração da Igreja de Cedofeita;
1114	Reconquista Cristã e tomada do bispo como senhor do burgo;
1120	D. Teresa de Borgonha concede ao bispo D. Hugo o couto do burgo do Porto;
1123	D. Hugo concede a Carta de Foral à população;
1325	Estabelecimento da alfândega pela Coroa;
1355	Início da construção da cerca Gótica que envolverá a cidade;
1394	Nasce o Infante D. Henrique na Alfândega Velha;
1415	Conquista de Ceuta – população recebe alcunha de “tripeiros”;
1472	O Porto é considerado a segunda cidade do Reino;
1517	D. Manuel concede novo Foral ao burgo;
1518	Fundação do Convento da Avé-maria;
1521	Abertura da rua de Santa Catarina das Flores, actualmente Rua das Flores;
1533	Fundação do Convento da Madre de Deus de Monchique;
1538	Construção do Farol do Anjo, o primeiro farol do país;
1540	Fundação do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra;
1542	Construção da Torre da Marca para auxílio à navegação;
1543	Autos-de-fé ocorridos no Porto;
1544	
1560	Estabelecimento dos Jesuítas;
1569	Fundação do Mosteiro do Vale da Piedade;
1570	Início da construção do castelo de S. João da Foz;
1611	Construção do Jardim da Cordoaria;
1661	Construção do Castelo do Queijo;
1724	Início da construção do Recolhimento das Órfãs de Nossa Senhora da Esperança;
1732	Início das obras da Igreja dos Clérigos;
1769	Início da construção do Hospital de Santo António;
1778	Incêndio no Mosteiro de São Domingos;
1780	Início da reconstrução da Praça da Ribeira;
1783	Incêndio no Mosteiro de São Bento da ave-maria;
1787	Início das demolições da muralha Fernandina;
1795	Construção do Palácio dos Carrancas;
1798	Inauguração do Teatro de São João;
1800	Início da construção da Real Academia da Marinha e do Comércio da cidade do Porto;
1806	Construção da Ponte das Barcas;
1807	Invasões Francesas; Desastre da Ponte das Barcas (1809);
1810	
1820	Movimento liberal; publicação do primeiro quotidiano portuense “Diário Nacional”;
1832	Início do Cerco do Porto;
1833	Fim do Cerco do Porto; Instalação da Biblioteca Municipal;
1834	Abertura do Jardim de São Lázaro; Extinção das Ordens religiosas;
1835	Primeiro banco portuense “Banco Comercial do Porto”;
1838	Início da construção do cemitério do Prado do Repouso;
1839	Estabelecimento dos mercados do Anjo e do Bolhão;
1842	Início da construção do Palácio da Bolsa;

1843	Inauguração da Ponte Pênsil;
1849	Abertura ao público do Museu Portuense;
1855	Abertura do cemitério de Agramonte, início da iluminação pública a gás;
1859	Inauguração do Teatro Baquet;
1861	Início da construção do Palácio de Cristal;
1868	Alfândega Nova;
1870	Projecto de abertura da rua de Mouzinho da Silveira;
1872	Primeira linha de carris de ferro de carros americanos no Porto;
1877	Inauguração da ponte Maria Pia (projecto de Eiffel);
1886	Inauguração da ponte Luís I; Introdução da luz eléctrica;
1888	Abertura do mercado de Ferreira Borges; Incêndio do Teatro Baquet; Criação do Jornal de Noticias; Inauguração do Jardim do Passeio Alegre;
1891	Sublevação militar republicana no Porto (31 de Janeiro);
1895	Surge o primeiro carro eléctrico da península na linha Infante – Matosinhos;
1896	Primeiro comboio no Porto;
1902	Porto de Leixões torna-se o principal porto da área;
1903	Inauguração do café “A Brasileira”; Fundação do Clube Futebol da Boavista;
1906	Primeira sala de cinema no Porto; Fundação do Futebol Clube do Porto;
1910	Proclamação da Republica;
1911	Criação da Universidade do Porto;
1916	Inauguração da estação de São Bento, abertura da Avenida dos Aliados;
1917	Abertura da avenida da Boavista até ao mar;
1919	Monarquia do Norte; Fundação da Faculdade de Letras;
1920	Inauguração do café “Chave d’Ouro”; Início da construção dos Paços do Concelho;
1921	Inauguração do café “Majestic”;
1931	Agitação estudantil no Porto;
1932	Abertura do Teatro Rivoli e do Liceu Rodrigues de Freitas;
1933	Inauguração da Igreja de Nossa Senhora de Fátima;
1940	Museu Soares dos Reis instalado no Palácio dos Carrancas;
1941	Inauguração do Coliseu;
1945	Abertura ao tráfego do aeroporto Pedras Rubras;
1947	Primeira ligação aérea Porto – Lisboa; Abertura do cinema Batalha;
1951	Primeiro hotel de luxo da cidade – Infante de Sagres; Demolição do Palácio de Cristal;
1952	Inauguração do estádio das Antas;
1954	Construção do Pavilhão Rosa Mota, no local do antigo Palácio de Cristal;
1957	Abertura da Praça de D. João I;
1958	Inauguração do Hospital de São João;
1961	Inauguração do Palácio da Justiça;
1963	Inauguração da Ponte da Arrábida;
1976	Primeiro Centro comercial em Portugal – Shopping Center Brasilia;
1978	Modernização do aeroporto de Pedras Rubras – Francisco Sá Carneiro;
1987	Novo museu – Casa de Serralves;
1991	Inauguração da ponte de S. João;
1993	Inauguração do Parque da Cidade;
1996	Declaração do centro histórico, <i>Património da Humanidade</i> , pela UNESCO;
1997	Inauguração do teatro do Campo Alegre;
1998	Cimeira Ibero-Americana realizada no Porto;

2000	Início da construção do metro do Porto;
2001	Porto – Cidade Capital da Cultura (juntamente com Roterdão);
2003	Inauguração da primeira linha de metro à superfície; Inauguração da Ponte do Infante; Inauguração dos estádios – Dragão e Bessa XXI
2004	Cerimónia de abertura do Euro'04 no estádio do Dragão; Inauguração do Funicular dos Guindais; Abertura ao público do Museu do Vinho do Porto;
2005	Inauguração da Casa da Musica; Abertura da linha amarela do metro entre Porto e Gaia;
2006	Nova avenida dos Aliados, com projecto de Siza Vieira;
2009	Abertura do Sea Life Center, junto ao Castelo do Queijo;

Anexo IV

Número de hotéis na zona delimitada pela UNESCO

	<i>Hotel</i>	<i>Classificação</i> <i>(estrelas)</i>	<i>Local</i>	<i>N.º de</i> <i>Quartos</i>	<i>N.º de</i> <i>Camas</i>
Área Classificada	Hotel da Bolsa	3	Rua Ferreira Borges	36	71
	Pestana Porto Hotel	4	Praça da Ribeira	48	96
	Mercure Porto Centro	4	Praça da Batalha	149	254
	Hotel Quality Inn	3	Praça da Batalha	113	217
	Hotel Infante de Sagres	5	Praça Filipa de Lencastre	70	112
Área de Protecção	Hotel Internacional	3	Rua do Almada	35	61
	Grande Hotel do Porto	3	Rua de Santa Catarina	99	154
	Hotel Teatro Porto	4	Rua Sá da Bandeira	74	156

Anexo V

Listagem dos principais pontos de interesse

Posição	Século XIX (1864-1900)	Nº de palavras	Século XX (1901-2000)	Nº de palavras	Século XXI (2001-2011)	Nº de palavras
1	Palácio de Cristal	3482	Sé Catedral	1207	Igreja de S. Francisco	651
2	Sé Catedral	2962	Igreja de S. Francisco	638	Sé Catedral	638
3	Igreja da Lapa	1347	Palácio da Bolsa	520	Palácio da Bolsa	608
4	Ponte Pênsil	1220	Palácio de Cristal	482	Fundação de Serralves	400
5	Estátua a D. Pedro V	1202	Igrejas do Carmo e Carmelitas	455	Igreja de Santa Clara	387
6	Hospital de Santo António	1079	Igreja e torre dos Clérigos	453	Estação de São Bento	368
7	Hospital militar D. Pedro V	1068	Igreja de Cedofeita	380	Estádio do Dragão	334
8	Igreja da Misericórdia	1011	Igreja de Santa Clara	339	Palácio de Cristal	309
9	Igreja de Cedofeita	988	Hospital de Santo António	326	Mercado do Bolhão	308
10	Cemitério do Prado do Repouso	869	Igreja da Misericórdia	306	Igreja e torre dos Clérigos	300
11	Igreja e torre dos Clérigos	835	Igreja da Lapa	305	Muralha Fernandina	293
12	Palácio da Bolsa	810	Igreja de S. Lourenço ou dos Grilos	256	Igreja de Santo Ildefonso	288
13	Estátua a D. Pedro IV	750	Jardim da Cordoaria	232	Feitoria Inglesa	285
14	Teatro Nacional de S. João	642	Estação de São Bento	187	Rua de Cedofeita	284
15	Edifício da Relação	630	Edifício da Relação	176	Igreja do Carmo	271
16	Alfândega	590	Palácio dos Carrancas	171	Biblioteca municipal	262
17	Edifício da Camara Municipal	584	Ponte Luiz I	163	Casa do Infante	256
18	Feitoria Inglesa	534	Ponte D. Maria	138	Parque da Cidade	251
19	Igreja de S. Francisco	516	Museu Nacional Soares dos Reis	109	Teatro Nacional de S. João	249
20	Cemitério da Lapa	464	-	-	Café Majestic	244

Anexo VI

Adjectivos presentes nos guias do século XIX

Assuntos sugeridos	Adjectivos
Magnificência, beleza (36.7%)	rico (14), magnífico (12), majestoso (10), elegante (8), belo (7), admirável (6), sumptuoso (5), notável (4), formoso (4), bom (3), precioso (2), grandioso (2), opulento (2), soberbo (2), vistoso (2), primoroso (1), artístico (1), altivo (1), agradável (1), imponente (1), importante (1), bonito (1)
Amplidão (13.9%)	grande (8), pequeno (7), espaçoso (7), maior (4), amplo (1), longo (1), largo (1), colossal (1), aberto (1), gigante (1), vasto (1), alto (1)
Materiais (10.2%)	mármore (10), prata (6), granito (6), bronze (2), ouro (1)
Cor (7.3%)	dourado (8), preto (3), branco (2), roxo (2), vermelho (2), cinzento (1)
Antiguidade (6.9%)	antigo (12), antiquíssimo (3), antiguidade (2)
Simplicidade (4.9%)	singelo (5), simples (3), regular (3), modesto (1)
Características formais (2.9%)	abobadado (2), quadrilongo (1), liso (1), circular (1), elíptico (1), semicircular (1)
Estilo arquitetónico (2.9%)	gótico (6), bizantino (1)
---- (2.4%)	aceio (6)
Referências geográficas (1.6%)	italiano (3), português (1)
Referências históricas (1.6%)	moderno (4)
Singularidade (1.6%)	singular (2), famoso (1), interessante (1)
Total = 92.9%	

Adjectivos presentes nos guias do século XX

Assuntos sugeridos	Adjectivos
Magnificência, beleza (38%)	bom (18), belo (16), rico (15), notável (15), lindo (15), elegante (12), grandioso (8), formoso (7), imponente (7), precioso (7), primoroso (6), magnifico (6), opulento (5), sumptuoso (4), gracioso (4), soberbo (3), importante (2), valioso (2), admirável (2), majestoso (1), esplêndido (1), agradável (1), maravilhoso (1), monumental (1), harmonioso (1)
Estilo Arquitetónico (15.2%)	gótico (22), barroco (14), românico (9), renascença (6), clássico (5), rococó (3), salomónico (2), manuelino (2), bizantino (1)
Materiais (6.2%)	granito (13), mármore (6), prata (5), bronze (1), ouro (1)
Antiguidade (5.9%)	antigo (18), antiquíssimo (3), velho (3), antiguidade (1)
Amplidão (5.2%)	grande (5) espaçoso (4), amplo (3), largo (3), vasto (2), pequeno (2), maior (2), alto (1)
Cor (4.8%)	dourado (15), preto (3), policromado (2)
Referências geográficas (4.8%)	italiano (7), português (7), português (3), alemã (1), flamengo (1), árabe (1)
Simplicidade (2.4%)	modesto (4), simples (3), singelo (2), acanhado (1)
Características formais (2.1%)	ogival (2), octogonal (2), quadrilongo (1), abobadado (1), oval (1), cilíndrico (1), elíptico (1)
Singularidade (1.9%)	interessante (4), curioso (2), célebre (1), famoso (1)
Referências históricas (1%)	moderno (3), medieval (1)
Total = 87.5%	

Adjectivos presentes nos guias do século XXI

Assuntos sugeridos	Adjectivos
Estilo arquitetónico (24.3%)	barroco (24), gótico (12), românico (12), rococó (9), neoclássico (6), clássico (6), maneirista (4), neogótico (2), manuelino (2), dórico-romano (1), coríntio (1)
Magnificência/beleza (15.1%)	principal (10), magnífico (7), notável (7), belo (6), rico (6), admirável (2), imponente (2), grandioso (1), elegante (1), sumptuoso (1), valioso (1), requintado (1), luxuriante (1), exuberante (1), harmonioso (1), extraordinário (1)
Cor (9.8%)	dourado (18), azul (5), branco (3), policromo (2), escurecido (1), vermelho (1), rosa (1), negro (1)
Referências históricas (7.4%)	medieval (10), renascentista (6), moderno (3), setecentista (2), seiscentista (1), visigodo (1), oitocentista (1)
Amplidão (6.5%)	pequeno (6), grande (4), amplo (4), alto (3), maior (3), estreito (1)
Referências geográficas (6.2%)	portuense (5), português (4), coimbra (3), italiano (3), limoges (2), flamengo (2), francês (1)
Singularidade (4.3%)	único (6), original (5), raro (1), invulgar (1)
Características formais (4%)	austero (7), oval (3), poligonal (2), ogival (1), elíptico (1)
Materiais (4%)	granito (4), prata (3), ouro (2), mármore (3), bronze (1)
Simplicidade (2.8%)	simples (5), sóbrio (1), modesto (1), suave (1), singelo (1)
Antiguidade (2.2%)	antigo (5), primitivo (2)
Total = 86.6%	

Anexo VII
(Guias do século XIX)

Elucidário do viajante no Porto - 1864

<i>Pontos de Interesse</i>	<i>Área Temática</i>	<i>Nº de Palavras</i>
Egreja da Sé	Religioso	1844
Egreja de Cedofeita	Religioso	263
Egreja da Trindade	Religioso	246
Egreja da Lapa	Religioso	416
Egreja dos Clérigos	Religioso	357
Egreja dos Frades Franciscanos	Religioso	255
Egreja da Misericórdia	Religioso	110
Egreja dos terceiros do Carmo	Religioso	86
Egreja dos frades do Carmo	Religioso	102
Egreja de Sancto Ildefonso	Religioso	43
Egreja de S. Pedro de Miragaia	Religioso	84
Egreja de S. Bento dos Frades	Religioso	51
Egreja dos Congregados	Religioso	50
Egreja da Graça	Religioso	26
Egreja de Nossa Senhora da Boa Viagem	Religioso	26
Capela de Carlos Alberto	Religioso	77
Convento mosteiro Madre de Deus	Religioso	25
Convento de S. José das Carmelitas descalças	Religioso	26
Mosteiro da Victoria da Ordem Beneditina	Religioso	42
Convento de S. Domingos	Religioso	51
Convento de S. Francisco	Religioso	92
Convento de S. Lourenço	Religioso	43
Convento Sancto António de Val Piedade	Religioso	76
Convento de S. João Novo	Religioso	26
Convento dos Carmelitas descalços	Religioso	34
Convento Sancto Antonio da Porta de Carros	Religioso	33
Convento de Sancto Eloy	Religioso	76
Convento de Sancto Agostinho da Serra	Religioso	43
Convento de Nossa Senhora da Conceição	Religioso	34
Convento de Sancto António da Cidade	Religioso	51
Convento de Sancta Clara	Religioso	33
Convento de S. Bento	Religioso	34
Palácio Real	Civil	34
Alfandega	Civil	238
Camara Municipal	Civil	264
Palácio de Crystal	Civil	619
Palácio da Bolsa	Economia	127
Palácio do Governo Civil	Civil	118
Palacete Visconde de Pereira Machado	Civil	68
Palacete Conde de Terena	Civil	51
Palacete Visconde da Trindade	Civil	77
Palacete Conde do Bolhão	Civil	43
Palacete Manuel Guedes	Civil	25
Palacete Sandeman	Civil	17
Palacete Ferreirinha	Civil	26
Palacete Pinto Leite	Civil	34
Palacete Viúva Navarro	Civil	34
Quartel militar regimento 18	Militar	68
Quartel militar regimento 6 infantaria	Militar	50
Theatro de S. João	Lazer	136
Theatro Baquet	Lazer	77
Theatro Circo	Lazer	43
Theatro de Camões	Lazer	17

Atheneu Portuense	Lazer	187
Assembleia Portuense	Lazer	51
Club Portuense	Lazer	25
Feitoria Inglesa	Lazer	459
Sociedade Philarmonica	Lazer	51
Sociedade Terpsichore	Lazer	24
Memória de D. Pedro IV	Diversos	162
Memória de D. Pedro V	Diversos	52
Fontainhas	Urbanismo	33
Bonfim	Urbanismo	26
Lapa	Urbanismo	17
Victoria	Urbanismo	26
Virtudes	Urbanismo	18
Passeio Público	Urbanismo	43
Procissão do Carmo	Lazer	127
Procissão da Trindade	Lazer	76
Procissão do Terço	Lazer	68
Procissão de S. Francisco	Lazer	136
Hospital da Misericórdia	Publico	655
Hospital da Trindade	Publico	68
Hospital de S. Francisco	Publico	42
Hospital de Nossa Senhora do Carmo	Publico	34
Hospital do Terço e Caridade	Publico	162
Hospital militar D. Pedro V	Publico	782
Cemitério da Lapa	Publico	340
Cemitério de Agramonte	Publico	33
Cemitério do Repouso	Publico	204
Cemitério da Ordem terceira de S. Francisco	Publico	77
Cemitério dos Ingleses	Publico	60
Cadeia	Publico	339
Colégio de Nossa Senhora da Graça	Publico	162
Colégio Senhora da Esperança	Publico	77
Colégio do Patrocínio da Mãe de Deus	Publico	59
Hospício dos Anjos	Publico	33
Hospício Senhor d'Alem	Publico	76
Hospício de S. Francisco de Paula	Publico	42
Hospício de Sancto António da Cordoaria	Publico	41
Asylo da Mendicidade	Publico	51
Asylo da infância desvalida	Publico	33
Asylo das raparigas abandonadas	Publico	34
Creche de S. Vicente de Paula	Publico	50
Roda dos expostos	Publico	748
Museu Portuense	Museu	34
Bibliotheca comercial	Publico	60
Ponte Pênsil	Engenharia	25
Fábrica da Fundação	Economia	126
Fábrica da fiação de algodão	Economia	68
Fábrica de cordello	Economia	24
Fábrica do freixo	Economia	34
Fábrica de Val de Amores	Economia	24
Fábrica da Boa Vista	Economia	25
Fábrica de Campanhan	Economia	77
Arca do Mercado	Engenharia	93
Manancial de Paranhos	Engenharia	33
Manancial de Salgueiros	Engenharia	34
Café Portuense	Hotelaria	35
Café da neve	Hotelaria	25

Café da Águia d'Ouro	Hotelaria	17
Egreja do Collegio	Religioso	42
Egreja de S. Bento das Freiras	Religioso	33
Egreja de Sancta Clara	Religioso	34
Egreja de Nossa Senhora da Victoria	Religioso	34
Egreja de Sancta Catharina	Religioso	25
Egreja de S. Nicolao	Religioso	17
Egreja de Nossa Senhora do Terço e Caridade	Religioso	33
Egreja do Bonfim	Religioso	26
Egreja de Nossa Senhora da Esperança	Religioso	25
Egreja de S. João Novo	Religioso	51
Egreja de S. José das Taipas	Religioso	42
Egreja da Mãe de Deus	Religioso	34
Procissões	Lazer	417

Guia Histórico do Viajante no Porto – 1864

Pontos de interesse	Área temática	Nº de palavras
Real teatro de S. João	Lazer	232
Theatro Baquet	Lazer	192
Theatro das variedades	Lazer	56
Theatro circo	Lazer	55
Jardim de S. Lázaro	Urbanismo	159
Passeio das Fontainhas	Urbanismo	215
Passeio do Bonfim	Urbanismo	112
Passeio d'Aguardente	Urbanismo	12
Passeio da Lapa	Urbanismo	38
Passeio das Virtudes	Urbanismo	121
Passeio da Victoria	Urbanismo	40
Passeio de Massarelos	Urbanismo	7
Club Portuense	Lazer	48
Assemblêa Portuense	Lazer	47
Sociedade Phylarmonica	Lazer	48
Feitoria Ingleza	Lazer	40
Sociedade Terpsichore	Lazer	40
Palácio Real	Civil	96
Paço Episcopal	Civil	152
Camara municipal	Civil	128
Relação do Porto	Civil	72
Escola Médico-cirúrgica	Publico	72
Academia Polytechnica	Publico	56
Escola industrial	Publico	103
Academia Bellas Artes	Publico	104
Lyceu Nacional	Publico	15
Seminário Episcopal	Publico	11
Bibliotheca publica	Publico	95
Atheneu Portuense	Museu	96
Museu Portuense	Museu	168
Sé do Porto	Religioso	776
Capella de Carlos Alberto	Religioso	191
S. Bento da Victoria	Religioso	95
S. Francisco	Religioso	184
Capella de S. Francisco	Religioso	47
S. Nicolao	Religioso	79
S. João Novo	Religioso	144
S. Pedro de Miragaya	Religioso	143
Carmo	Religioso	48
Terceiros do Carmo	Religioso	32
Clérigos	Religioso	280
S. Martinho de Cedofeita	Religioso	464
Trindade	Religioso	127
Santo Ildefonso	Religioso	87
Santa Clara	Religioso	63
Senhor do Bonfim	Religioso	56
Santo António da Porta de Carros	Religioso	56
Misericórdia	Religioso	120

Collegio	Religioso	167
Ave-maria ou Freiras de S. Bento	Religioso	127
Nossa Senhora da Victoria	Religioso	72
Capella de S. Roque	Religioso	120
Nossa Senhora do Terço	Religioso	12
Real capella de Nossa Senhora da Lapa	Religioso	559
Alfandega	Civil	75
Palácio da Bolsa	Economia	288
Banco Commercial	Economia	23
Quartel de Santo Ovídio	Militar	97
Quartel da Torre da Marca	Militar	63
Cadêa Publica	Publico	33
Aljube	Publico	32
Carmo	Publico	32
Cemitério do Prado do Repouso	Publico	158
Cemitério de Agramonte	Publico	23
Cemitério da Lapa	Publico	87
Cemitério de S. Francisco	Publico	23
Cemitério do Carmo	Publico	20
Fonte da Rua do Laranjal	Engenharia	31
Fonte da Praça do Anjo	Engenharia	22
Fonte do Campo Pequeno	Engenharia	15
Fonte do largo da Sé	Engenharia	32
Fonte das Virtudes	Engenharia	22
Fonte das Fontainhas	Engenharia	21
Fonte da Praça de D. Pedro	Engenharia	14
Fonte das Águas Férreas	Engenharia	31
Fonte dos Ablativos	Engenharia	22
Fonte da Arca d'água	Engenharia	39
Mercado do Anjo	Economia	125
Mercado do Bolhão	Economia	91
Hospital Real de Santo António	Publico	77
Hospital militar de D. Pedro V	Publico	223
Fábrica de sabão do Freixo	Economia	37
Ponte Pênsil	Engenharia	1135
Monumento a D. Pedro IV	Diversos	340
Palácio de Cristal	Civil	662
Monumento a D. Pedro V	Diversos	829
Memoria a D. Pedro V	Diversos	340
Nova alfândega	Civil	239
Palácio da Justiça	Civil	190
Praça e caes da Ribeira	Urbanismo	208
Praça da Cordoaria	Urbanismo	351
Praça dos Voluntários da Rainha	Urbanismo	54
Praça de Carlos Alberto	Urbanismo	251
Campo 24 de Agosto	Urbanismo	147
Rua de S. João	Urbanismo	45
Rua dos Inglezes	Urbanismo	202
Rua das Flores	Urbanismo	83
Matadouro	Publico	31
Praça da Batalha	Urbanismo	60

Praça de D. Pedro	Urbanismo	139
Rua dos Clérigos e de Santo António	Urbanismo	223
Palacete do Conde de Terena	Civil	72

Guia do viajante na cidade do Porto e arrabaldes – 1877

Pontos de interesse	Área temática	Nº de palavras
Ponte Pênsil	Engenharia	60
Cordoaria	Urbanismo	133
Jardim de S. Lázaro	Urbanismo	154
Passeio das Fontainhas	Urbanismo	59
Passeio das Virtudes	Urbanismo	232
Passeio da Victoria	Urbanismo	65
Alameda da Lapa	Urbanismo	47
Largo da Aguardente	Urbanismo	27
Passeio do Bonfim	Urbanismo	78
Alameda de Massarelos	Urbanismo	26
Egreja da Sé	Religioso	342
Egreja de S. Pedro de Miragaya	Religioso	86
Egreja de Cedofeita	Religioso	261
Egreja da Misericórdia	Religioso	781
Egreja de S. Nicolau	Religioso	43
Egreja de S. Francisco	Religioso	77
Egreja dos terceiros de S. Francisco	Religioso	28
Egreja de S. João Novo	Religioso	86
Egreja de Nossa Senhora da Victoria	Religioso	36
Egreja de S. Bento	Religioso	51
Egreja da Graça	Religioso	33
Egreja de S. José das Taipas	Religioso	87
Egrejas do Carmo	Religioso	127
Egreja dos Clérigos	Religioso	198
Egreja da Trindade	Religioso	33
Egreja dos Congregados	Religioso	50
Egreja da Ave-maria	Religioso	45
Egreja de Nossa Senhora do Terço e Charidade	Religioso	20
Egreja de Sancta Clara	Religioso	58
Egreja do Collegio	Religioso	51
Egreja de Nossa Senhora da Esperança	Religioso	15
Egreja do Bonfim	Religioso	33
Egreja de Sancto Ildefonso	Religioso	38
Capella de Santa Catharina	Religioso	8
Egreja da Lapa	Religioso	372
Jardim Botânico	Urbanismo	396
Eschola Médico-cirúrgica	Público	214
Academia Polytechnica	Público	79
Instituto Industrial	Público	44
Academia de Bellas Artes	Público	177
Lyceu nacional	Público	51
Seminário Episcopal	Público	14
Bibliotheca Publica	Público	121
Atheneu Portuense	Museu	161
Muzeu Portuese	Museu	43
Muzeu Luso	Museu	50
Hospício dos Expostos	Público	24
Creche de S. Vicente de Paulo	Público	16

Asylo das raparigas abandonadas	Público	29
Asylo da mendicidade	Público	9
Asylo da infância desvalida	Público	11
Asylo de Villar	Público	13
Recolhimento do Ferro	Público	15
Recolhimento das meninas desamparadas	Público	17
Recolhimento de Sancta Clara das velhas inválidas	Público	17
Recolhimento das Orphãs	Público	22
Seminário dos meninos desamparados	Público	21
Collegio dos meninos órfãos	Público	9
Recolhimento das velhas de Nossa Senhora das Dores	Público	35
Hospital Real de Santo António	Público	347
Hospital de lázaros e lazaras	Público	8
Hospital de entrevados	Público	4
Hospital de alienados	Público	22
Hospital militar de D. Pedro V	Público	63
Hospital dos marinheiros inglezes	Público	7
Hospital dos terceiros da Trindade	Público	7
Hospital dos terceiros do Carmo	Público	8
Hospital dos terceiros de S. Francisco	Público	3
Hospital de Nossa Senhora do Terço e Charidade	Público	77
Hospital para náufragos	Público	5
Quartel de Santo Ovídio	Militar	72
Quartel da Torre da Marca	Militar	39
Quartel de S. Bento	Militar	18
Quartel da Guarda Municipal	Militar	32
Quartel da Cavallaria	Militar	11
Cadêa da Relação	Publico	219
Aljube	Publico	33
Carmo	Publico	15
Palácio de Cristal	Civil	2201
Alfandega Velha	Civil	56
Alfandega Nova	Civil	113
Bolsa do Commercio	Economia	395
Theatro de S. João	Lazer	274
Theatro Baquet	Lazer	104
Theatro do Príncipe Real	Lazer	52
Theatro da Trindade	Lazer	24
Theatro de Variedades	Lazer	57
Theatro Minerva	Lazer	22
Theatro Gil Vicente	Lazer	9
Theatro das Variedades	Lazer	158
Club Portuense	Lazer	35
Assemblêa Portuense	Lazer	41
Sociedade Philarmonica	Lazer	27
Feitoria Ingleza	Lazer	35
Casa da Camara Municipal	Civil	192
Governo Civil	Civil	75
Palácio da Justiça	Civil	54
Tribunal da Relação	Civil	36

Tribunal do Commercio	Civil	18
Comissariado geral da Policia	Militar	41
Mercado do Anjo	Economia	109
Mercado do Peixe	Economia	95
Mercado das Fressureiras	Economia	11
Mercado do Bolhão	Economia	120
Palácio Real	Civil	88
Paço Episcopal	Civil	98
Palacete dos Condes de Terena	Civil	146
Palacete Visconde da Trindade	Civil	121
Casa de Entre Quintas	Civil	40
Palacete Visconde Pereira Machado	Civil	2
Palacete do Conde do Bolhão	Civil	9
Palacete do Ferreirinha	Civil	24
Palacete de Manoel Guedes	Civil	24
Palacete da Família Sandeman	Civil	6
Palacete de Pinto Leite	Civil	17
Palacete do Visconde de Beire	Civil	26
Palacete do Conde d'Azevedo	Civil	5
Palacete do Conde de Resende	Civil	19
Palacete da viúva Navarro	Civil	3
Palacete do Visconde da Silva Monteiro	Civil	15
Palacete do Visconde Barros Lima	Civil	6
Casa das Sereias	Civil	25
Palacete do Barão de Massarellos	Civil	387
Estátua equestre de D. Pedro IV	Diversos	248
Estátua de D. Pedro V	Diversos	321
Monumento do Bolhão	Diversos	171
Casa onde nasceu Almeida Garrett	Civil	80
Cemitério do Prado do Repouso	Público	507
Cemitério de Agramonte	Público	149
Cemitério dos Inglezes	Público	20
Cemitério da Lapa	Público	37
Cemitério de S. Francisco	Público	18
Cemitério do Carmo	Público	22
Cemitério de Cedofeita	Público	118
Botiquim Águia d'Ouro	Hotelaria	45
Café Suisso	Hotelaria	54
Gremio Portuense	Hotelaria	18
Botiquim do Carmo	Hotelaria	45
Botiquim da Graça	Hotelaria	42
Botiquim das Hortas	Hotelaria	16
Botiquim de S. Lázaro	Hotelaria	59
Botiquim de Santo António	Hotelaria	24

Anexo VIII
(Guias do século XX)

Guia Ilustrado do Porto – 1902

Pontos de interesse	Área temática	Nº de palavras
Estação Porto Central	Engenharia	69
Governo Civil	Civil	70
Igreja do Bonfim	Religioso	184
Igreja do Carmo	Religioso	161
Igreja de Cedofeita	Religioso	256
Igreja do Collegio ou dos Grilos	Religioso	133
Igreja dos Congregados	Religioso	184
Igreja da Ordem 3ª de S. Francisco	Religioso	413
Igreja e Torre dos Clérigos	Religioso	199
Igreja dos Extintos Carmelitas	Religioso	98
Igreja de Miragaia	Religioso	135
Igreja da Misericórdia	Religioso	79
Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem	Religioso	42
Igreja de Nossa Senhora de Campanhã	Religioso	77
Igreja da Sé	Religioso	691
Igreja de S. Bento da Victoria	Religioso	260
Igreja de Santa Clara	Religioso	180
Igreja de S. Francisco	Religioso	303
Igreja de Santo Ildefonso	Religioso	177
Igreja de S. João Novo	Religioso	90
Igreja de S. Nicolau	Religioso	98
Igreja do Terço	Religioso	168
Igreja da Trindade	Religioso	171
Igreja da Victoria	Religioso	93
Capella das Almas de Santa Catharina	Religioso	30
Capella da Batalha	Religioso	139
Capella de Carlos Alberto	Religioso	25
Capella de Nossa Senhora de Agosto	Religioso	111
Capella do Espirito Santo	Religioso	76
Capella de Fradellos	Religioso	50
Capella da Lapa	Religioso	187
Oratório de Nossa Senhora da Silva	Religioso	61
Capella Pestana	Religioso	55
Capella dos Reis Magos	Religioso	22
Capella de S. José das Taypas	Religioso	64
Capella de Santo António	Religioso	78
Casa da Camara Municipal	Civil	233
Museu Municipal	Museu	175
Bibliotheca municipal	Publico	163
Palácio da Bolsa	Economia	321
Palácio de Cristal	Civil	319
Monumento a D. Pedro IV	Diversos	101
Monumento a D. Pedro V	Diversos	119
Monumento ao Infante D. Henrique	Diversos	132
Memória do Bolhão	Diversos	75
Jardim de S. Lázaro	Urbanismo	83
Jardim da Cordoaria	Urbanismo	196
Jardim da Praça do Duque de Beja	Urbanismo	41

Jardim de Carlos Alberto	Urbanismo	37
Jardim da Praça dos Voluntários da Rainha	Urbanismo	35
Jardim da Boavista	Urbanismo	71
Jardim do Passeio Alegre	Urbanismo	72
Alameda das Fontainhas	Urbanismo	33
Alameda de Massarellos	Urbanismo	13
Alameda de Bonfim	Urbanismo	20
Alameda das Virtudes	Urbanismo	43
Theatro S. João	Lazer	123
Theatro Príncipe Real	Lazer	139
Circo Águia d'Ouro	Lazer	49
Theatro Carlos Alberto	Lazer	29
Theatro Gil Vicente	Lazer	22
Praça de Touros	Lazer	112
Mercado do Anjo	Economia	84
Mercado do Bolhão	Economia	35
Mercado de Ferreira Borges	Economia	30
Mercado do Peixe	Economia	97
Mercado do Pão	Economia	33
Ponte Maria Pia	Engenharia	92
Ponte Luiz I	Engenharia	111
Cemitério da Lapa	Publico	75
Cemitério do Prado do Repouso	Publico	154
Cemitério de Agramonte	Publico	160
Alfandega	Civil	203
Paço Episcopal	Civil	154
Palácio Real	Civil	73
Casa do Infante D. Henrique	Civil	64
Casa do Visconde de Almeida Garrett	Civil	41
Palácio Monfalem e Terena	Civil	89
Palacete de Entre Quintas	Civil	43
Corpo de Salvação Publica	Publico	125
Bombeiros Voluntários	Publico	120
Matadouro Publico	Publico	68
As Almas da Ponte	Diversos	65
Irmandade da Misericórdia	Publico	348
Hospital da Misericórdia	Publico	231
Hospital de Alienados do Conde Ferreira	Publico	149
Recolhimento do Ferro	Publico	62
Real Collegio dos orphãos de Nossa Sra da Graça	Publico	222
Recolhimento de Nossa Senhora das Dores e de S. José das meninas desamparadas	Publico	126
Hospital de creanças Maria Pia	Publico	65
Hospício do Porto	Publico	91
Bairros operários	Publico	203
Hospital militar D. Pedro V	Publico	192
Academia Polytechnica	Publico	119
Escola médico-cirúrgica	Publico	84
Escola normal	Publico	78
Academia de Bellas Artes e Atheneu	Publico	119
Lyceu	Publico	42

Seminário Episcopal	Publico	63
Atheneu Commercial do Porto	Lazer	203
Club de Caçadores	Lazer	64
Real Velo club do Porto	Lazer	39
Cricket club	Lazer	23
Associação Britânica	Lazer	75
Club Portuense	Lazer	28
Assembleia Portuense	Lazer	20
Orpheon Portuense	Lazer	55
Laboratório municipal	Publico	61
Quartel do Carmo	Militar	42
Quartel de S. Braz	Militar	25
Quartel de Santo Ovídio	Militar	33
Quartel da Torre da Marca	Militar	43
Cadeia da Relação	Publico	90
Carmo	Publico	34
Aljube	Publico	42
Barredo	Urbanismo	62
Velha Myragaia	Urbanismo	43
Estrada da Circumvallação	Urbanismo	127

Guia Oficial do Visitante – Porto (1934)

Pontos de interesse	Área Temática	Nº de palavras
Estação de S. Bento	Engenharia	57
Praça da Liberdade	Urbanismo	37
Estátua equestre do Rei D. Pedro IV	Diversos	39
Avenida dos Aliados	Urbanismo	57
Paços do Concelho	Civil	15
Clube dos Fenianos	Lazer	3
Igreja da Trindade	Religioso	9
Igreja e Torre dos Clérigos	Religioso	81
Jardim da Cordoaria	Urbanismo	17
Edifício da Relação do Porto	Publico	22
Universidade do Porto	Publico	16
Museu de História Natural	Museu	6
Museu de Arqueologia	Museu	7
Igrejas do Carmo e Carmelitas	Religioso	41
Faculdade de Medicina	Publico	18
Hospital Geral de Santo António	Publico	41
Palácio dos Carrancas	Civil	41
Quartel da Torre da Marca	Militar	37
Palácio de Cristal	Civil	49
Capela de Carlos Alberto	Religioso	32
Maternidade de Júlio Diniz	Publico	20
Escola industrial Infante D. Henrique	Publico	34
Liceu Rodrigues de Freitas	Publico	51
Igreja de Cedofeita	Religioso	38
Rotunda da Boavista	Urbanismo	10
Monumento à Guerra Peninsular	Diversos	7
Estação de Caminhos de Ferro da Boavista	Engenharia	27
Avenida da Boavista	Urbanismo	19
Castelo do Queijo	Militar	24
Avenida Montevidéu	Urbanismo	15
Avenida Brasil	Urbanismo	20
Foz	Urbanismo	20
Igreja de S. Francisco	Religioso	59
Igreja de S. Pedro de Miragaia	Religioso	20
Estátua do Infante D. Henrique	Diversos	30
Palácio da Bolsa	Economia	99
Igreja da Misericórdia	Religioso	43
Praça da Batalha	Urbanismo	22
Igreja de Santo Ildefonso	Religioso	20
Quartel-general	Militar	2
Edifício do Governo Civil	Civil	3
Igreja de Santa Clara	Religioso	45
Sé Catedral	Religioso	52
Igreja dos Grilos	Religioso	19
Escadas do Codeçal	Urbanismo	3
Igreja do Convento de Ferro	Religioso	42
Igreja de Nossa Senhora do Terço e Caridade	Religioso	26
Ponte Luiz I	Engenharia	29

Ponte D. Maria	Engenharia	21
Biblioteca Pública	Publico	38
Museu Municipal	Museu	11
Museu de Soares dos Reis	Museu	30
Escola de Belas Artes	Publico	25
Avenida Camilo	Urbanismo	7
Busto de Camilo Castelo Branco	Diversos	9
Liceu Alexandre Herculano	Publico	38
Igreja do Bomfim	Religioso	43
Avenida dos Combatentes da Grande Guerra	Urbanismo	26
Hospital do Conde Ferreira	Publico	33
Jardim do Marquês de Pombal	Urbanismo	15
Igreja da Lapa	Religioso	40
Praça de Carlos Alberto	Urbanismo	7
Monumento aos mortos da Grande Guerra	Diversos	27

Guias Panorama – Porto (1956)

Pontos de Interesse	Área Temática	Nº de Palavras
Sé Catedral	Religioso	357
Igreja de Cedofeita	Religioso	47
Muralhas Fernandinas	Militar	71
Igreja de S. Francisco	Religioso	225
Igreja de Santa Clara	Religioso	69
Igreja de S. Lourenço ou dos Grilos	Religioso	62
Igreja de S. João Novo	Religioso	58
Mosteiro de S. Bento da Vitória	Religioso	141
Igreja dos Clérigos	Religioso	139
Igreja da Misericórdia	Religioso	150
Palácio do Freixo	Civil	73
Igreja dos Terceiros do Carmo	Religioso	101
Palácio da Relação	Civil	64
Paço Episcopal	Civil	64
Igreja da Lapa	Religioso	78
Hospital de Santo António	Publico	54
Palácio dos Carrancas	Civil	57
Igreja dos Terceiros de S. Francisco	Religioso	63
Universidade	Publico	57
Palácio da Bolsa	Economia	56
Igreja de Nossa Senhora da Conceição	Religioso	42
Estádio do Futebol Clube do Porto	Lazer	36
Palácio dos Desportos	Lazer	82
Museu Nacional de Soares dos Reis	Museu	30
Casa museu de Guerra Junqueiro	Museu	29
Museu Etnográfico e Histórico Douro Litoral	Museu	20
Estação Zoológica Marítima Augusto Nobre	Museu	15
Biblioteca Publica Municipal	Publico	16
Arquivo distrital	Publico	41
Gabinete de Historia da cidade	Publico	37
Jardim de João Chagas	Urbanismo	19
Jardim Marques de Oliveira	Urbanismo	5
Jardim do Marquês de Pombal	Urbanismo	20
Jardim do Passeio alegre	Urbanismo	10
Jardins do Palácio de Cristal	Urbanismo	32

Guia turístico do Porto – 1996

Pontos de interesse	Área Temática	Nº de palavras
Sé catedral	Religioso	107
Igreja e torre dos Clérigos	Religioso	34
Igreja de S. Francisco	Religioso	51
Igreja de Santa Clara	Religioso	45
Igreja dos Grilos	Religioso	42
Igreja dos Carmelitas	Religioso	21
Igreja do Carmo	Religioso	33
Igreja de Nossa Senhora da Vitoria	Religioso	32
Igreja da Misericórdia	Religioso	34
Igreja de S. Nicolau	Religioso	20
Igreja de Miragaia	Religioso	50
Igreja de Cedofeita	Religioso	39
Casa do infante	Civil	35
Palácio da bolsa	Economia	44
Alfândega nova	Civil	59
Mercado de Ferreira Borges	Economia	79
Estação de São Bento	Engenharia	61
Muralha fernandina	Militar	44
Forte de S. João da Foz do Douro	Militar	63
Forte de S. Francisco Xavier	Militar	29
Farol de S. Miguel	Militar	57
Fundação de Serralves	Museu	34
Ponte D. Maria Pia	Engenharia	25
Ponte Luiz I	Engenharia	23
Ponte da Arrábida	Engenharia	23
Museu romântico da Quinta da Macieirinha	Museu	60
Casa museu Guerra Junqueiro	Museu	46
Museu Nacional de Soares dos Reis	Museu	49
Museu do carro eléctrico	Museu	81
Museu militar do porto	Museu	48
Museu do papel fiduciário	Museu	49
Museu de arte sacra	Museu	35
Museu de Mineralogia	Museu	18
Museu de estratigrafia e paleontologia	Museu	39
Gabinete de numismática - casa TAIT	Museu	34
Casa oficina António Carneiro	Museu	34
Fundação Eng.º António Almeida	Museu	45
Paços do concelho medievais	Civil	31
Bandeirinha	Diversos	35
Alminhas da ponte	Diversos	49
Pilares da Ponte Pênsil	Diversos	24
Fornos da Fábrica de Louça	Diversos	54
Chafariz dos leões	Engenharia	47
Sanitários do Passeio Alegre	Diversos	34
Parque da cidade	Urbanismo	15
Ribeira-Barredo	Urbanismo	8
Miragaia	Urbanismo	8
Foz velha	Urbanismo	14

Feira popular	Lazer	27
---------------	-------	----

Anexo IX
(Guias do século XXI)

Guia American Express – Porto (2008)

Pontos de Interesse	Área Temática	Nº de palavras
Ponte D. Maria Pia	Engenharia	73
Ponte Luiz I	Engenharia	67
Ponte da Arrábida	Engenharia	62
Ponte de S. João	Engenharia	31
Ponte do Infante	Engenharia	43
Ponte do Freixo	Engenharia	41
Depósito da Fabrica das Devesas	Civil	43
Café Majestic	Hotelaria	104
Café Piolho (Âncora d'Ouro)	Hotelaria	69
A Brasileira	Hotelaria	70
Café Progresso	Hotelaria	54
Café Guarany	Hotelaria	72
Festas de S. João	Lazer	163
Paço Episcopal	Civil	87
Casa museu Guerra Junqueiro	Museu	88
Igreja e Colégio de S. Lourenço	Religioso	105
Casa da Câmara	Civil	118
Escadas do Barredo	Urbanismo	205
Igreja do convento de Santa Clara	Religioso	150
Sé Catedral	Religioso	265
Ribeira	Urbanismo	111
Palacete de Belomonte	Civil	119
Mercado de Ferreira Borges	Economia	131
Igreja de S. Nicolau	Religioso	73
Casa do Infante	Civil	163
Feitoria Inglesa	Lazer	167
Praça da Ribeira	Urbanismo	205
Palácio da Bolsa	Economia	302
Igreja de S. Francisco	Religioso	213
Passeio e Jardim das Virtudes	Urbanismo	144
Museu do Carro Eléctrico	Museu	154
Museu do Vinho do Porto	Museu	118
Museu dos transportes e comunicação	Museu	123
Igreja de S. Pedro de Miragaia	Religioso	95
Fundação M ^a Isabel Guerra Junqueiro	Museu	111
Ruas de Miragaia	Urbanismo	168
Clérigos	Urbanismo	67
Igreja e Torre dos Clérigos	Religioso	144
Centro Português de Fotografia	Museu	90
Mosteiro de S. Bento da Vitoria	Religioso	97
Igreja das Carmelitas	Religioso	73
Igreja do Carmo	Religioso	117
Rua de Cedofeita	Urbanismo	143
Livraria Lello	Publico	78
Câmara Municipal	Civil	164
Coliseu do Porto	Lazer	82
Teatro Municipal Rivoli	Lazer	89
Mercado do Bolhão	Economia	59

Igreja de Santo Ildefonso	Religioso	139
Teatro Nacional de S. João	Lazer	138
Muralha Fernandina	Militar	82
Rua das Flores	Urbanismo	263
Museu e Igreja da Misericórdia	Religioso	114
Estação de S. Bento	Engenharia	141
Palácio de Cristal	Civil	95
Caminhos do Romântico	Urbanismo	114
Museu Romântico	Museu	104
Museu Nacional de Soares dos Reis	Museu	80
Boavista	Urbanismo	95
Monumento à Guerra Peninsular	Diversos	21
Hospital Militar	Publico	15
Cemitério de Agramonte	Publico	20
Casa da Musica	Civil	111
Igreja de Cedofeita	Religioso	106
Casa Museu Marta Ortigão Sampaio	Museu	65
Mercado do Bom Sucesso	Economia	140
Planetário	Publico	112
Museu e Fundação Engenheiro António de Almeida	Museu	80
Avenida da Boavista	Urbanismo	162
Fundação de Serralves e Museu de Arte Contemporânea	Museu	96
Foz Velha	Urbanismo	115
Farol de S. Miguel-o-Anjo	Engenharia	22
Jardim do Passeio Alegre	Urbanismo	136
Igreja de S. João da Foz	Religioso	175
Castelo de S. João da Foz	Militar	190
Fundação Eugénio de Andrade	Museu	120
Castelo do Queijo	Militar	130
Igreja de Nevogilde	Religioso	65
Fundação António Cupertino de Miranda	Museu	23
Parque da Cidade	Urbanismo	99
Estádio do Dragão	Lazer	155
Biblioteca Municipal Publica	Publico	165
Museu militar do Porto	Museu	105
Parque de Nova Sintra (Parque SMAS)	Urbanismo	145
Palácio do Freixo	Civil	120
Museu Nacional da Imprensa, jornais e artes gráficas	Museu	104
Jardim Botânico	Urbanismo	90

Guia Porto TouAqui (2010)

Pontos de Interesse	Área Temática	Nº de Palavras
Grand Hotel do Porto	Hotelaria	124
Hotel Pestana – Porto	Hotelaria	71
Hotel Infante de Sagres	Hotelaria	165
Confeitaria Cunha	Hotelaria	31
Tavi	Hotelaria	45
Confeitaria Duvália	Hotelaria	39
Arcádia	Hotelaria	44
Café Majestic	Hotelaria	140
A Brasileira	Hotelaria	106
Café Guarany	Hotelaria	66
Café Progresso	Hotelaria	72
O Cubo	Diversos	15
Casa do Infante	Publico	39
Feitoria Inglesa	Lazer	44
Ribeira Negra	Diversos	37
Mercado de Ferreira Borges	Lazer	21
Ponte D. Maria Pia	Engenharia	113
Ponte Luiz I	Engenharia	100
Ponte da Arrábida	Engenharia	77
Ponte de S. João	Engenharia	42
Ponte do Freixo	Engenharia	52
Ponte do Infante	Engenharia	65
Palácio da Bolsa	Economia	211
Igreja de S. Francisco	Religioso	244
Avenida dos Aliados	Urbanismo	175
Estátua de Almeida Garrett	Diversos	2
Estátua da Juventude	Diversos	26
Estátua de D. Pedro IV	Diversos	19
Igreja e Torre dos Clérigos	Religioso	104
Estação de S. Bento	Engenharia	195
Sé Catedral	Religioso	141
Praça de Gomes Teixeira	Urbanismo	52
Igreja do Carmo	Religioso	55
Igreja das Carmelitas	Religioso	55
Hospital de Santo António	Publico	54
Jardim da Cordoaria	Urbanismo	85
Centro Português de Fotografia	Museu	40
Mosteiro de S. Bento da Vitória	Religioso	79
Igreja de Santo Ildefonso	Religioso	74
Capela das Almas de Santa Catarina	Religioso	84
Igreja de Santa Clara	Religioso	99
Igreja da Lapa	Religioso	117
Biblioteca Municipal	Publico	97
Muralha Fernandina	Militar	84
Estádio do Dragão	Lazer	179
Estádio do Bessa	Lazer	77
Miragaia	Urbanismo	69
Castelo do Queijo	Militar	93

Palácio de Cristal	Civil	214
Foz do Douro	Urbanismo	210
Parque da Cidade	Urbanismo	152
Casa da Musica	Civil	180
Fundação de Serralves	Publico	304
Casa do Infante (Museu)	Museu	40
Museu do Vinho do Porto	Museu	19
Museu Militar	Museu	0
Casa Tait (Museu)	Museu	46
Casa museu Guerra Junqueiro	Museu	27
Museu do Carro Eléctrico	Museu	19
Museu Romântico	Museu	54
Museu Nacional de Soares dos Reis	Museu	58
Museu dos Transportes e da Comunicação	Museu	26
Casa museu Marta Ortigão Sampaio	Museu	24
Museu da Industria	Museu	39
Museu Nacional da Imprensa	Museu	30
Museu de Arte Sacra e Arqueologia	Museu	18
Casa museu Engenheiro António de Almeida	Museu	18
Festas de S. João	Lazer	221
Coliseu do Porto	Lazer	51
Teatro Rivoli	Lazer	45
Teatro Sá da Bandeira	Lazer	105
Teatro do Campo Alegre	Lazer	30
Teatro Carlos Alberto	Lazer	59
Mercado do Bolhão	Economia	249
A pérola do Bolhão	Publico	12
Araújo e Sobrinho	Publico	53
Livraria Lello e Irmão	Publico	15
Rua de Santa Catarina	Urbanismo	90
Rua de Cedofeita	Urbanismo	36
Rua de Sá da Bandeira	Urbanismo	36
Rua de Miguel Bombarda	Urbanismo	35
Museu do Papel moeda	Museu	44
Teatro Nacional de S. João	Lazer	111

Guia Porto Percursos (2011)

Pontos de Interesse	Área Temática	Nº de Palavras
Sé Catedral	Religioso	232
Torre Medieval	Militar	37
Casa da Camara	Civil	48
Casa do Beco de Redemoinhos	Civil	39
Muralha Primitiva	Militar	111
Igreja de Santa Clara	Religioso	138
Muralha Fernandina	Militar	127
Torre do Barredo	Militar	21
Muro dos Cobertos da ribeira	Militar	46
Postigo do carvão	Militar	45
Casa do Infante	Civil	54
Casa da Bolsa do Comercio	Economia	55
Casa da rua da Reboleira	Civil	33
Igreja de S. Francisco	Religioso	194
Hospital da confraria do Espirito Santo	Publico	101
Torre de Pedro Sem	Civil	40
Igreja de Cedofeita	Religioso	65
Paço Episcopal	Civil	38
Casa do Cónego Domingos Barbosa	Civil	54
Igreja da Ordem do Terço	Religioso	62
Igreja de Santo Ildefonso	Religioso	75
Igreja de Nossa Senhora da Esperança	Religioso	52
Igreja dos Terceiros do Carmo	Religioso	43
Igreja e Torre dos Clérigos	Religioso	52
Palácio de S. João Novo	Civil	45
Igreja da Misericórdia	Religioso	71
Igreja da Lapa	Religioso	44
Cemitério da Lapa	Publico	16
Igreja da Trindade	Religioso	31
Edifício da Antiga Casa Pia	Publico	29
Edifício da antiga Academia Politécnica	Publico	60
Hospital de Santo António	Publico	41
Palácio dos Carrancas	Civil	60
Edifício da antiga Cadeia da Relação	Publico	39
Igreja de Nossa Senhora da Vitoria	Religioso	36
Palácio da Bolsa	Economia	95
Igreja dos terceiros de S. Francisco	Religioso	40
Edifício da alfândega	Civil	56
Feitoria Inglesa	Lazer	74
Praça da Ribeira	Urbanismo	95
Capela das Almas	Religioso	49
Estação de S. Bento	Engenharia	78
Painel "Ribeira Negra"	Diversos	41
Igreja do Carmo	Religioso	56
Igreja de Massarelos	Religioso	62

